**JOSÉ HENRIQUE COSTA TENÓRIO**

# JOÃO DE BARRO:
## a arquitetura da Necessidade

Trabalho Final de Graduação apresentado ao Curso de Arquitetura e Urbanismo, da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo - FAU - da Universidade Federal de Alagoas - UFAL, a ser utilizado como requisito para obtenção do grau de bacharel em Arquitetura e Urbanismo, no semestre 2019.2.

Orientadora: Profª. Drª. Juliana Michaello Macêdo Dias

Maceió, Alagoas

2020

FOLHA DE APROVAÇÃO

JOSÉ HENRIQUE COSTA TENÓRIO

JOÃO DE BARRO:

a arquitetura da Necessidade

Trabalho Final de Graduação apresentado à Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Alagoas, como requisito para aquisição do título de Bacharel em Arquitetura e Urbanismo.

Aprovado em 20 de fevereiro de 2020.

_____

Profª. Drª. Juliana Michaello Macêdo Dias - UFAL (Orientadora)

Banca Examinadora:

_____

Profª. Drª. Roseline Vanessa Oliveira Machado - UFAL (Examinadora Interna)

_____

Profª. Drª. Flávia de Souza Araújo - UFAL (Examinadora Interna)

_____

Profª. Msc. João Paulo Omena da Silva - FAT (Examinador Externo)

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço aos meus pais que me deram suporte em todos os âmbitos para superar todos os obstáculos enfrentados durante minha graduação, isso inclui essa pesquisa.

Agradeço também a minha orientadora Juliana Michaello que superou comigo, minhas inseguranças.

E um agradecimento especial aos meus amigos, que acompanharam o processo não só desse trabalho, mas de todo o curso junto comigo, compartilhando de sentimentos em comum e me oferecendo respaldo psicológico e mãos de obra quando preciso. Obrigado, Izabela, Lucas, Lyara, entre outros!

**Inspiração:**

Pessoalmente, instiga-me ter escutado muitas vezes meu pai dizer: - “Eu quem planejei essa casa”, ele com suas palavras me informando que foi o ‘arquiteto’ daquele projeto, da casa em que morei a vida toda. O mesmo pensou na configuração, na forma, entre outros detalhes, além da certa interferência da minha mãe em tudo, mas principalmente em seu papel final de decoração e acabamento do espaço, aquele que por muito e muito tempo, chamei de ‘meu lugar’. Sem dúvidas meu pai foi a grande referência para atiçar o desejo de produzir este trabalho, um homem, casado, funcionário público, pai de dois filhos idealizou sua casa, projetou e coordenou a obra. É a partir da curiosidade de entender como esse homem fez apenas com uma necessidade, força de vontade e muita criatividade aquilo que eu escolhi estudar por cinco anos para fazer, que decidi entender como ocorre o fato da autoconstrução.

## RESUMO

Procura-se entender como são realizadas as construções autodidatas com foco na atualidade, essas que são desenvolvidas sem aparato técnico e especialidade, mas com incentivo da necessidade de se ‘morar’. A análise dessas autoconstruções no cenário do sertão alagoano, refletem parte do que é a atual arquitetura brasileira e como ela se manifesta. Em poucas palavras, a ideia é apresentar uma realidade de uma população que não é atendida pelo serviço técnico de construção civil, por muitos fatores, mais principalmente o financeiro; o descaso e o despreparo que o setor público ainda enfrenta com relação ao planejamento urbano; e a relação que se dá entre construtor e construção a partir desse processo mais íntimo de criação. Então, a partir de uma zona de expansão em uma cidade no sertão alagoano, planeja-se analisar de maneira profunda e intimista, as técnicas construtivas, a composição arquitetônica e a disposição de interiores que fazem parte dessa arquitetura quase que esquecida. E é a partir desse processo de descobrimento e olhares que se busca refletir melhor a respeito do papel social do arquiteto e urbanista na atualidade e questionar como a autoconstrução é vista perante sociedade, proibida, porém soberana em números no Brasil.



**Palavras-chave**: Autoconstrução; Casa; Assessoria Técnica.

**ABSTRACT**

This essay seeks to understand how self-taught constructions are carried out, focusing at the present time. Those expressions are developed without technical apparatus and specialty, however they're stimulated by the need to 'inhabit'. The analysis of these self-constructions on the countryside of Alagoas reflects part of what the current Brazilian architecture is and how it manifests itself. In resume, the idea is to present the reality of a population who is not served by the civil construction technical service, due to many factors, more especially to the financial one; the neglect and unpreparedness that the public sector still faces in relation to urban planning; and the intimate relationship that occurs between builder and building on this process of creation. Therefore, focusing at an expansion zone in a city in the interior of Alagoas, the paper proposes an analysis, in a deep and intimate way, of the construction techniques, the architectural composition and the layout of interiors that are part of this almost forgotten architecture. Through this process of discovery and outlook, the objective is to reflect more clearly the social role of the architect and urban planner nowadays and to question how self-construction is seen before society, prohibited, but sovereign in numbers in Brazil.

**Keywords**: Self-construction; Inhabit; Technical service.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Situação da cidade em Alagoas.....18
Figura 2 - Limite geográfico do município de Belo Monte e marcação da área com maior concentração de edificações da região. .....19
Figura 3 - Massa edificada do polo econômico e administrativo da cidade e marcação na área onde foi proposto a realização do estudo. .....20
Figura 4 - Destaque para a nova rua surgindo no município de Belo Monte e objeto de estudo desse trabalho. .....21
Figura 5 - Vista do percurso da 'rua' do recorte. .....22
Figura 6 - Vista do campo subtilizado e da rua em estudo ao fundo. .....23
Figura 7 - Vista de parte da cidade e do Rio em parte do topo do recorte. .....24
Figura 8 - Vista da rua com o poste praticamente centralizado na mesma. .....25
Figura 9 - Dona Bel. .....27
Figura 10 - Vista da fachada frontal. .....29
Figura 11 - Vista de uma das fachadas laterais. .....30
Figura 12 - Vista da antessala. .....31
Figura 13 - Vista da área de trabalho. .....32
Figura 14 - Vista da primeira sala. .....33
Figura 15 - Vista da entrada da sala de TV. .....34
Figura 16 - Vista da sala da TV. .....35
Figura 17 - Vista do quarto dos filhos. .....36
Figura 18 - Vista do quarto da dona Bel. .....37
Figura 19 - Vista da cozinha sem cozinha. .....39
Figura 20 - Vista do banheiro. .....40
Figura 21 - Vista da área de serviço. .....41
Figura 22 - Vista do quintal. .....42
Figura 23 - Vista da caixa d'água. .....43
Figura 24 - Vista de outra fachada lateral .....44
Figura 25 – Josivan e a filha Ana .....45
Figura 26 - Cristina e ao fundo, o filho, Antônio. .....45
Figura 27 - Vista da fachada frontal .....47
Figura 28 - Vista da sala. .....48
Figura 29 - Vista do quarto. .....49

Figura 30 - Vista da passagem entre os cômodos da casa.....50
Figura 31 - Vista da cozinha.....51
Figura 32 - Vista do quintal.....52
Figura 33 - Vista da fachada posterior. .....53
Figura 34 - Fachada frontal .....55
Figura 35 - Vista da sala. .....56
Figura 36 - Vista da cozinha.....57
Figura 37 - Vista do quarto do casal.....58
Figura 38 - Vista do quarto dos filhos.....59
Figura 39 - Vista do banheiro. .....60
Figura 40 - Vista do quintal.....61
Figura 41 - Vista do galinheiro.....62
Figura 42 - Vista do criador da porca maior. .....62
Figura 43 - Vista do criador de porcos menos, ao lado Ana.....63
Figura 44 - Vista da fachada posterior. .....64
Figura 45 - Jatobá. .....65
Figura 46 - Vista da fachada frontal. .....66
Figura 47 - Vista do cômodo vazio, com abertura para cozinha.....67
Figura 48 - Vista da gaiola de passarinho sob o teto. .....67
Figura 49 - Vista da cozinha.....68
Figura 50 - Vista do outro cômodo. .....69
Figura 51 - Vista do quarto do Jatobá. .....70
Figura 52 - Dona Geralda.....71
Figura 53 - Vista da fachada frontal. .....72
Figura 54 - Vista da sala. .....73
Figura 55 - Vista dos quadros de cunho religioso, utilizados como decoração e contemplação na parede da sala. .....74
Figura 56 - Sala do filho e neta. .....75
Figura 57 - Quarto da Dona Geralda.....76
Figura 58 - Vista um da cozinha.....77
Figura 59 - Vista dois da cozinha .....77
Figura 60 - Vista da transição entre cozinha e quintal.....78
Figura 61 - Uma das galinhas de Dona Geralda. .....79
Figura 62 - Fachada posterior. .....80

Figura 63 - Vista da casa no quintal. ..... 81
Figura 64 - Zé Nildo. ..... 82
Figura 65 - Vista da fachada frontal. ..... 83
Figura 66 - Vista da fachada da casa em construção. ..... 84
Figura 67 - Vista da parte interna da casa em construção. ..... 85
Figura 68 - Vista lateral da casa ainda em construção. ..... 85
Figura 69 - Vista da sala. ..... 86
Figura 70 - Vista do quarto. ..... 87
Figura 71 - Vista do primeiro quarto não quarto. ..... 88
Figura 72 - Vista do segundo quarto não quarto. ..... 89
Figura 73 - Vista do banheiro. ..... 90
Figura 74 - Vista da cozinha. ..... 91
Figura 75 - Vista um do quintal. ..... 92
Figura 76 - Vista dois do quintal. ..... 92
Figura 77 - Vista da fachada posterior. ..... 93
Figura 78 - Vista do cachorro junto a casa. ..... 94
Figura 79 - Jamil, a esposa e dois de seus filhos. ..... 95
Figura 80 - Vista da fachada frontal. ..... 96
Figura 81 - Vista da garagem. ..... 97
Figura 82 - Vista da sala. ..... 98
Figura 83 - Vista do quarto das crianças. ..... 99
Figura 84 - Vista do banheiro. ..... 100
Figura 85 - Vista do quarto do casal. ..... 101
Figura 86 - Vista um da cozinha. ..... 102
Figura 87 - Vista dois da cozinha. ..... 103
Figura 88 - Vista um do quintal. ..... 104
Figura 89 - Vista dois do quintal. ..... 104
Figura 90 - Vista da fachada posterior. ..... 105
Figura 91 - Vista da fachada lateral. ..... 106
Figura 92 - Josenias. ..... 107
Figura 93 - Vista da fachada frontal. ..... 108
Figura 94 - Vista um da sala. ..... 109
Figura 95 - Vista dois da sala. ..... 110
Figura 96 - Vista um da cozinha. ..... 111

Figura 97 - Vista dois da cozinha. ..... 111
Figura 98 - O quarto das crianças. ..... 112
Figura 99 - Vista do quarto do casal. ..... 113
Figura 100 - Vista do banheiro. ..... 114
Figura 101 - Vista do quintal. ..... 115
Figura 102 - Vista da fachada posterior. ..... 116
Figura 103 - Diane dos Santos. ..... 117
Figura 104 - Vista da fachada frontal. ..... 118
Figura 105 - A vista do quarto de Diane. ..... 119
Figura 106 - Vista dois do quarto de Diane. ..... 120
Figura 107 - Vista um da cozinha quarto. ..... 121
Figura 108 - Vista dois da cozinha quarto. ..... 121
Figura 109 - Vista do quintal. ..... 122
Figura 110 - Carla e família. ..... 123
Figura 111 - Vista da fachada frontal. ..... 124
Figura 112 - Vista da sala/garagem. ..... 125
Figura 113 - Vista da sala. ..... 126
Figura 114 - O quarto de visitas. ..... 127
Figura 115 - Vista do quarto das crianças. ..... 128
Figura 116 - Sala de estar/cozinha. ..... 129
Figura 117 - Vista da sala de estar/cozinha. ..... 130
Figura 118 - Vista do quarto de Carla. ..... 131
Figura 119 - Área de serviço/cozinha. ..... 132
Figura 120 - Vista um da área de serviço/cozinha. ..... 133
Figura 121 - Vista dois da área de serviço/cozinha ..... 133
Figura 122 - Vista do quintal. ..... 134
Figura 123 - Patos criados pela família. ..... 135
Figura 124 - Cachorro de estimação. ..... 135
Figura 125 - Vista do galinheiro. ..... 136
Figura 126 - Vista do espaço de porcos um. ..... 136
Figura 127 - Vista do espaço de porcos dois. ..... 137
Figura 128 - Criadouro de pássaros. ..... 137
Figura 129 - Eronildes. ..... 138
Figura 130 - Vista da estrutura do telhado. ..... 139

Figura 131 - Vista da fachada frontal. ..... 140
Figura 132 - Vista da sala..... 141
Figura 133 - Vista da cozinha..... 142
Figura 134 - Vista do quarto vazio..... 143
Figura 135 - Vista do quarto de Eronildes. ..... 144
Figura 136 - O depósito..... 145
Figura 137 - Vista do quintal..... 146
Figura 138 - Vista da área de serviço..... 147
Figura 139 - A princesa. ..... 148
Figura 140 - Vista do telhado da casa..... 149
Figura 141 - Vista da fachada frontal. ..... 150
Figura 142 - Vista da garagem..... 151
Figura 143 - Vista da varanda. ..... 152
Figura 144 - Vista um da sala..... 153
Figura 145 - Vista dois da sala..... 153
Figura 146 - Vista do banheiro. ..... 154
Figura 147 - Vista um da cozinha..... 155
Figura 148 - Vista dois da cozinha. ..... 156
Figura 149 - Vista três da cozinha..... 156
Figura 150 - Vista um do quarto do casal..... 157
Figura 151 - Vista dois do quarto do casal. ..... 158
Figura 152 - Banheiro do quarto..... 159
Figura 153 - Vista do outro quarto..... 160
Figura 154 - Vista da porta ao futuro quintal. ..... 161
Figura 155 - Vista da diferença de nível entre a casa e o futuro quintal..... 162
Figura 156 – Visão. ..... 163
Figura 157 – Quintal..... 164
Figura 158 – Televisão..... 165
Figura 159 – Ventilador. ..... 166
Figura 160 – Galinha..... 168
Figura 161 – Fachada de porta e janela..... 169
Figura 162 – Muro..... 170
Figura 163 – Revestimento cerâmico..... 171
Figura 164 - Pirâmide Etária da cidade de Belo Monte segundo o senso de 2010. 194

Figura 165 - Gráfico de população residente por religião segundo senso de 2010. 194
Figura 166 - Evolução do IDEB em Belo Monte para os anos inicias do ensino fundamental. 197
Figura 167 - Evolução do IDEB em Belo Monte para os anos finais do ensino fundamental. 198
Figura 168 - Paisagem se seca da região de Belo Monte. 200
Figura 169 - Animal morto pela seca do sertão. 201
Figura 170 - Margens do São Francisco na cidade de Belo Monte. 202
Figura 171 - Praia do povoado de Barra do Ipanema. 202
Figura 172 - Serras a beira do Rio Ipanema em Belo Monte. 203
Figura 173 - Exemplo de vegetação local, cactáceas. 204
Figura 174 - Tipologias de casas na cidade com fachada em porta e janela. 205
Figura 175 - Exemplar de edifício histórico, antigo prédio ocupado pela secretaria de Educação. 205
Figura 176 - Exemplar de casa em dois pavimentos na cidade. 206
Figura 177 - Praça Nossa Senhora do Bom Conselho. 207
Figura 178 - Praça do Amor. 207

**SUMÁRIO**

**1. INTRODUÇÃO ..... 14**
1.1. O saber a respeito da Autoconstrução ..... 15
1.2. Procedimentos metodológicos ..... 16

**2. O BIOMA (O CONTEXTO DO PLANEJAMENTO E DA CIDADE) ..... 18**

**3. MOLHANDO A TERRA (PROCESSO DESCRITIVO DAS CASAS AUTOCONSTRUÍDA) ..... 26**
3.1. Casa da Dona Bel ..... 26
3.2. Casa do Josivan e da Cristina ..... 44
3.3. Casa do Jatobá ..... 64
3.4. Casa da Dona Geralda ..... 70
3.5. Casa do Zé Nildo ..... 81
3.6. Casa do Jamil da Silva ..... 94
3.7. Casa do Josenias ..... 106
3.8. Casa da Diane ..... 116
3.9. Casa da Carla ..... 122
3.10. Casa do Eronildes ..... 138
3.11. Casa da Princesa ..... 147

**4. CONSTRUINDO A BASE (CARACTERÍSTICAS DAS CASAS AUTOCONSTRUÍDAS) ..... 162**

**5. MOLDAR A FORMA DO BARRO (REFLEXÃO SOBRE A RELAÇÃO DA AUTOCONSTRUÇÃO COM A SOCIEDADE) ..... 179**

**6. CONSIDERAÇÕES FINAIS ..... 188**

**REFERÊNCIAS ..... 189**

**ANEXO ..... 191**
Revestindo o interior com palha (adendo sobre a cidade de Belo Monte) ..... 191

# 1. INTRODUÇÃO

É com barro, raízes e galhos unidos até formar uma massa de argila que o João-de-barro esculpe sua casa, logo após o período de chuva, quando a água molha a terra e produz a matéria prima para seu trabalho. Um exemplo de arquitetura sustentável, a casa desse pássaro é construída em poucas semanas e se torna tão resistente que pode durar anos, suportando diferentes climas e permanecendo em bom estado.

Constrói-se uma base e a partir dela surge uma camada exterior em semicírculo, finalizando-se com uma abóbada. Sua abertura é voltada para o norte, assim a ave-arquiteta protege seu interior de ventos fortes. Além disso, o interior da casa é dividido em dois cômodos: o primeiro que permite a entrada do pássaro em pé; e um segundo, nos fundos e mais protegido, onde a fêmea pode manter seus ovos. Muitas vezes constroem ninhos uns sobre os outros e após abandonados, os mesmos são utilizados por outros animais. Narrar essa construção é quase como descrever uma construção humana, com planejamento, etapas, propósitos, podendo não ser o método mais prático ou econômico existente, mas surge a partir de uma necessidade. Constrói-se pela força de vontade de um ser e cumpre seu papel inquestionável de moradia.

No mundo há muitos Joãos que nem sempre são de barro, mas que instintivamente buscam uma moradia, o seu abrigo, e a partir de um conhecimento semelhante ou não ao da ave, surge uma construção igualmente pela necessidade. São desses ‘joãos’ e ‘marias’ que este trabalho pretende tratar, daqueles que sem conhecimento técnico, sem ofício de arquiteto, engenheiro, mestre de obras, ou qualquer outro nome que atribuam a alguém considerado preparado para tal função, produzem sua própria moradia, guiados por suas especificidades e condições.

Ambiciona-se entender como se constituem essas expressões autodidatas em uma área situada na cidade sertaneja de Belo Monte, uma das menores e mais jovens cidades de Alagoas. Nesta, o recorte de estudo é uma rua que se configura como expansão da região urbana da cidade, caracterizada pela falta de infraestrutura básica e por ser palco de algumas manifestações de autoconstrução.

Escutando os próprios criadores, investigando o objeto de criação e principalmente observando a interação entre ambos, o principal objetivo deste trabalho é entender a relação desenvolvida entre criador e criatura, através das características especificas de cada moradia.

Também se propõe apreender como estão sendo feitas as construções atualmente. Transpassar por suas técnicas, materiais, motivações, dinâmicas, entre outros aspectos. Escutar aqueles que produzem arquitetura, mesmo que não a oficial, e que são esquecidos, mas que podem ter muito a ensinar. Afinal, as autoconstruções constituem mais de 85%(CAU,2015) das obras realizadas atualmente no país e ignorar essa produção é dar as costas para a realidade da arquitetura brasileira. Até questionar o papel do arquiteto e urbanista nesse contexto.

## 1.1. O saber a respeito da Autoconstrução

Debruçando-se pela morfologia da palavra autoconstrução, sabendo que auto é um prefixo de origem grega que designa aquilo que é próprio ou que funciona por si só e que construção segundo dicionário online Dicio (2018) quer dizer ação de dar forma, edificação, construção de uma casa. Então tudo que é construído por si só, de si para si dentro de um contexto da construção civil, seria autoconstrução. Partindo disso a autoconstrução sempre foi praticada ao longo das eras, já que o homem sempre buscou se abrigar, independente do nome que se dava a casa.

Marginalizada dentro de um contexto de sociedade produzida por especialistas. Atualmente há recursos técnicos que permitem que as construções de residências sejam realizadas de forma mais segura, barata, rápida, entre outros pontos. Entretanto, a realidade é que grande parcela da população não tem acesso a essa produção especializada, já que a mesma exige um custo, esse que a população menos favorecida economicamente do país não tem como arcar ou que pode se afirmar que está em um mercado não explorado. Em pesquisa realizada pelo Conselho de Arquitetura Brasileira concluiu que “A principal razão para não contratação dos serviços de arquiteto e urbanista é de natureza financeira (falta de dinheiro, valor alto) ” (CAU/BR, 2015).

Segundo o dicionário online AULETE (2015), autoconstrução está relacionado a casa própria de baixo custo, construída pelo próprio usuário, com seu trabalho e

através de seus particulares meios. Ermínia Maricato (1982, p.71) trata a autoconstrução como um processo realizado por comunidade, feita com ajuda mútua, cooperação de pessoas, essas que podem ser vizinhos, amigos, parentes para a realização de uma construção. Que não envolve relação capitalista, sem trabalho pago.

A autoconstrução se tornou o único meio para a maior parcela da sociedade de alcançar o almejado lar, “a única alternativa possível para a produção da habitação de uma parcela significativa da população brasileira, dada a cobertura insuficiente propiciada pelas políticas públicas gerenciadas pelo Estado.”(OLIVEIRA, Larissa, 2017, p.16-17).

Neste trabalho a autoconstrução terá uma aplicação mais específica de apenas tratar das construções realizadas por seus moradores ou por contratação de serviços de mão de obra não especializada. Ou seja, sem a intervenção de um arquiteto, engenheiro, técnico em edificações, ou qualquer outro profissional capacitado da área. As casas erguidas sem estruturas capitalistas, mas sim por uma motivação: necessidade.

## 1.2. Procedimentos metodológicos

Primeiramente foi realizado um estudo de campo errante pela cidade escolhida, Belo Monte, para assim definir o recorte dentro do contexto citadino. Objetivou-se entrevistar, conhecer, fotografar exemplares de autoconstruções que foram erguidas pelo próprio morador ou de forma comunitária. Sem o auxílio de especialista de qualquer tipo, seja ele legalmente hábito ou não. A primeira visita a esses arquétipos de abrigo foi utilizada como primeiro contato, para entender um pouco de quem são os autoconstrutores e como se comporta a estética dessas locações. A partir desse primeiro contato novos rumos do trabalho foram definidos a partir das iniciais percepções.

Posteriormente, foi realizada uma pesquisa bibliográfica para entender melhor o contexto em que surgiram esses abrigos. Assim como identificar como se deu o processo histórico para se chegar no cenário atual dessas construções. Criou-se um panorama da cidade e da rua afim de possuir maior embasamento para as próximas

etapas da pesquisa. Adentrar nas realidades das comunidades onde as residências estão inseridas.

Buscou-se, em seguida, fazer novas visitas aos exemplares arquitetônicos, a fim de ter uma maior aproximação com os ‘joãos’ e ‘marias’ de barro. Perceber e identificar as interações que há entre ser e objeto. Quais cômodos existem e como são utilizados, analisar as plantas, fluxos, aberturas, número de moradores, entre outros aspectos, a fim de adquirir uma visão mais profunda dessa tipologia arquitetônica.

Por se tratar de um trabalho que envolveu entrevistas, visitas de campo, ou seja, foi moldado a partir desses fatores perceptivos ao longo do percurso. A ideia se manteve no aspecto que o trabalho possuísse a fluidez do objeto de estudo e que se permitisse modificar objetivos e etapas de acordo com as necessidades surgidas ao longo do estudo.

No final, ambicionou-se criar uma síntese desses exemplares estudados que se concluem com uma reflexão a respeito de como se dá a relação entre morador e moradia de autoconstruções. E a partir disso prever como o arquiteto se encaixa dentro desse contexto, pensar no profissional com um papel potencializador de uma arquitetura inundada de história, tradições, conceito e prováveis pontos positivos a serem explorados. Questionando a atuação do governo, da universidade e dos profissionais considerados aptos para exercer a função de construir.

Os capítulos receberam nomes que fazem analogia a etapas do modo de construir do João de Barro com sua moradia. Assim como nessa construção da natureza, esse trabalho foi realizado aos poucos passo a passo, sendo determinado pelos acontecimentos e questionamentos que surgiam com o contato com a comunidade em Belo Monte. O bioma, faz menção ao espaço em que estão inseridas as construções, como no caso do pássaro. Molhar o barro, foi a etapa de descobrir essas casas, preparar a essência do trabalho. Construir a base, a etapa de criar embasamento, analisar o que foi construído e erguer as primeiras conclusões. Moldar a forma, foi a etapa de direcionar a pesquisa para a etapa final, como essas casas são vistas e refletem na sociedade. O adendo (anexos) é a parte de revestir o interior,

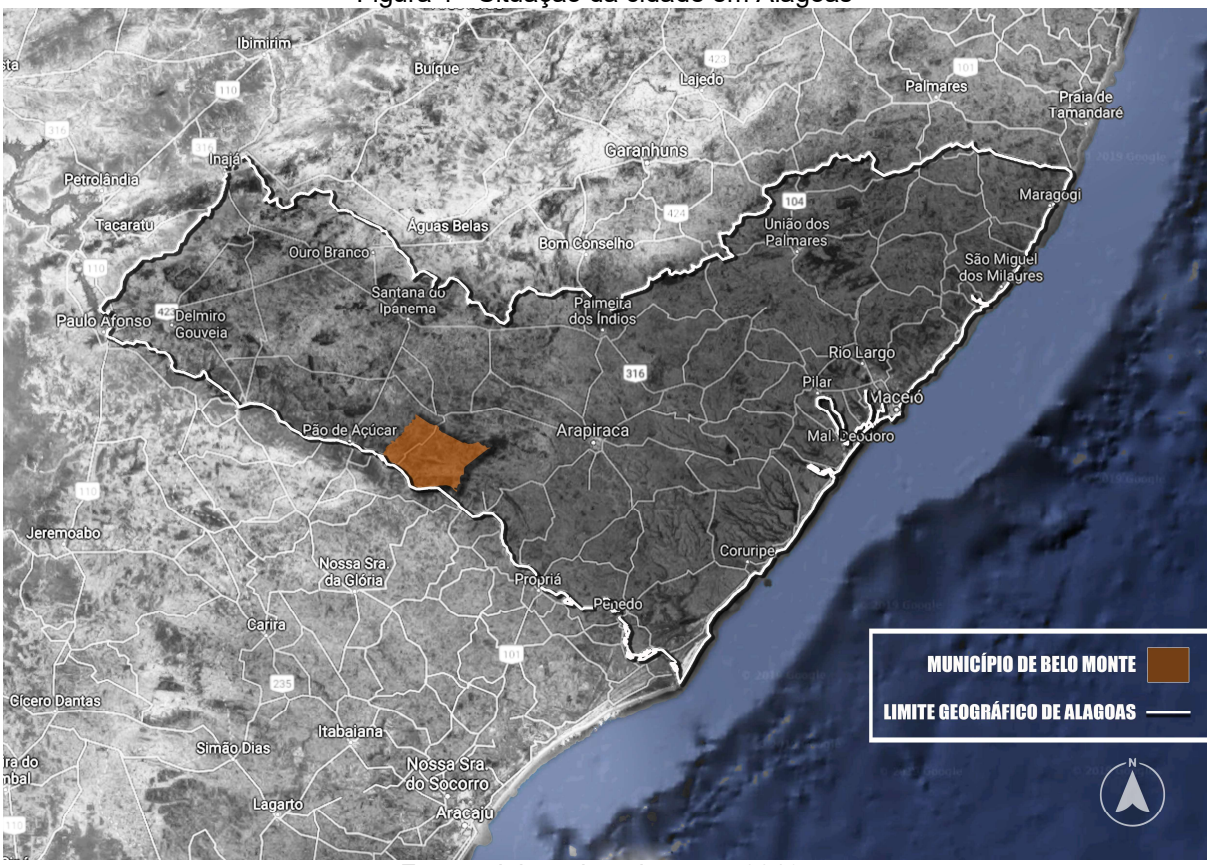
que assim como nas casas autoconstruídas, o revestimento não é essencial, mas faz parte do processo.

## 2. O BIOMA (O CONTEXTO DO PLANEJAMENTO URBANO E A CIDADE)

O recorte escolhido para realização desse trabalho foi a cidade de Belo Monte, uma cidade marcada pela seca, com acesso difícil, mas que sobrevive às margens de um dos maiores bens naturais desse país, o rio São Francisco. Relativamente nova, Belo Monte ainda é bastante desconhecida e é até difícil reconhecê-la como cidade, por sua pequena extensão e falta de autonomia quanto a necessidade de vários serviços.

Belo Monte é um município localizado no Estado de Alagoas, pertencente à mesorregião do sertão alagoano. Possui 334,2 km² de área e divide suas fronteiras com o município de Batalha, Pão de Açúcar, Palestina, Jacaré dos Homens e Traipu.

Figura 1 - Situação da cidade em Alagoas

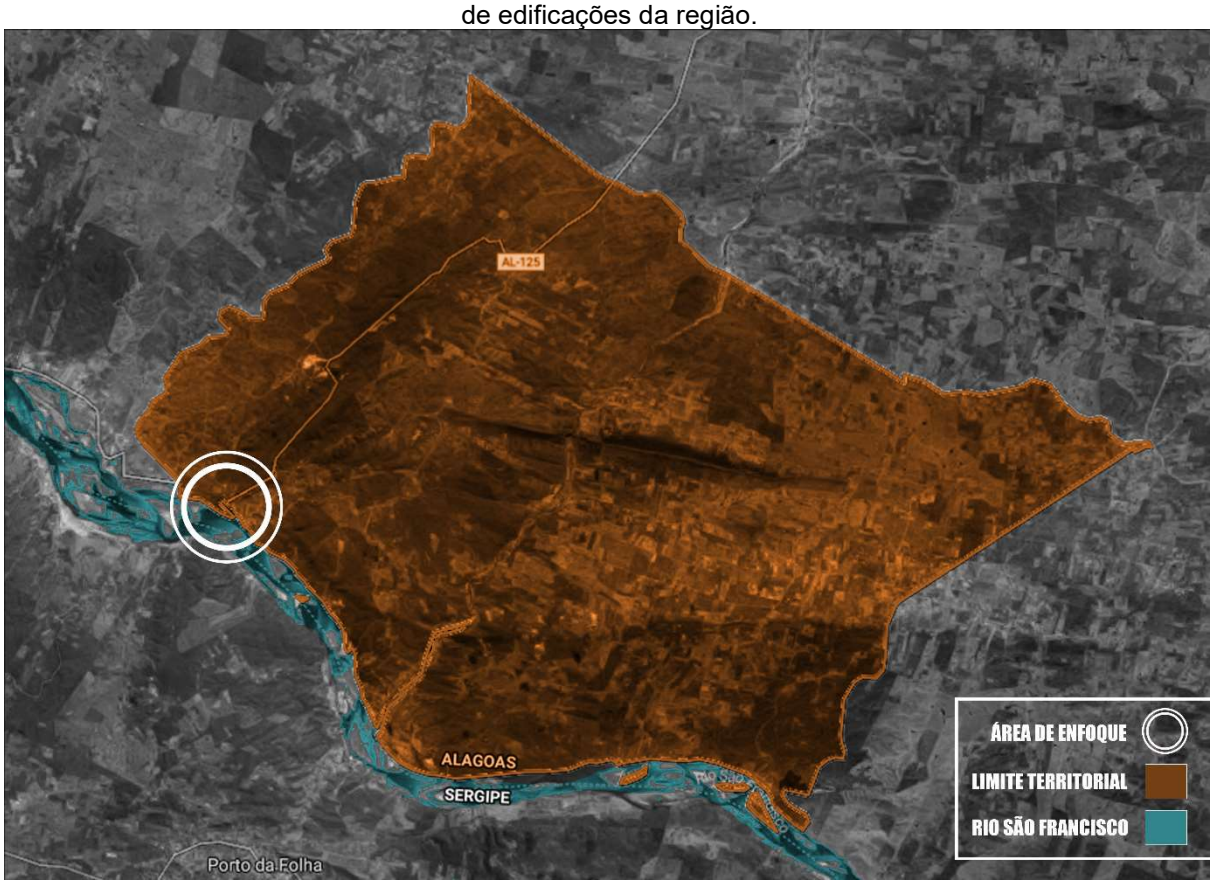



Fonte: elaborada pelo autor, 2019.

Possui a sorte de ter em seu território muitos recursos hídricos, como já citado o principal deles é o Rio São Francisco, que margeia 36 quilômetros da cidade de Belo

Monte, e é um dos seus principais recursos econômicos, funciona como amenizador climático e adere a cidade uma paisagem para contemplação. E por esse motivo concentrou boa parte da população da cidade em suas margens como se pode notar na imagem a seguir.

Figura 2 - Limite geográfico do município de Belo Monte e marcação da área com maior concentração de edificações da região.




Fonte: elaborada pelo autor, 2019.

Com um número médio de 500 edificações (contagem realizada por imagem de satélite do Google Earth no ano de 2019) situadas em sua área mais ‘urbanizada’, Belo Monte reitera os dados de cidade pequena que é. Contando com 7 030 habitantes, segundo o último censo (2010), com densidade demográfica de 21 habitantes por km² no território do município. Atualmente, além dessa região mais edificada demonstrada na figura acima e melhor exposta na imagem a seguir, o município ainda é composto pelos povoados de Olho d’Água Novo, Restinga, Barra do Ipanema, Poço do Marco, Jacobina e Riacho da Jacobina.

Figura 3 - Massa edificada do polo econômico e administrativo da cidade e marcação na área onde foi proposto a realização do estudo.

Fonte: elaborada pelo autor, 2019.

Belo Monte é um exemplar de cidade pequena sertaneja, com desenvolvimento lento, crescimento da malha urbana orgânico e com praticamente cem por cento de construções autoconstruídas. Ainda possui acesso dificultoso, afinal as estradas que possibilitam a chegada e saída do município são ainda em barro, sem a pavimentação, o que dificulta a locomoção, retrasando todo e qualquer tipo de desenvolvimento urbano. Ou seja, apesar de ser considerada cidade, ela ainda apresenta uma configuração quase rural, por não ser independente quanto a muitos serviços, como saúde, comércio, entre muitos outros, necessitando do apoio de cidades vizinhas, como Batalha e Pão de Açúcar ou cidades mais evoluídas urbanamente como Arapiraca.

E por isso, sendo uma cidade quase não cidade em comparativos com outros centros urbanos próximos, esquecida, que é o ambiente ideal para ser palco de uma pesquisa. O recorte em si, foi escolhido, a partir de uma análise do tempo de execução desse estudo e por ser exemplar de uma rua surgindo dentro desse crescimento urbano não ordenado, sem infraestrutura prévia e atual básica e surgindo com

arquétipos de autoconstrução, sendo amostras não só de arquitetura vernacular, como principalmente de arquitetura popular brasileira.

Figura 4 - Destaque para a nova rua surgindo no município de Belo Monte e objeto de estudo desse trabalho.

Fonte: elaborada pelo autor, 2019.

Figura 5 - Vista do percurso da ‘rua’ do recorte.

Fonte: elaborada pelo autor, 2019.

Ela está situada ao lado de um campo de futebol subutilizado, que serve mais para espaço de criação de animais e brincadeiras de crianças. E tem como configuração topográfica, uma elevação bem proeminente, sendo assim ‘a rua’, ganha quase um aspecto de ladeira. Do topo da mesma se tem visão de toda a cidade e à medida que você a sobe, você a descobre a cada passo, o horizonte se expandindo em chão de areia e novas construções.

Figura 6 - Vista do campo subtilizado e da rua em estudo ao fundo.

Fonte: elaborada pelo autor, 2019.

E segundo o relato dos próprios moradores, começou como as típicas novas formações de ruas nas cidades não planejadas pelo poder público. Dois donos de um grande pedaço de chão, moradores da cidade de Belo Monte chamados, Dona Sebastiana e Nildo, lotearam seu minifúndio e à medida que as pessoas iam os comprando, iam surgindo casas. Já que era um terreno que se encontrava muito próximo a região mais edificada do município, onde de fato se conhece como a cidade de Belo Monte. Ou seja, uma localização atrativa para expansão da malha urbana.

Figura 7 - Vista de parte da cidade e do Rio em parte do topo do recorte.

Fonte: elaborada pelo autor, 2019.

A venda dos lotes foi tão inesperada quanto o surgimento das construções, sendo assim foram vendidos sem medidas exatas e de maneira aleatória, segundo o próprio relato dos moradores. Sem delimitações, as edificações foram elevadas sem se pensar exatamente na rua e em recuos, mas a partir da visão de seu construtor. Isso ocasionou um problema quanto ao caminho, a própria rua, já que ela se tornou refém do bom senso de cada dono de lote, lhe restando apenas a sobra de espaço entre as casas de cada lado do terreno original. Importante salientar que já existia, o que se chamam de ‘caminho de rato’, que são as passagens de carro de boi no terreno. Já que a primeira casa construída foi feita bem no topo da rua, dessa maneira esse caminho que hoje é a rua, serviu também como base para venda dos lotes vendidos e do que seria construído. Pode-se afirmar que tudo ocorreu de forma concomitante, há ordem não ficou clara, mas provavelmente surgiu a primeira casa em conjunto com o caminho de rato e à medida que as casas iam surgindo ocupavam ou adicionavam espaço para a prévia do que seria a rua, assim foi criando forma.

Com o objetivo de facilitar o acesso, principalmente para passagem de automóveis, os moradores mais antigos já estabeleceram quase normas para as construções que vem surgindo, exigindo que os novos moradores tenham consciência

de estabelecer recuos frontal, prevendo a calçada e mantendo o espaço da rua. Exemplo de uma aprendizagem empírica de planejamento urbano. Uma adversidade que venho em conjunto com essa questão, era o poste que se encontrava bem no meio dessa passagem estreita (como pode-se ver na foto a seguir), assim dificultando ainda mais a passagem de carros. Mas o problema foi resolvido, já que o poste foi deslocado posteriormente para a calçada da casa mais próxima, por autoridades responsáveis, melhorando as condições dos moradores.

Figura 8 - Vista da rua com o poste praticamente centralizado na mesma.

Fonte: elaborada pelo autor, 2019.

Afim de entender como essas construções surgiram e conhecer um pouco mais de como são construídas as residências no sertão alagoano, foram feitas entrevistas com seus moradores, afinal foram em boa parte, eles quem levantaram seus tijolos, ou no mínimo idealizaram como surgiriam. Então, não faria sentido apenas ir admirar ou criticar as obras realizadas por outros, pretendia-se pelo menos se fazer entender como os mesmos se sentiam em meio as paredes que vivem. Foram assim realizadas 13 entrevistas, infelizmente algumas casas estão ainda desocupadas ou os moradores não foram encontrados, durante as 4 visitas realizadas no local. Entretanto o conteúdo assimilado já permite que se possa desbravar, ou digamos, iniciar o que seria compreender os joãos de barro do sertão.

A metodologia utilizada para destrinchar esses espaços de morar, foi retirada muito em base do livro A Casa Subjetiva (2002) de Ludmila Brandão, que traz uma análise de casas a partir da criação de conceitos para a mesma. Através de uma visão subjetiva e que pretende criar certa 'intimidade' entre a casa e o conceito gerado, "ainda que isso tenha sido apenas intuído'' como ela afirma no livro. Nesse trabalho, apesar de se buscar ter uma linguagem inspirada no que Ludmila construiu em seu livro, vai além de intuição a criação do conceito da casa, já que há evidências que o determinam, ou melhor, fatos, relatos, falas... Aqui o conceito das casas é o próprio morador.

## 3. MOLHANDO A TERRA (PROCESSO DESCRITIVO DAS CASAS AUTOCONSTRUÍDAS)

A seguir você vai poder conhecer um pouco dessas casas, como funcionam, seus cômodos, suas características, modos construtivos, do que se pode colher dos olhares de seus construtores. Sendo esses exemplos de construção popular sertaneja e que são reflexo da vivência e conhecimento de gente que com pouco, fez ser suficiente.

### 3.1. Casa da Dona Bel

**Dona Bel**

Uma das primeiras histórias conhecidas foi a da Dona Bel, uma mulher de atualmente 53 anos, mãe de dois filhos e fator determinante para esse trabalho ocorrer nessa região. Originária da cidade de Palmeira dos Índios, veio de uma comunidade quilombola, que recentemente foi reconhecida dessa maneira. Infelizmente dentro da nova divisão de terra dessa antiga fazenda, a família da dona Bel não foi beneficiada para receber um pedaço da propriedade para si. Simultaneamente aconteceram algumas outras situações na vida dela, como conhecer um futuro namorado pelo telefone. E quem diria que as pessoas ainda se conhecem pelo telefone em plena era digital? Mas aconteceu com ela, ela se apaixonou por um homem de Belo Monte, no período de tempo de um mês.

Ela que na época era empregada doméstica, juntou todo o dinheiro que tinha e aceitou uma oferta que ele a fez: de comprar um terreno que estava sendo vendido

por um preço muito acessível na cidade dele. Como o sonho de Dona Bel sempre foi ter sua casa própria para morar com seus filhos e ajudar sua mãe, junto com a situação de não ter sido agraciada com um pedaço de chão no quilombo de Palmeira, ela prontamente aceitou a oferta. Em uma quinta-feira, a mesma depositou toda a quantia na conta de sua paixão belmontense, na sexta-feira ela se encaminhou a cidade para passar o terreno para seu nome, mas ao chegar lá, ele já havia comprado a terra e colocado em nome dele. Ela foi com tudo que tinha a Belo Monte, suas roupas, filhos e seus bens, porém o pior aconteceu, Dona Bel foi largada por ele e deixada sem dinheiro e teto. Assim, há 6 anos atrás, começou uma nova fase de luta na vida dessa mulher, que sempre foi sofrida. Ela alugou uma casa por um tempo, enquanto conseguiu paga-la, depois foi viver em um barraco, construído por ela e pelos filhos.

Logo, essa mulher foi em busca de um novo meio de sobreviver, foi assim que achou na pesca, uma maneira de dar a volta por cima nessa situação. Dessa maneira que começou a história dela como uma ‘maria de barro’ e umas das principais inspirações desse projeto.

Figura 9 - Dona Bel.

Fonte: elaborada pelo autor, 2019.

**A casa**

Com o dinheiro da pescaria ela conseguiu comprar dois terrenos bem baratos, cada um no valor de R$ 700,00 reais, que hoje são a base da casa dela e da sua mãe. Em entrevista, Dona Bel ensinou como fez bloco por bloco até subir as paredes de sua construção. Ela começou indo atrás de conhecimento, buscou um pedreiro da região e aprendeu como fazia blocos de cimento. Conseguiu doação dos materiais, sacos de cimento, areia, tudo a base da boa caridade da comunidade. Com a ajuda principalmente da filha mais velha, ela foi moldando a casa há aproximadamente 2 anos. Só bastou levantar as paredes principais e cobrir com coberta, que a mesmo foi morar no local com os filhos. A construção ao todo durou um ano, sem reboco, sem piso, apenas vedações e telhado. Na primeira visita a sua casa, ela estava na fase de colocar as esquadrias, essas que ela também conseguia através de doações como ela revelou.

**Sua estrutura**

É toda feita em blocos de cimentos e telhado de telha cerâmica comum, apoiada em estrutura de madeira na configuração de uma água apenas, ou seja, com inclinação para águas da chuva em apenas uma direção.

**A fachada frontal**

De configuração simples, sem muro, é exposta a rua, essa que a Dona Bel adora passear. Revestida em cimento puro, o cinza compõe junto com o degrau de tijolo que ajuda a nivelar a casa, uma paleta de cores barrosa em conjunto com o telhado. A porta e janela de metal, seguem o mesmo modelo, dois exemplares, os quais a dona da casa conseguiu por doação. Esquadria ornamentada, sem vidro e com aspecto antigo, percebido pelo metal já oxidado que se mistura as tonalidades quentes do resto dos materiais. Pela fachada também se vê a antena parabólica que traz o mundo para dentro da casa da ex pescadora.

Figura 10 - Vista da fachada frontal.

Fonte: elaborada pelo autor, 2019.

**Fachada lateral 1**

Crua de cimento que cobre os tijolos. Existem duas aberturas, janelas sem esquadrias, vazios que são preenchidos pelo filho de dona Bel que anseia em ver de outros ângulos o mundo.

Figura 11 - Vista de uma das fachadas laterais.

Fonte: elaborada pelo autor, 2019.

**Antessala**

Composta por uma parede de pedras, nova, executada em pouco tempo, no intervalo de duas visitas a casa. Essa está repleta de plantas, que demonstra uma sensibilidade relacionada ao reino vegetal e a estética em trazer o verde para dentro da casa. A parede separa a antessala do espaço de trabalho de dona Bel. E as paredes chamam atenção por serem em um tom de azul cobalto.

Figura 12 - Vista da antessala.

Fonte: elaborada pelo autor, 2019.

**Espaço de trabalho**

Local onde Dona Bel passa muito tempo, é onde se dedica aos seus trabalhos como costureira. O espaço que divide a parte da varanda da frente da casa, tem como enfeite o lado não revestido da meia parede em cimento. Uma mesa simples de madeira MDF pintada em branco, sobre esta, está a máquina de costura nova e onde geralmente está a tesoura, seu outro instrumento de grande uso. Pregada na meia parede, um nicho que serve de superfície para todas as linhas da costureira, que formam quase um quadro cubista de cores vibrantes. Ao chão, um banco de madeira que serve como assento de Dona Bel, a antiga máquina de costura, alguns objetos soltos, mas o cenário é mesmo repleto de restos de tecido.

Completando o espaço, há duas mesas de apoio ao fundo, sob a janela lateral que permite vista para fora da casa, além desta ainda há uma abertura para dentro da residência e outra para fora que permite vista para a rua. A primeira e a última feitas em gradil enferrujados, já a interna é mais moderna em alumínio e vidro e tem aspecto de recém adquirida. A mais, há um armário, com um aparelho de som antigo na parte superior, entre outros objetos, alguns de decoração, outros de uso comum, como um

vasilhame. E duas cadeiras de ferro, revestidas com tiras entrelaçadas, completamente cobertas por restos de tecidos e roupas.

Figura 13 - Vista da área de trabalho.

Fonte: elaborada pelo autor, 2019.

**A primeira sala**

O piso segue em cimento, como em todos os outros ambientes da casa. Esse, um ambiente quase de passagem, sem muita mobília. Em seu fundo concentra uma mesa baixa que alicerça um vaso de flores artificiais e um exemplar de artesanato regional, uma boneca cangaceira em argila. Em suas extremidades, pode-se perceber, duas cadeiras em madeira com almofadas em tons de ocre e na outra, um sofá de três lugares que segue a mesma linguagem das cadeiras. As paredes são pintadas com apenas uma mão de cal.

Figura 14 - Vista da primeira sala.

Fonte: elaborada pelo autor, 2019.

**Sala de TV**

Logo da abertura de passagem entre a primeira sala e a sala de TV, vê se dois móveis em destaque, uma poltrona e um sofá em vermelho amaranto, ambos com a mesmo estilo, revestidos em plástico. O primeiro totalmente tomado por roupas, o segundo mais livre, apenas com o controle da televisão e uma almofada antiga, surrada, com um desenho em preto e branco de textura. Ao lado deste último há uma cadeira de ferro, revestida de material entrelaçado em mesmo estilo das que estavam apoiando roupas no espaço de trabalho de Dona Bel. Completando a cena, uma estante baixa com duas prateleiras, a mais alta composta por televisão e uma tesoura; a mais baixa, com alguns vasos de decoração, uma caixa de madeira crua e alguns outros itens dispostos.

As paredes seguem com apenas uma mão de cal, porém no fundo da TV, a composição é outra. Há um revestimento de cerâmica na cor verde musgo, dividido em pequenos quadrados por linhas brancas.

Figura 15 - Vista da entrada da sala de TV.

Fonte: elaborada pelo autor, 2019.

Figura 16 - Vista da sala da TV.

Fonte: elaborada pelo autor, 2019.

**Quarto dos filhos**

A direita na sala de TV, uma entrada é vedada por uma porta de alvenaria de madeira simples. Ao entrar se descobre duas camas dispostas nas extremidades laterais do quarto, ambas encostadas nas paredes, ali onde dorme os dois jovens da casa. Ao fundo, uma janela em esquadria de alumínio e vidro que é tranquilizada por uma cortina de plástico azulado, presa a um suporte em madeira clara. O quarto reflete um pouco da bagunça de jovens e crianças, comum, e a falta de tempo de uma mãe que trabalha para garantir a sobrevivência da família. As camas são em madeira, a do canto esquerdo, mas moderna tem como cabeceira um modelo em duas faixas apoiadas por ripas verticais, enquanto que a do canto direito, já apresenta mais adorno unida a uma imagem mais antiga.

Ainda sobre o espaço em que descansam, uma das camas possui o lençol de forrar a cama sempre solto, deixando a capa do colchão exposta, enquanto que a outra apesar de permanecer com seu forro, tem outros muitos tecidos por cima, formando várias camadas de tecidos, mais um travesseiro. No chão, a estrutura de antiga gaveta, funciona como mesa centro e apoio a vasilhames, entre outros

elementos como um elástico de cabelos. Ainda se pode ver, caixas soltas, tênis jogados, algumas sacolas e um ventilador que é o que salva os filhos de dona Bel do calor do sertão.

Figura 17 - Vista do quarto dos filhos.

Fonte: elaborada pelo autor, 2019.

**Quarto de Dona Bel**

Não há muito no quarto da costureira, há entrada assim como no quarto dos filhos também é vedada por uma porta de madeira simples. Dentro apenas uma cama de casal, com cabeceira em madeira com aspecto antigo. A cama é coberta com um grande lençol enfeitado, porém sem travesseiros. Ao fundo uma abertura de esquadria em alumínio e vidro, que segue praticamente a mesma linguagem do quarto anterior com uma cortina. A simplicidade do quarto é praticamente um reflexo da moradora, simples e suficiente.

Figura 18 - Vista do quarto da dona Bel.

Fonte: elaborada pelo autor, 2019.

**A cozinha sem cozinha**

Seguindo pelos quartos, chega-se a uma outra área que seria uma cozinha, porém que foge da configuração padrão na qual em geral se está acostumado. O ambiente só possui uma geladeira e uma mesa redonda com um jogo de cadeiras pequenas. Além disso, há um armário em madeira bem antigo, um pouco danificado, com portas meio soltas, repleto de utensílios para alimentação e de cozinhar, como travessas, panelas, entre outros também com aparência de já muito utilizados. Sobre o mesmo móvel, vê-se sacolas plásticas, tampas de isopor e até sandálias. Junto, há uma caixa com um saco de estopa, ao lado um móvel baixo de alumínio que serve para amparar uma toalha molhada e alguns outros objetos sobre o mesmo. Ainda se tem um outro móvel de duas alturas, que sustenta pratos, saco de sal, produtos de limpeza e higiene pessoal; na prateleira de baixo, latas de insumos, como leite. Ao lado apoiado em uma estrutura de ferro, sacos de produtos de construção e um travesseiro.

Mas o que chama atenção mesmo são as ‘ausências’, a falta de fogão, a falta de pia, entre outros elementos que uma cozinha ‘comum’ teria, segundo a configuração de senso comum. Essas faltas se explicam por Dona Bel viver ao lado da casa de sua mãe, onde de fato tem uma cozinha mais equipada e é onde ela e sua família se alimentam. Para a dona da casa não faz muito sentido replicar um espaço dentro de sua residência, sendo que a casa de sua mãe, já é uma extensão da sua. Não que a mesma não deseje tê-la, mas que dentro do contexto em que está inserida, não se caracteriza como uma de suas prioridades.

Figura 19 - Vista da cozinha sem cozinha.

Fonte: elaborada pelo autor, 2019.

**Banheiro**

Ao fundo da cozinha, está o banheiro, sem porta de vedação, apenas uma abertura que dá acesso a um sanitário e um chuveiro sem caixa box, junto, um lixeiro baixo e um balde grande. Uma abertura de uma janela alta, em esquadria de alumínio e um ralo improvisado na base da parede, que é por onde escorre a água do banho até o quintal.

Figura 20 - Vista do banheiro.

Fonte: elaborada pelo autor, 2019.

**Área de serviço**

Seguindo para uma passagem à direita da cozinha, chega-se a área de serviço. Logo, vê-se duas grandes aberturas com brises horizontais, um grande balde repleto de utensílios, vários vasilhames entre outros elementos. Uma vassoura encostada na pilastra, indica o próximo elemento que é uma pia, cheia de mais outros utensílios de cozinha sujos, como um liquidificador, esperando suas lavagens. Em baixo, a pia serve a função de armário, apesar de sem portas, então sempre está repleta de outros acessórios de cozinha.

As aberturas apoiam três mudas de plantas, assim como saco de açúcar. Compondo a visão, tem-se dois exemplares de pássaros sendo criados em gaiolas presas as ripas do telhado exposto, junto com o verde do quintal ao fundo. No canto direito, está a porta de saída a área externa.

Figura 21 - Vista da área de serviço.

Fonte: elaborada pelo autor, 2019.

**Quintal**

O chão de areia é empestado de materiais jogados fora, latas, sandálias, tijolos, grades, bacias, muito se pode encontrar por ali. Assim como galinhas que são criadas e um cachorro alegre que adora se divertir com visitantes. O espaço é vedado por uma cerca improvisada com restos de pedaços de pau, enfileirados. Nesse espaço também há um buraco que é o sistema de drenagem improvisado, para onde escorre a água do banheiro, sobre o mesmo passa um cano de PVC que atravessa a área externa até uma fossa também improvisada, levando os dejetos. Além das cercas, há árvores baixas que ajudam a esconder e vedar o quintal, entretanto o mesmo é aberto pela fachada lateral direita da casa.

Nesse mesmo local, há uma grande caixa d'agua que é onde Dona Bel armazena toda a água que será utilizada, afinal não há sistema de abastecimento de água no local para ela. Geralmente a água apenas chega pela parte da noite, por isso é importante armazenar quanto água puder ainda durante o período do dia, infelizmente a caixa d'água não é muito bem aproveitada por estar a nível do solo e sem oferecer o auxílio da gravidade, prejudica sua utilização.

Figura 22 - Vista do quintal.

Fonte: elaborada pelo autor, 2019.

Figura 23 - Vista da caixa d'água.

Fonte: elaborada pelo autor, 2019.

**Fachada lateral 2**

Essa fachada também é toda em cimento aparente, mas demonstra ainda um esqueleto de estrutura que caracteriza uma reforma recente. O tijolo vermelho aparente, é a pista que permite definir o espaço como reforma, já que a maior parte da casa que foi construída em blocos de cimento, feitos pelos próprios moradores. Ali se tem três aberturas, uma sendo alta e outras mais baixas, referentes aos quartos. Em conjunto, basicamente muita areia e vários restos de entulhos de construção, madeira, tijolos, entre outros.

Figura 24 - Vista de outra fachada lateral

Fonte: elaborada pelo autor, 2019.

## 3.2. Casa do Josivan e da Cristina

**Josivan e Cristina**

Josivan casado com Cristina, de respectivamente, 27 e 32 anos, um desempregado, que trabalha como autônomo fazendo o que aparece como o mesmo diz e a outra que trabalha como faxineira nas casas de família da cidade. São pais de 3 meninos, Ana Júlia de 5 anos, Antônio de 9 e Rafael que estava prestes a completar 12 anos. Dois pais trabalhadores que apresentam um caso interessante nesse trabalho, são reflexo da mudança rápida que ocorrem nas autoconstruções brasileiras. A família se mudou para a 'rua' no começo de 2018, através do aluguel de uma casa de taipa e ali passaram um bom tempo sofrendo com a precariedade da instalação, até que em torno de um ano, construíram uma nova casa no local.

Aqui se apresentará as duas casas, que foram conhecidas cada uma nas duas primeiras visitas realizadas ao local, a primeira ainda em taipa e a segunda já uma construção três meses depois em alvenaria.

Figura 25 – Josivan e a filha Ana

Fonte: elaborada pelo autor, 2019.

Figura 26 - Cristina e ao fundo, o filho, Antônio.

Fonte: elaborada pelo autor, 2019.

## A casa (primeira)

### A estrutura

A casa foi feita toda em taipa de pilão, típica construção vernacular da região. Eles depositaram alguns pedaços grossos de madeira verticalmente para estruturar bem as paredes, além desses, acrescentou-se pedaços mais finos e assim adicionaram o barro com fibras como preenchimento e liga.

Apesar dos atuais moradores não terem sido os construtores dessa casa, a estrutura se evidenciava, principalmente por ser exposta nas paredes sem revestimento. O telhado era composto por uma tesoura simples improvisada com grandes pedaços de madeira como da estrutura das paredes e se seguia com ripas e caibros, sendo alicerce para o revestimento de telhas em cerâmica vermelha.

### A fachada frontal

A frente da casa, a priori não escancarava que sua estrutura era taipa, afinal, era revestida com cal e pintada em cor rosa claro. Mas se analisasse bem o acabamento e as fissuras, percebia-se a composição mais vernacular da mesma. Possuía uma porta e janela em madeira antiga, bem rústica, composta por ripas na vertical. A porta com composição de porta e janela, como se pode notar na foto a seguir e a caixa registradora de energia bem no centro da parede. Além disso, pode se perceber como foram adicionadas as esquadrias, com pedaços de madeira como estrutura base, formando a caixa e sendo a base da tesoura o final das mesmas. O número da casa, quase não se nota, aparece bem sutil entre a porta e a fiação da caixa registradora, escrito a mão.

A casa em si, não apresentava fachadas laterais, já que a mesma era encostada lateralmente por ambos os lados a outras duas casas na rua. E outro ponto importante, a mesma não possuía banheiro.

Figura 27 - Vista da fachada frontal

Fonte: elaborada pelo autor, 2019.

**A sala**

O primeiro cômodo de entrada é a sala, com pé direito bem baixo, seguindo a configuração da casa. Ela se divide do quarto por um fechamento de lençol antigo, amarrado na base da tesoura exposta do telhado sem forro. Dele cai uma lâmpada fluorescente que ilumina os dois cômodos. Na sala um móvel de madeira envernizada bem brilhante, que com aquela aparência rústica da casa, contrasta. Paredes em cal, manchadas de barro, de sua própria configuração. E o seu grande atrativo, a televisão, o ponto do mundo contemporâneo (além da lâmpada), no espaço. Que mais uma vez defronta com o calendário de papel ainda sendo utilizado como medidor de tempo, mantendo-se pregado em uma de suas paredes.

Figura 28 - Vista da sala.

Fonte: elaborada pelo autor, 2019.

**O quarto**

Um só para toda a família, quando os pequenos não dormiam na casa da avó, por conta da falta de espaço do local. Apenas uma cama de solteiro, desforrada, o que expressa um uso recente e sem objetos para conforto, o travesseiro era improvisado por uma manta enrolada. Ao lado da cama, um armário pequeno de duas portas, com madeira nova, mas com referências antigas, apresentando adornos. Entretanto gasto, como pode-se ver já sem uma de suas maçanetas. Completando o espaço, um mosquiteiro, um objeto muito comum, dos interiores e típico do sertão, para proteger a dormida dos ataques de mosquitos. E as paredes seguem em cal com traços de barro.

Figura 29 - Vista do quarto.

Fonte: elaborada pelo autor, 2019.

**O corredor**

A passagem pelos três cômodos da casa, é bem mais escuro e estreito. Não chega a ser um cômodo, afinal não tem extensão para isso e a comunicação entre os espaços da casa é direta, mas possui suas características. É em linha reta da porta de entrada da casa à porta do quintal, possuía um varal improvisado e já na cozinha, um pequeno armário púrpura que guardava utensílios.

Figura 30 - Vista da passagem entre os cômodos da casa.

Fonte: elaborada pelo autor, 2019.

**A cozinha**

As paredes seguem em cal em conjunto com barro. Uma pia pequena para lavagem dos pratos e ali o único espaço da casa com revestimento cerâmico, apenas na extensão da pia, funcionando como um rodamão e protegendo a estrutura da casa do contato direto com a água. Ao lado um criado-mudo com gaveta, serve como suporte para alicerçar utensílios para cozinhar, logo acima dele uma janela em madeira da mesma configuração que a da fachada. Já não muito útil por conta do fechamento das construções ao lado, uma característica que ajuda a concluir que essa casa provavelmente é mais antiga na rua. Em baixo do criado, um botijão de gás, servindo para o fogão ao lado, com aspecto de muito novo, branco brilhante que no espaço só não contrasta com a geladeira da mesma cor, que estava bem ao fundo da parede. E seguindo com uma mesa em madeira, com aspecto mais de já muito utilizada, simples, com cadeiras na mesma composição já no fim da parede que dividia o cômodo com o quarto.

Os panos de prato se deitam sobre as cadeiras de madeira e o escorredor é apenas uma corda sobre a pia que serve para prender os utensílios, permitindo o

escoamento da água. A porta de madeira tem a mesma configuração da porta de entrada e ali permite a entrada da luz natural e do verde do quintal.

Figura 31 - Vista da cozinha.

Fonte: elaborada pelo autor, 2019.

**O quintal**

Com cercado em madeira, onde se tinha o tanque para lavar roupas e bacias que cheias de água serviam para ajudar na lavagem. Com vista para uma serra e vegetação típica da caatinga, o verde também se fazia presente em contraste com o chão de barro, a partir dos pés de mamão aqui ali estavam. E se encontrava também, um pequeno espaço para acúmulo de madeira e provavelmente trabalho manual, coberto, estruturado por madeiras e uma mesinha.

Compondo a paisagem, ainda se encontra a bicicleta amarela dos filhos e a constatação que foram utilizados os muros do vizinho como vedação do quintal junto com o cercado de madeira. Trazendo a configuração de típica construção contemporânea de alvenaria para a realidade da família.

Figura 32 - Vista do quintal.

Fonte: elaborada pelo autor, 2019.

**Fachada posterior**

Sendo está escondida, não possui revestimento e é a que mais deixa claro como se deu a estrutura da casa. Percebe-se bem as madeiras mais grossas distribuídas verticalmente para dar sustentação e as mais finas dispostas horizontalmente para ajudar na vedação e na moldagem do barro.

No fechamento da tesoura, perceptível, que foi um arranjado de improviso com MDF's(Placa de fibra de média densidade) antigos. A configuração da porta é reflexo do que foi falado na parte da cozinha, acrescentando apenas nessa fachada a tubulação que sai diretamente da pia da cozinha para o chão de barro do quintal e o degrau para acessar a casa, o que evidencia uma inclinação no terreno.

Figura 33 - Vista da fachada posterior.

Fonte: elaborada pelo autor, 2019.

**A casa (segunda)**

A segunda casa venho alguns meses depois da primeira entrevista na residência da família, a vontade de ter a casa própria e tentando fugir dos problemas que enfrentavam com a outra moradia. Como o aparecimento de muitos besouros, graças ao barro, até aparecimento de cobras e sem falar nas ‘pingueiras’.

Reaproveitando muitos materiais da casa antiga, como as próprias telhas e utilizando do conhecimento de Josivan, que trabalhava como pedreiro, levantaram a nova morada. A construção da casa também contou com a ajuda de Cristina e dos filhos, que na época serviram como serventes de pedreiros, auxiliando o pai. O tempo para erguer a nova casa foi em torno de duas semanas, a rapidez de quem tem necessidade. Estão rebocando a casa aos poucos, a medida em que o bolso permite, afinal ainda estão pagando as madeiras que tiveram que ser compradas, dinheiro advindo do auxílio de morte que a filha menor recebe. Mas Cristina conta estar feliz, pois agora consegue dormir tranquila, sem medo da chuva que apavorava seus pensamentos ao ver seus filhos sofrerem com a água que escorria do telhado antigo.

**A estrutura**

Essa já segue padrões construtivos mais comuns, foi feita em alvenaria, tijolo com cimento, porém sem estrutura em concreto e ferro. Ou seja, as paredes são estruturais, uma casa sem pilares e tampouco foi notada a presença de vigas. O telhado de duas águas, composto por telhas cerâmicas reaproveitadas, alicerçadas por caibros e ripas, que são apoiadas nas próprias paredes. Sua fundação, foi toda feita em pedra, como é comum na região.

**A fachada frontal**

O terreno percebe-se ser inclinado, desde sua fachada, através da nivelação realizada com uma parede estrutural de suporte de fundação. A casa apresenta varanda/calçada, coberta de cimento que dá acesso a uma pequena rampa de 50cm para acesso à rua. A cor da casa é proveniente do próprio revestimento, informando que apesar da falta de dinheiro para finalizar com pintura, houve uma preocupação com seu fechamento. Em contraste com o cimento, as alvenarias seguindo a tradicional configuração de porta e janela, brancas, em madeira e com adorno. Fora isso a fachada é composta pelo registo de luz quase ao centro e o telhado em vermelho cerâmico, além de Dona Cristina, que pela porta pode ver pela luz do sol a vida passar.

Figura 34 - Fachada frontal

Fonte: elaborada pelo autor, 2019.

**A sala**

De entrada o primeiro cômodo é a sala, que tem como protagonista como na maioria das casas que foram encontradas nesse trabalho, a televisão. Eletrônico já ultrapassado para alguns, mas que para essas famílias é o que dá acesso ao resto do mundo. Ela, apoiada em uma mesa branca de madeira de três prateleiras com pontas arredondadas na cor marsala. Sobre ela também se encontra, alguns produtos de beleza e o controle da tv. Para compor o espaço, uma cadeira de madeira em ripas espaçadas e um banco de plástico baixo na cor rosa, ocupados pelos dois filhos mais novos, Ana Júlia e Antônio que se perdem em meio a tela brilhante.

Figura 35 - Vista da sala.

Fonte: elaborada pelo autor, 2019.

**A cozinha**

Seguindo o fluxo da casa, o próximo cômodo pós sala, é a cozinha. Com as maiores dimensões da residência, sem janela, o ambiente é um pouco mais escuro, tendo apenas ponto de luz natural e com fluxo de vento direto, a porta para o quintal. Com as paredes em tijolo aparente e recém construído, muito da cozinha antiga seguiu, em disposição diferente, mas seguindo uma lógica semelhante. Os brancos brilhantes, fogão e geladeira; as mesas de madeira, cadeira, seguem na cozinha. A pia também ganhou novo espaço, com alicerce similar, feito em tijolo. E apesar de agora ter surgido um escorredor de prato, o varal improvisado para secar panos e pratos continua como apoio. A porta que dá acesso direto ao quintal, foi reaproveitada da casa antiga.

A cozinha é um dos espaços que demonstra bem a ideia de que apesar da família estar em novo local, muitos costumes e vivências dos moradores continuam, o varal para secar na cozinha é exemplo disso.

Figura 36 - Vista da cozinha.

Fonte: elaborada pelo autor, 2019.

**Quarto do casal**

Sem esquadrias para dividir os espaços, a abertura que sugere uma porta, é substituída por um lençol, esse, amarrado enquanto o sol ainda clareia a casa e solto para cobrir a intimidade dos usuários do quarto a noite. A cama forrada com um lençol no canto do quarto tem a frente dela uma cadeira para nivelar o ventilador a altura da família deitada. E uma televisão também está presente no local, bem antiga e pequena sobre uma mesa fina de madeira e ferro. Em um saco pendurado na parede com um prego, guarda utensílios pessoais, como as escovas de dente, por exemplo. A luz entra direto da rua pela janela à frente da cama.

Figura 37 - Vista do quarto do casal.

Fonte: elaborada pelo autor, 2019.

**Quarto dos filhos**

Neste, não há nada que impeça o contato visual da parte interna do quarto à cozinha. Com duas camas situadas cada uma encostada em uma parede do espaço, ainda em tijolos aparentes. As camas de madeira com cabeceira de adorno simples, os colchões desforrados demonstram o uso recente. O ambiente termina sendo composto por uma cadeira antiga de madeira em pintura branca junto com uma mesa alta estreita também de madeira que serve como guarda-roupas dos filhos. Além disso um mosquiteiro rosa foi pendurado sobre uma das camas, amarrado enquanto não é utilizado.

Figura 38 - Vista do quarto dos filhos.

Fonte: elaborada pelo autor, 2019.

**Banheiro**

O banheiro continua como o resto da casa, com a alvenaria exposta e piso em cimento. Sem condições adequadas para um espaço de área molhada, mas com um ralo que cumpre a função de escoamento e é o espaço que apesar de não ideal supre as necessidades higiênicas da família, algo que eles não possuíam na outra casa. Composto pelo vaso sanitário, vasilhas e botijões de água que substituem os chuveiros convencionais e novamente um varal improvisado que é utilizado para secar as roupas íntimas. Outro espaço que apesar de não possuir esquadria de fechamento, possuí um lençol como paliativo.

Figura 39 - Vista do banheiro.

Fonte: elaborada pelo autor, 2019.

## O quintal

O espaço do quintal seguiu o modelo anterior, mas com uma extensão bem maior e ganhando novas utilidades. Agora em um local mais livre, apenas vedado por um cercado baixo de pedaços de pau, a estrutura de trabalho continua, entretanto, o telhado de restos de madeira e telhas aumentou e agora também cobre o tanque para lavagem de roupa. Ainda apresenta um varal para estender as roupas, enquanto os pés de mamão perderam espaço para bananeiras e outras árvores frutíferas.

Foi feito um galinheiro com restos de madeiras simulando um cercado bem vedado, que serve de encosto para o carrinho de mão. E já próximo a grande elevação do terreno que é mais próximo do campo de futebol, aparecem uns dois arrumadinhos, locais feitos por parte de tijolos, partes de madeiras, parte criatividade de fechamento para criação de porcos. No mais antigo, com porta de ferro, a porca mãe, enquanto que os menores porcos que vivem presos no outro espaço. Lugar muito visitado pelas crianças, Ana que apesar de não ter batizado nenhum dos porquinhos, tem zelo em cuidar dos mesmos e se orgulha em mostra-los.

Figura 40 - Vista do quintal.

Fonte: elaborada pelo autor, 2019.

Figura 41 - Vista do galinheiro.

Fonte: elaborada pelo autor, 2019.

Figura 42 - Vista do criador da porca maior.

Fonte: elaborada pelo autor, 2019.

Figura 43 - Vista do criador de porcos menos, ao lado Ana.

Fonte: elaborada pelo autor, 2019.

**A fachada posterior**

A fachada vista pelo quintal da casa, evidencia novamente como em toda a configuração da casa, sua estrutura. Os tijolos aparentes, o rejunte exposto e percebe-se bem na foto abaixo, o encontro entre paredes perpendiculares na casa. Tijolos se encontrando em duas direções em três linhas. Na cena, pode-se ver também Antônio de 9 anos ajudando a mãe em atividades domésticas, esfregando um cobertor no chão cimentado do quintal, enquanto a mãe supervisiona a tarefa de olhos nas panelas que atrás dela estão fervendo para gerar o almoço da família.

Figura 44 - Vista da fachada posterior.

Fonte: elaborada pelo autor, 2019.

**As outras fachadas**

Seguem o padrão da fachada posterior, elementos construtivos aparentes e sem aberturas. Sem essas a casa fica refém da ventilação não cruzada das portas e da única janela no quarto do casal.

## 3.3. Casa do Jatobá

**Jatobá**

José Alberto da Silva Anastácio, tem 39 anos, morava em Jacaré dos Homens e é mais conhecido como Jatobá. Antes possuía uma casa na cidade, centro mais edificado até que resolveu fazer uma troca nessa atual residência, a mesma que é a mais antiga da ‘rua’ em estudo.

Desempregado, o mesmo se sustenta graças ao programa Bolsa Família, assim como a grande maioria da população da cidade e principalmente dessa ‘rua’. Um homem tranquilo, que é a pura simpatia, sorri, sem muitas palavras e vive a lutar por melhorias nas condições da ‘rua’.

Figura 45 - Jatobá.

Fonte: elaborada pelo autor, 2019.

**A casa**

O dono não conhece muito de como a casa foi construída, como se levantou, apenas que foi feita por Zé Garrincha, provavelmente o antigo dono e que a casa veio antes da casa de Dona Bel que é uma das pioneiras. Demonstrou vontade de reforma-la até o final do ano.

A casa em si não tem banheiro e é simples em sua composição, praticamente sem móveis, reflete que a vivência de Jatobá está mais na rua do que entre paredes.

**A estrutura**

Toda feita em blocos de cimento, sem colunas, as paredes são todas estruturais. As mesmas que alicerçam a coberta de duas águas, formada por caibros e ripas, apoiadas nas paredes e daí surgem as telhas cerâmicas vermelhas.

**A fachada frontal**

O tom acinzentado do revestimento em cimento, esconde a composição estrutural da mesma. O telhado em telhas cerâmicas desagua sobre a fachada. Em

um tom terroso, a porta e janela, típico das fachadas da região, são marrons com desgaste esbranquiçado, em madeira. A calçada, nivelada com tijolos maciços e também coberta com cimento, é quase a extensão da parede, se o desgaste da chuva não tivesse deixado sua marca escura na base da fachada.

Uma lâmpada incandescente quase ao meio, sem número que identifique a casa, terminando de se compor com a antena parabólica que já escancara a presença da essencial, televisão.

Figura 46 - Vista da fachada frontal.

Fonte: elaborada pelo autor, 2019.

**O primeiro cômodo**

Não pode ser chamado de sala, nem de garagem, ali Jatobá deixa sua moto, mas é um grande vazio sem móveis. As paredes sem revestimento, demonstram as linhas dos tijolos. E além de um pedaço de madeira e da gaiola de um pássaro, um galo de campina, que está pendurada pelo teto, o ambiente só serve como passagem para rua pelo morador.

Figura 47 - Vista do cômodo vazio, com abertura para cozinha.

Fonte: elaborada pelo autor, 2019.

Figura 48 - Vista da gaiola de passarinho sob o teto.

Fonte: elaborada pelo autor, 2019.

## A cozinha

Na cozinha da casa, também pouco se tem, uma lâmpada fluorescente cai do telhado no centro do ambiente e ali se encontra a porta para o quintal da casa, fechada de madeira bem antiga e já bem gasta, assim como um vazio em uma das paredes que é o acesso a outro cômodo.

Além disso pode se ver uma pia estruturada sobre mini paredes em tijolos e alguns utensílios escorrendo sobre a mesma. A parte superior dela, a que mais molha foi reforçada com cimento, já que a cozinha segue com a estrutura exposta. E de eletrodomésticos, uma geladeira, antiga, branca brilhante que segue no mesmo estilo do fogão que está na outra extremidade do local, com panelas.

Figura 49 - Vista da cozinha.

Fonte: elaborada pelo autor, 2019.

## O outro cômodo

Mais um cômodo vazio, que Jatobá chama de mais um quarto, porém que sem familiares ou amigos para dividirem a casa com ele, não possui utilidade alguma a não ser, existir. As paredes seguem a linguagem do resto da casa internamente, com a única diferença que nesse espaço, apresenta muitos buracos na parede.

Figura 50 - Vista do outro cômodo.

Fonte: elaborada pelo autor, 2019.

**Quarto do Jatobá**

O quarto também tem pouco, reforçando a vida simples que o morador leva. Apenas uma cama baixa que guarda um colchão, desforrado, com algumas roupas por cima. Um armário amarelo desbotado, com ar de antigo, uma caixa de papelão que guarda roupas também sobre ele e ao lado a televisão, o entretenimento que traz a companhia que o Jatobá procura na rua, para dentro de casa.

Ali também é o único espaço que tem janela, aquela da fachada e uma das três entradas de vento e luz natural de toda a casa.

Figura 51 - Vista do quarto do Jatobá.

Fonte: elaborada pelo autor, 2019.

## 3.4. Casa da Dona Geralda

**Dona Geralda**

Geralda Maria da Conceição, mãe de Dona Bel já citada anteriormente, uma senhora que carrega no rosto e nas mãos as marcas do trabalho que praticou a vida inteira na roça. Atualmente mora com seu filho e uma neta em sua atual casa, a que falaremos aqui. Aposentada, Dona Geralda passa o dia cuidando da sua morada, do seu arado no quintal, suas galinhas e cozinhando para família.

Ela que seguiu a filha até Belo Monte, morou primeiro em uma casa alugada na cidade, junto com a filha e os netos, até poder construir sua moradia e assim, enfim realizar o sonho de uma vida, o da casa própria.

Figura 52 - Dona Geralda.

Fonte: elaborada pelo autor, 2019.

## A casa

Após comprar um terreno ao lado do da filha, a família em mutirão construiu a primeira casa, essa que veio antes da de Dona Bel. Filha, filho, mãe, netos e netas se juntaram e como a ex pescadora declarou em seu relato, levantaram a casa com o que buscaram aprender e na prática construíram uma casa.

## A estrutura

Esta segue o exemplar da casa de Dona Bel e outras, toda em blocos de cimento, desenvolvidos pelos próprios moradores, sem colunas ou vigas. Ou seja, paredes estruturais que seguram o telhado, junto com estrutura parecida com tesoura em madeira, que forma o desenho de duas águas, essas possuem base em caibros e ripas expostos internamente, suportando as telhas cerâmicas vermelhas. A fundação preenchida com pedras é nivelada com tijolos cerâmicos vermelhos de oito furos.

## A fachada frontal

Com a estrutura semi exposta, a fachada frontal segue o brutalismo, não tendência, mas reflexo da necessidade, por falta de recursos financeiros para revestir. As linhas da junção dos blocos de cimento formam a textura da fachada junto com parte do cimento que a veda, como na foto a seguir. A calçada segue a mesma linha, toda coberta em cimento liso, assim como a escada de três degraus que dá acesso a porta de entrada.

O modelo não foge da configuração de porta e janela, em madeira crua em linhas horizontais. Compondo a cena, duas gaiolas de pássaros presas sobre a parede escancaram um hábito sertanejo de criação. A frente um bocado de pedaços de pau, que servem na construção dos cercados das produções da 'rua'. Por fim, telhado no tom avermelhado com antena parabólica que é presença garantida e indispensável nas residências da região.

Figura 53 - Vista da fachada frontal.

Fonte: elaborada pelo autor, 2019.

## A sala

Na sala de Dona Geralda, a linguagem da estética das paredes segue a de estrutura exposta. Percebe-se na área a presença de duas cadeiras de plástico em tom verde neon dispostas frente à TV LCD presa a uma das paredes, essa que entretêm a família ao lado do outro grande distrativo dos mesmos, a porta que dá visão a rua.

Além disso, faz parte do cômodo, outra gaiola de passarinho que demonstra o afeto da dona da casa aos bichos. Algumas fiações desnudas percorrem como cobras rastejando as paredes, e como enfeites são utilizados quadros de figuras representativas da religião católica, indicando a devoção da moradora. Por fim, a passagem da sala aos outros cômodos, em geral segue aberta, sem esquadria, mas com um lençol a postos que serve para cobrir a área quando for necessário, para manter a privacidade dos outros espaços. O piso, como em toda a casa, em cimento.

Figura 54 - Vista da sala.

Fonte: elaborada pelo autor, 2019.

Figura 55 - Vista dos quadros de cunho religioso, utilizados como decoração e contemplação na parede da sala.

Fonte: elaborada pelo autor, 2019.

## Quarto do filho e da neta

O primeiro quarto, que é contemplado com a iluminação e ventilação direta de uma das poucas aberturas da casa, a da fachada frontal, é ocupado pelo filho de Dona Geralda, de 33 anos e pela filha dele, de 13 anos. Duas camas de solteiro foram dispostas nas extremidades dos quartos. São as únicas coisas que ocupam o espaço, duas camas simples com colchões desforrados sobre elas muitas roupas, além de uma cadeira com um balde cheio de vestimentas. Um quarto repleto de pouco, a cara do que é viver com o que é necessário.

Figura 56 - Sala do filho e neta.

Fonte: elaborada pelo autor, 2019.

**Quarto da Dona Geralda**

O quarto da dona da casa vem em seguida, com uma janela de escotilha de alumínio e vidro que tem vista para quintal da residência. Uma cama simples de solteiro que tem uma cabeceira em semicírculo, em estrutura de alumínio tubular. Junto um colchão forrado e um travesseiro sobre o mesmo. Ao lado da cama, uma cadeira coberta por um lençol esconde e preserva algo que Dona Geralda não quis compartilhar, mas que provavelmente são suas roupas e o lençol serve como proteção para poeira. As paredes seguem expostas, sem revestimento.

Figura 57 - Quarto da Dona Geralda.

Fonte: elaborada pelo autor, 2019.

## A cozinha

A cozinha, passagem entre a sala e o quintal, cumpre a função não só de completar essa casa, mas também a de Dona Bel. Afinal é nela que são preparadas todas as refeições da família, seja ela moradora ou vizinha da residência. Na mesma, comporta o fogão de quatro bocas, branco. Um armário em tom amarelo com partes pretas, em madeira, já um pouco antigo, como se pode perceber por indícios de desgaste e algumas partes faltando. Nele estão os utensílios para cozinhar, como panelas, vasilhames, entre outros. Há ainda uma geladeira prata antiga, decorada com um cisne branco e um botijão azul.

No local, existem duas aberturas, a porta de madeira que dá direto para área de transição junto ao quintal e uma janela de guilhotina em alumínio, escondida por um lençol azul pendurado junto a parede.

Figura 58 - Vista um da cozinha.

Fonte: elaborada pelo autor, 2019.

Figura 59 - Vista dois da cozinha

Fonte: elaborada pelo autor, 2019.

**Espaço que transita entre cozinha e quintal**

Chegando no quintal, um anexo, que foge do padrão da casa toda, uma construção já em moldes convencionais, com tijolo aparente cerâmico vermelho de oito furos. Exemplar daquilo que surgiu depois, não estava no planejamento inicial da casa, mas com o tempo, surgiu a necessidade e a família completou o espaço. Uma meia parede separa o espaço do quintal que emana verde. Sob a abertura, uma pia, com a louça depositada para lavar. Ao lado, um forno à lenha que ainda é muito utilizado. Compondo o local, uma estrutura em ferro, funciona como 'cabideiro' para estruturar as panelas e tampas.

Figura 60 - Vista da transição entre cozinha e quintal.

Fonte: elaborada pelo autor, 2019.

Dona Geralda, cria suas galinhas, que apesar de terem o fim na panela para alimentar a boca dela e dos familiares, ela cuida muito bem. De certo modo, para a senhora que passa o dia em casa, as galinhas são companhia. E elas transitam por todos os espaços, do quintal a sala, sendo praticamente moradoras do local.

Figura 61 - Uma das galinhas de Dona Geralda.

Fonte: elaborada pelo autor, 2019.

**O quintal**

Compondo com o solo terroso, o cercado como em outros exemplares expostos nesse trabalho, são feitos com pedaços de madeira enfileirados verticalmente. Junto a terra, mais pedaços de madeira, combustível do fogo à lenha. Um varal estruturado com troncos de árvores, sustentam as roupas secando. Pela parte de fora, também se percebe a encanação exposta e que a água da pia vai direto a essa área externa, água que será drenada naturalmente pela terra. O verde que é visto ao horizonte se junta aos pés de mamão plantados no quintal.

Figura 62 - Fachada posterior.

Fonte: elaborada pelo autor, 2019.

**Casa do quintal**

Uma surpresa, ao chegar no quintal de Dona Geralda e descobrir que naquele terreno não só há uma casa, mas duas. A neta de 17 anos da dona da casa, tem outra residência no quintal da mesma. Feita por mutirão em família, a jovem construiu uma segunda casa no local. Infelizmente a dona do imóvel não estava no local e não se tem muitas informações sobre o espaço em si.

Mas por fora, percebe-se uma casa toda em taipa, muito pequena, que provavelmente tenha no máximo dois cômodos e telhado com telhas cerâmicas vermelhas. Um exemplar de mais um jeito de morar, gerado pela necessidade e feito como e onde pode ser feito.

Figura 63 - Vista da casa no quintal.

Fonte: elaborada pelo autor, 2019.

## 3.5. Casa do Zé Nildo

**Zé Nildo**

Um homem de 36 anos muito simpático e alegre, que recebe todos de bom grado e com o sorriso de canto a canto do rosto. Pai de três filhos, ele não se diz casado, mas sim, 'amancebado' (termo coloquial regionalista) com a mulher, essa, mãe dos filhos de 11, 8 e 2 anos. Um dos motivos é que o casal não mora na mesma casa, enquanto a mulher vive mais próximo ao centro da cidade, Zé que mora na 'rua', dorme junto aos dois filhos maiores, variando de dois a quatro dias com ele na semana.

Atualmente ele sustenta as casas e os filhos, trabalhando como pedreiro. Aprendeu a profissão por curiosidade, começou observando e ajudando como servente, ainda durante a construção de sua própria casa, essa ainda de taipa. E assim seguiu como servente, até que um dia se viu desafiado pelo próprio irmão mais novo, que seguia esse ramo de trabalho e fez a primeira casa, desde então ele conta que nunca faltou serviço.

Figura 64 - Zé Nildo.

Fonte: elaborada pelo autor, 2019.

**A casa**

O terreno foi medido de maneira equivocada, o que fez com que a casa, em taipa, de Zé Nildo passasse um pouco do lote original comprado. Mas depois de um tempo, percebendo o erro, o morador comprou o lote do lado e afim de melhorar a situação de sua morada em conjunto com suas novas habilidade adquiridas, resolveu fazer uma nova casa, já em blocos de cimento, que torna a vista da casa quase um híbrido de blocos ocupando espaço de uma arquitetura vernácula.

**A estrutura**

A casa atual é toda feita em taipa, como já explicado em outra casa, funciona através da junção de troncos de madeiras, mas a modelagem do barro e outros componentes no formato de paredes.  O telhado foi revestido em telhas cerâmicas vermelhas, estruturadas em ripas e caibros de madeira nas próprias paredes.

**A fachada frontal**

Essa tem uma coloração quase que furta-cor, em um dégradé que sai do céu azul, ganha um tom esverdeado no topo da parede, passando por um branco sujo e

chegando ao tom cálido do barro, já próximo ao solo. Seguindo a composição porta e janela, essas em madeira tingida de branco junto com o telhado em tom avermelhado. A composição de taipa se evidencia pela mostra sem reboco na parede. Complementando a paisagem, como em um abraço, a nova casa toma espaço e construída em blocos vai ganhado forma, cobrindo certa parcela da vista da casa atual.

Figura 65 - Vista da fachada frontal.

Fonte: elaborada pelo autor, 2019.

**A fachada da casa em construção**

Estruturada em uma fundação de pedras, a nova casa vem sendo feita toda em blocos de cimento, já possui uma calçada com rampa de acesso a porta, que já apresenta seu vazio pré-definido, assim como da janela que não pode faltar na fachada. Ainda como um projeto inacabado, é apenas um demonstrativo do que pode se tornar.

Figura 66 - Vista da fachada da casa em construção.

Fonte: elaborada pelo autor, 2019.

**A parte interna da casa em construção**

Dentro, protegida por folhas de telhas de fibrocimento, que ajudam a manter as paredes protegidas enquanto a casa não é finalizada. Ali, um vão que guarda plantas que nasceram espontaneamente e o sonho de um lugar melhor para morar. A estrutura é feita sem colunas ou vigas, apenas com paredes como estrutura base.

Figura 67 - Vista da parte interna da casa em construção.

Fonte: elaborada pelo autor, 2019.

Figura 68 - Vista lateral da casa ainda em construção.

Fonte: elaborada pelo autor, 2019.

## A sala

Um ambiente muito escuro por só ter como abertura, a porta de entrada, que agora é praticamente protegida pelas paredes da nova construção. O piso assim como as paredes, revestidas por cimento. No local, ainda pode se ver uma gaiola de passarinho pendurada no telhado, um sofá revestido com pano vermelho e a TV aparece sobre uma mesa de ferro. Sua fiação vem por cima, caindo como chuva, fluída fornecendo energia a televisão.

Figura 69 - Vista da sala.

Fonte: elaborada pelo autor, 2019.

## O quarto

Continua na mesma linguagem da sala com o cimento imperando nas laterais, piso e apenas a madeira aparece na parte de cima, com o telhado exposto. Ali, três camas, uma simples comum e outra, um beliche sem colchões cobertos. O beliche serve para os garotos dormirem quando não estão com a mãe e fazem companhia a Zé Nildo na casa. Tanto onde os meninos dormem quanto sobre a cama do pai, existem mosqueteiros gigantescos que cobrem toda a extensão da mobília, nas cores pasteis rosa e lilás.

Figura 70 - Vista do quarto.

Fonte: elaborada pelo autor, 2019.

**O primeiro quarto não quarto**

Chama-se assim, por ser conhecido como quarto pela família, mas não cumprir essa função, afinal ninguém dorme no cômodo e praticamente não se faz nada no espaço. Abandonado, o cômodo tem uma cadeira encostada na parede, algumas sacolas plásticas presas ao telhado, um suporte preso que resguarda fios elétricos e mais sacolas jogadas junto a um resto de tijolo.

Figura 71 - Vista do primeiro quarto não quarto.

Fonte: elaborada pelo autor, 2019.

**Segundo quarto não quarto**

Assim como o primeiro, um espaço subtilizado que apenas serve para guardar as ferramentas de Zé Nildo, como enxadas, pás, entre outras. Uma grande mangueira amarela e outros utensílios esquecidos no chão também estão no local.

Figura 72 - Vista do segundo quarto não quarto.

Fonte: elaborada pelo autor, 2019.

**O banheiro**

Esse muda um pouco a realidade das paredes, nelas não apenas se vê o cimento como revestimento, mas boa parte da parede revestida com cerâmica, ideal do que seria próprio de um banheiro convencional. A área molhada, tem uma gaiola de passarinho que faz companhia aos rapazes ao se higienizarem, além de um chuveiro e um vaso com descarga não acoplada, presa a parede. Ainda há um rodo e panelas de ferro, que são utilizadas para os momentos de falta de água encanada.

Figura 73 - Vista do banheiro.

Fonte: elaborada pelo autor, 2019.

**A cozinha**

Divide-se com a sala, por uma meia parede feita em tijolos cerâmicos vermelhos de oito furos, revestida com cimento. Guarda mais gaiolas de passarinho, um armário brilhante branco, com prateleiras acopladas e uma mesa para refeições. No espaço não tinha geladeira ou fogão, as refeições assim como na casa de Dona Bel em geral não são realizadas ali, mas sim, na casa da ‘amancebada’ de Zé Nildo, mãe de seus filhos. Da cozinha surge a abertura para o quintal, uma porta de madeira simples.

Figura 74 - Vista da cozinha.

Fonte: elaborada pelo autor, 2019.

**O quintal**

Com um pé de acerola bem no meio, composto por verde contrastando com o chão barroso. Junto com restos de cadeira, madeiras, vasilhames. O fechamento do quintal como em outros exemplares, feito com pedaços de madeira enfileirados na vertical. No quintal também há o tanque feito em cimento para lavagem de roupa, junto com o um varal estendido entre as árvores.

Figura 75 - Vista um do quintal.

Fonte: elaborada pelo autor, 2019.

Figura 76 - Vista dois do quintal.

Fonte: elaborada pelo autor, 2019.

## A fachada posterior

Complementando o quintal, mais varais suportam as roupas molhadas que com o sol da cidade secam rapidamente. Um ponto a se destacar é a existência de um anexo, rastro de reforma, no caso, o banheiro, que não só apresenta revestimento diferente, mas também estrutura, já que visivelmente foi uma parte construída em blocos. Ainda próximo, mais objetos descartados, como restos de arames farpados e madeiras, uma cadeira e mais passarinhos em gaiolas.

Figura 77 - Vista da fachada posterior.

Fonte: elaborada pelo autor, 2019.

E não só de passarinhos a paisagem é feita na casa, o cachorro também é bem-vindo, apesar de não ser morador, encontra na casa sempre um afago e o que lhe saciar a fome.

Figura 78 - Vista do cachorro junto a casa.

Fonte: elaborada pelo autor, 2019.

## 3.6. Casa do Jamil da Silva

**Jamil da Silva**

Jamil de 33 anos, casado, pai de quatro filhos, morador da ‘rua’ junto com a família. Atualmente são sustentados pelo programa bolsa família. Foram buscar trabalhos em outros estados, para assim construir a própria casa e todo o patrimônio que adquiriram até hoje na vida. Afinal, há pouca oportunidade de emprego na cidade de Belo Monte e redondezas.

Inclusive, no dia da entrevista, a família se encontrava de malas prontas para viajar horas de ônibus em busca de mais trabalho para conseguir concluir sua morada. Destino, Mato Grosso, onde já passaram muito tempo, ele trabalhando em uma construtora e sua mulher como operadora de caixa. O maior sonho da família é morar em Belo Monte, mas por falta de uma renda fixa, que possa sustenta-los, isso ainda não é possível e eles vivem de tentar se estabilizar para poder usufruir da casa própria.

Figura 79 - Jamil, a esposa e dois de seus filhos.

Fonte: elaborada pelo autor, 2019.

**A casa**

A residência da família, como já foi citado, tornou-se apenas possível graças a migração da família em busca de emprego em outros estados. Não foram eles que construíram a casa, a mesma foi feita por um pedreiro da cidade disponibilizado pela prefeitura à família. Eles compraram todo o material e deixaram a cargo do pedreiro, que seguiu os desejos dos moradores de como gostariam de ter sua moradia. Construíram primeiro a estrutura do que chamam de caixote, as paredes, foi o dinheiro da primeira migração, depois de um ano, conseguiram cobrir a casa e aí sim, puderam se alojar no local. A qual eles pretendem aumentar, revestir, o que pode acontecer na próxima volta deles a cidade, que não se sabe quando vai ocorrer.

**A estrutura**

A casa, feita em fundação de pedras e toda levantada em tijolos cerâmicos vermelhos de oito furos, sem colunas e vigas. O seu telhado em duas águas é feito como os outros exemplares já apresentados, telhas cerâmicas comuns e estrutura de caibros e ripas apoiados sobre as paredes.

**A fachada frontal**

Com a estrutura aparente, por falta de condições de poder revestir a casa. Diferente da maioria das fachadas apresentadas em porta e janela, nessa há a janela, mas a entrada é por uma garagem aberta a rua, para assim surgir uma porta lateral escondida. Uma rampa em cimento desinforme dá acesso a garagem e o material também cobre a fundação em pedras, antes de surgir a tonalidade quente dos tijolos. A casa é grudada em uma das laterais com a casa vizinha e tem como composição a mais, as telhas e a caixa de registro fixada. A janela aberta de madeira em pintura branca, assim como as outras aberturas ficam sempre escancaradas para ajudar no combate ao calor na região.

Figura 80 - Vista da fachada frontal.

Fonte: elaborada pelo autor, 2019.

**A garagem**

O ambiente mais utilizado pela família, é a garagem. Afinal é a extensão da calçada coberta da família, ali eles usufruem do vento e podem se distrair com o que acontece na rua. Com algumas cadeiras do lado de fora, há dias que até um dos colchões é levado para essa área, assim a família fica mais à vontade. É nesse espaço também que a parente de Sergipe, se acomoda para fazer atividades, como na da foto

de retirar o caroço de uvas. O espaço é todo em tijolo aparente como no resto da casa e a porta lateral de entrada é em madeira pintada de branco.

Figura 81 - Vista da garagem.

Fonte: elaborada pelo autor, 2019.

**A sala**

O segundo cômodo mais ocupado, onde está a televisão como de costume e para as meninas que preferem o entretenimento digital mesmo que acrescido de calor, é perfeito. O espaço tem mais um colchão que serve como sofá para a família, onde as crianças sentam e se deitam, no espaço também há um móvel de madeira que estrutura a TV, entre outros muitos utensílios. O local guardava o montante de roupa que a família levaria para a viagem. A sala dá acesso a um dos quartos, divididos apenas por um lençol que cobre o vazio na parede, mas que ainda permite a entrada de luz. E o ambiente também serve como passagem direta à cozinha, que está dividida apenas por uma meia parede.

Figura 82 - Vista da sala.

Fonte: elaborada pelo autor, 2019.

**O quarto das crianças**

De acesso direto a rua pela janela, nele cabem duas camas praticamente juntas em formato de L, para dar conta de 4 filhos. Dois colchões forrados dão base para as crianças descansarem depois de brincar, sobre uma cama cai um mosquiteiro verde, na outra, bonecas se abraçando. Em uma cadeira repousa, um ventilador que complementa a ventilação natural. Especificamente no dia da visita, ali havia malas para o dia seguinte de viagem.

Figura 83 - Vista do quarto das crianças.

Fonte: elaborada pelo autor, 2019.

**O banheiro**

Um banheiro simples, sem a devida vedação para ser uma área molhada, ainda é toda em tijolo, com exceção do piso revestido de cimento, como em toda a casa. Ali um chuveiro divide espaço com o vaso sanitário de descarga acoplada, uma lixeira e um rodo. A entrada é realizada por um lençol, o que permite a sensação de privacidade de quem precisa utiliza-lo.

Figura 84 - Vista do banheiro.

Fonte: elaborada pelo autor, 2019.

**O quarto do casal**

Nesse há a cama em madeira, sem colchão, já que o mesmo se encontra na garagem servindo como apoio para família. No espaço, também não há muito, apenas um grande urso de pelúcia encostado na cama e dois triciclos das crianças. O espaço é escondido por um lençol como de costume entre os vazios das paredes que dividem os cômodos.

Figura 85 - Vista do quarto do casal.

Fonte: elaborada pelo autor, 2019.

**A cozinha**

Como já mencionado, essa integra espaço em conjunto com a sala, ao fim dela surge a luz que vem do quintal, à margem de uma porta simples de madeira pintada de branco. Além dela, o branco aparece na geladeira, fogão, armários e cadeira da cozinha. Sobre a geladeira, encontra-se vasilhames e garrafas vazias. No armário, já meio antigo, carrega alguns condimentos, elementos de cozinha, como potes, entre outros objetos. A mesa de madeira coberta por pano de frutas, só está acompanhada de uma cadeira, afinal as outras estão desempenhando outro papel no

momento, de dar suporte na garagem para a família se alojar no espaço. Sobre ela, uma garrafa de café que provavelmente foi usada mais cedo, entre outros objetos.

Ao fundo, o fogão com algumas panelas e a pia que como em outras casas, é estruturada com duas pequenas paredes nas extremidades em tijolos e não possui rodamão. Uma pia toda anseia por ser lavada, da refeição recente e sobre ela, uma prateleira presa a parede que contém mais outros elementos de cozinha, junto a um pano, secando pós lavagem. Em baixo, um pano cobre o vazio da pia, com a função de guardar utensílios. Os últimos detalhes que compõem o espaço são: a vassoura em uma das paredes e uma cabaça aberta pendurada que guarda as sacolas que serão reaproveitadas.

Figura 86 - Vista um da cozinha.

Fonte: elaborada pelo autor, 2019.

Figura 87 - Vista dois da cozinha.

Fonte: elaborada pelo autor, 2019.

**O quintal**

Tem como delimitação, em seu fundo, o próprio declive que é o campo de futebol abandonado e a lateral com fechamento com uma cerca improvisada com restos de madeira. No quintal, está um tanque para lavar as roupas todo em cimento, coberto por uma estrutura em madeira em formato de pergolado, coberto por vários restos de pano que caem entre a estrutura. Ao lado um móvel de madeira com três prateleiras, que provavelmente servem como superfícies para trabalhos manuais. No espaço, pouco verde se cultiva, a vegetação fica mais por encargo do fundo da paisagem. Além disso alguns restos de objetos, como uma parabólica antiga, um botijão, entre outras coisas. Completando no fundo um galinheiro improvisado em madeira e vedado com tela azul, que estava vazio e sem utilidade sem as galinhas, o que faz sentido diante da viagem dos moradores por vir.

Figura 88 - Vista um do quintal.

Fonte: elaborada pelo autor, 2019.

Figura 89 - Vista dois do quintal.

Fonte: elaborada pelo autor, 2019.

## A fachada posterior

Continua como a casa com a estrutura aberta aos olhos, toda em tijolos comuns da alvenaria conhecida no Brasil, a porta branca que dá acesso a cozinha. E é onde aparece a antena parabólica da TV, que diferente de outras casas que já é evidente a presença desde a fachada principal, está escondida com vista para o quintal, sob a inclinação do telhado.

Figura 90 - Vista da fachada posterior.

Fonte: elaborada pelo autor, 2019.

## Fachada lateral

Tendo apenas uma fachada lateral, ela fecha as contas de aberturas da casa, apenas três, com as duas frontais, sendo apenas a janela diretamente ligada a rua e a porta nos fundos. Ou seja, a lateral é apenas uma parede toda com tijolos expostos e a base da fundação revestida com cimento.

Figura 91 - Vista da fachada lateral.

Fonte: elaborada pelo autor, 2019.

## 3.7. Casa do Josenias

**Josenias**

Josenias José da Silva, tem 42 anos, casado, pai de três filhos, um de nove, um de sete e outro de três anos. Desconfiado, é um homem mais na dele e de poucas palavras. Desempregado desde que voltou após uma temporada tentando juntar dinheiro como outras famílias, no Mato Grosso do Sul, o que já fazem 3 à 4 anos. Atualmente, a família vive dos recursos fornecidos pelo governo, pelo programa do Bolsa Família, como a maioria. Apesar de tentar conseguir algo, Josenias não encontrou oportunidades e a cerca de 2 anos vive nessa situação.

A família chegou na ‘rua’ em torno de um ano, data correspondente ao dia da entrevista, para morar em uma casa alugada. Ainda é vontade da família possuir a casa própria, algo que ainda não foi possibilitado.

Figura 92 - Josenias.

Fonte: elaborada pelo autor, 2019.

**A casa**

Não há muito o que se falar sobre a casa, Josenias já a ocupou com a família, construída. E ele também não sabia contar como ela foi gerada, com 5 cômodos, a modificação que eles fizeram desde que foi morar na residência, foi passar cal nas paredes e pintar em algumas partes.

**A estrutura**

Por observação, percebe-se que a construção foi realizada com blocos de cimentos em sua maioria, mas com alguns exemplares de tijolos comuns cerâmicos de oito furos. Na varanda, colunas com PVC preenchidas com cimento foram feitas para estruturar o teto. A coberta foi executada com tesouras simples de madeira que seguram ripas e caibros estruturando as telhas vermelhas cerâmicas.

**A fachada frontal**

Na fachada pintada em azul claro, aparece com tipologia diferente do recorrente na ‘rua’, uma varanda coberta, estruturada por canos de PVC cimentados,

pintados na mesma cor das paredes. Apesar de não ter nada na varanda, essa já ajuda no sombreamento das aberturas que aí voltam a seguir o comum, porta e janela em madeira. Encontra-se também o registro de energia e uma frase: 'VENDE-SE FLAU', que indica que no local há um comércio informal de doce gelado típico da região, que ajuda a família a ganhar uma renda extra. O poste, agora bem próximo a casa, foi pintado na mesma cor que a fachada, fazendo parte da composição. Fora isso, o telhado e antena parabólica que surge ao alto, indicando o óbvio, naquela casa também há uma televisão.

Figura 93 - Vista da fachada frontal.

Fonte: elaborada pelo autor, 2019.

**A sala**

Como de praxe, a sala é o primeiro cômodo da casa, com as paredes todas cobertas com uma mão de cal. O piso todo em cimento se junta a mobília do espaço. Uma mesa de plástico branca que alicerça uma térmica no local, também há três cadeiras de plástico na cor azul royal, além disso, um móvel em madeira com três prateleiras dá base a caixas de aparelhos eletrodomésticos. Subindo de prateleira, aparecem aparelhos eletrônicos, como receptores de TV, até chegar a mais alta onde está o objeto mais recorrente nas casas, a TV, essencial. Ao lado dela, seus controles

remotos e um troféu. A fiação da parabólica, cai do teto, mas o receptor parece ter sido bem instalado, diferente do que foi encontrado em outras residências e se encontra próximo ao aparelho eletrônico.

Figura 94 - Vista um da sala.

Fonte: elaborada pelo autor, 2019.

Figura 95 - Vista dois da sala.

Fonte: elaborada pelo autor, 2019.

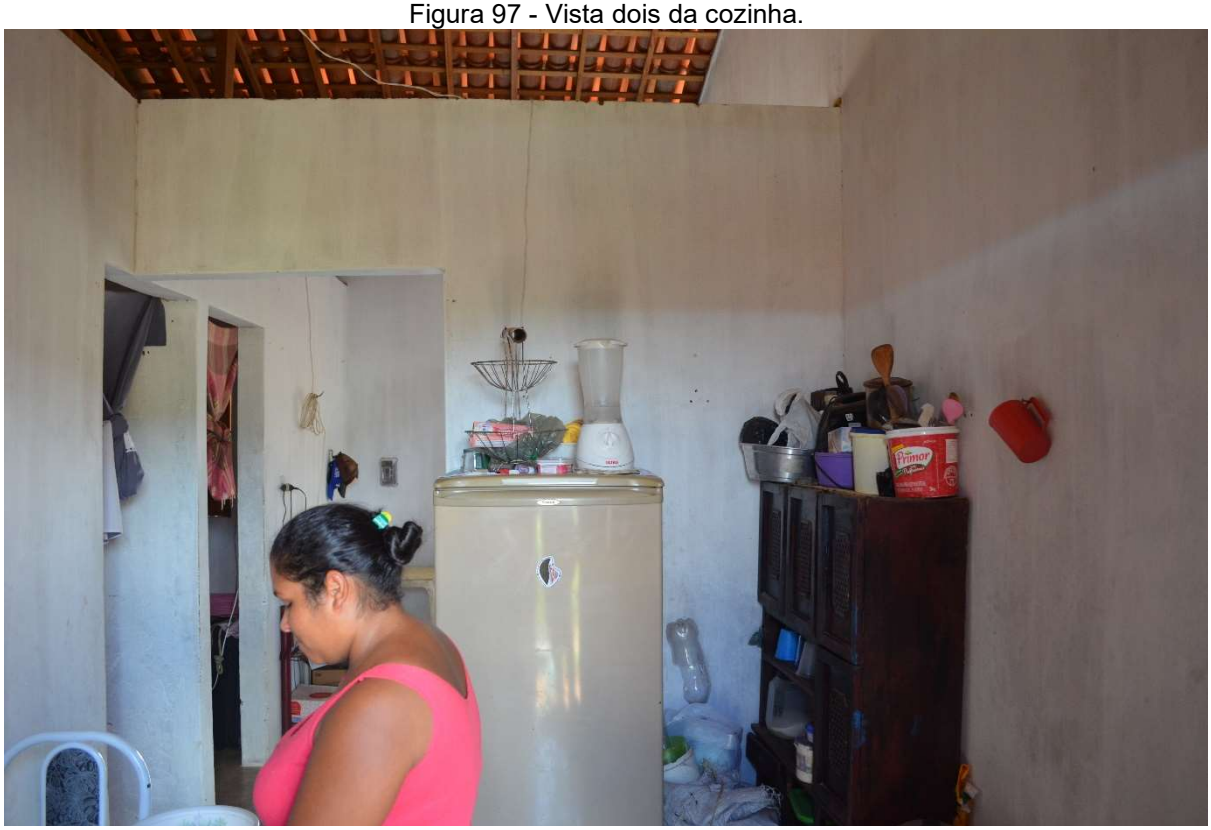
## A cozinha

Com a presença constante da mulher de Josenias em seus preparos para alimentar a família, o espaço tem as paredes também revestida em cal. Junto com a mulher, uma geladeira, com utensílios sobre seu topo, um fogão de quatro bocas que esquenta as panelas e uma mesa de granito com ferro, assim como as cadeiras de mesma linguagem na cor branca. A superfície serve para preparo, suprindo a falta de uma bancada para função, multifuncionalidade de mobília. Além disso um cabideiro de alumínio ergue as panelas e vasilhas de alumínio. Por trás da geladeira, um armário em madeira se ergue repleto de utensílios, mais panelas, mais vasilhames, entre outros aparatos de auxilio culinário.

Figura 96 - Vista um da cozinha.

Fonte: elaborada pelo autor, 2019.

Figura 97 - Vista dois da cozinha.




Fonte: elaborada pelo autor, 2019.

**O quarto das crianças**

Como o resto das paredes revestidas em cal, o branco contrasta com a janela toda em madeira, assim como a cômoda com três gavetas, bem desgastada. Sobre ela, um armário pequeno de duas portas na cor branca. A cama com o colchão coberto, lençol desforrado, ao lado um saco de estopa e para ajudar a ventilar o calor extremo da cidade, um ventilador sobre a cadeira. A entrada é permitida ou não por um lençol pendurado, a depender se está ou não amarrado.

Figura 98 - O quarto das crianças.

Fonte: elaborada pelo autor, 2019.

**O quarto do casal**

O quarto do casal também se divide dos outros cômodos por um lençol amarrado na abertura na parede. Dentro, uma cama de madeira simples, com cabeceira contemporânea, um colchão revestido com lençol rosa e dois travesseiros de estampa florida. Ainda, dois ventiladores, um sobre a cadeira a frente da cama, e outro de canto, provavelmente com defeito, sobre uma caixa de isopor que também é coberto por algumas roupas. Ao lado, um armário alto de madeira, completamente coberto por adesivos de cunho de campanha política. Evidencia de uma das características de cidades interioranas, a política fervorosa. No espaço, completando,

um mosquiteiro cai sobre a cama em tom verde pastel, assim como mais uma abertura, uma janela em madeira crua que mesmo fechada não impede a luz de adentrar o recinto.

Figura 99 - Vista do quarto do casal.

Fonte: elaborada pelo autor, 2019.

**O banheiro**

Um banheiro para toda família como de costume nas casas, segue a mesma linguagem do resto da morada, sem revestimento cerâmico, as paredes continuam em cal e piso de cimento. No local, um chuveiro, o vaso sanitário em tom nude sem descarga acoplada e uma pia pequena (item difícil de ser encontrado entre os ambientes estudados), na mesma coloração que o vaso. O rodo que é extremamente necessário para ajudar a escorrer a água do piso não inclinado, alguns baldes e o fechamento continua sendo com um lençol em tonalidade amarela.

Figura 100 - Vista do banheiro.

Fonte: elaborada pelo autor, 2019.

**O quintal**

Delimitado por um cercado de pedaços de pau enfileirados com certa distância e aramado, um exemplar de algo diferenciado do que se encontra na ‘rua’. O chão todo em terra deixa enfatizar o azul forte da caixa d’água no chão e da tubulação em PVC branco que sai direto do banheiro até chegar no quintal, apoiado sobre uma estrutura improvisada em tijolos, que permite a inclinação e decida dos dejetos. Nada de criações, apenas mais um tanque de lavar roupa em cimento pintado com a mesma tinta da fachada principal.

Figura 101 - Vista do quintal.

Fonte: elaborada pelo autor, 2019.

**Fachada posterior**

É nessa, que se percebe pistas de como a casa foi construída, estruturalmente falando. Com a estrutura aparente, pode-se ver os blocos em um formato mais alongado do que de costume e sem teorias para uma exclusiva faixa com tijolos de oito furos cerâmicos. Também se nota um saco de estopa pendurado na parede, que serve como lixeira e a forma com que a encanação sai da casa, com várias ‘gambiarras’.

Figura 102 - Vista da fachada posterior.

Fonte: elaborada pelo autor, 2019.

## 3.8. Casa da Diane

**Diane dos Santos**

Natural de São José da Tapera, Diane Nunes dos Santos tem 23 anos e a timidez de uma moça que acabou de sair da casa dos pais, mas na verdade já viveu muito, mãe solteira cuida dos dois filhos de seu primeiro casamento, agora possui um companheiro. Faz uns três anos que ela foi morar na ‘rua’, ainda com seu primeiro marido. Hoje, ela sobrevive de Bolsa família e seu atual parceiro tem a renda gerada por cortar cabelos na cidade. Vive uma vida muito simples, mas diz adorar a morada em Belo Monte e afirma ser o melhor lugar que já morou ao longo da vida.

Figura 103 - Diane dos Santos.

Fonte: elaborada pelo autor, 2019.

**A casa**

Feita por ela e seu ex-marido há mais ou menos três anos antes da data da entrevista. Levantaram a casa toda em taipa pelo que aprenderam perguntando a pessoas da região, foi a primeira casa feita pelos dois. Levaram cerca de um mês ou dois para construir, foi um processo feito lentamente, pouco a pouco. Fizeram primeiro uma parte da casa, praticamente metade da atual e depois fizeram um anexo para completar a morada. Um lado que inclusive estava à beira de desabar, preocupando a moradora, mas sem ter para onde ir, faz com que a mesma conviva com o perigo.

Com essa preocupação, a dona da casa pediu ajuda ao prefeito da cidade, na intenção de conseguir uma casa temporária para que ela possa se alojar por um tempo, tempo suficiente para reconstruir sua casa. Segundo a mesma, a taipa voltaria ser utilizada na formação da nova casa, afinal para Diane é o único material que ela pode arcar. Importante lembrar que é mais uma casa sem banheiro.

**A estrutura**

Com pé direito bem baixo, é uma residência toda feita em taipa, como já comentado, troncos de madeira mais grossos são dispostos verticalmente como colunas dando estrutura e depois tiras de madeiras finas são transpassadas horizontalmente sendo unificadas e fortalecendo paredes junto ao barro e outros minérios. O telhado é encostado sobre as paredes, solto, com ripas e caibros improvisados e cobertos com telhas cerâmicas vermelhas. Dentro da casa, um troco bem no meio em um dos cômodos reforça o telhado que dá sinais de possível desabamento.

**A fachada frontal**

Quase como se fossem dois abrigos, é claro o anexo que foi construído depois da primeira fase da obra. A primeira parte que tem a porta de madeira, teve a taipa revestida com cimento, telhado segue mais do que o perímetro das paredes, enquanto que a nova parte está com toda a estrutura exposta e o telhado mal cobre as paredes. Interessante de ver como a taipa crua se mistura ao solo e se torna quase que imperceptível a depender do ângulo e da distância, como uma camuflagem, do tom cálido da terra quente.

Figura 104 - Vista da fachada frontal.

Fonte: elaborada pelo autor, 2019.

**O quarto de Diane**

Um colchão de casal, está sobre o barro no solo, acima dele várias roupas, o mesmo serve como armário, assim como as caixas de papelão encontradas ao lado. Um ventilador que assim como a TV com quem divide o cômodo, são figurinhas carimbadas nas casas analisadas. Incrível pensar em como a rede elétrica acessa as condições dessa casa. Principalmente porque se vê o estado precário em que está o telhado, com algumas aberturas que a própria Diane relata que é por onde, entra água das chuvas. É nesse quarto simples que a moradora e seu companheiro passam as noites, expostos ao solo e as paredes que são reflexos dele. No centro ainda há um tronco de madeira que ajuda a estruturar o telhado e segurar por não se sabe quanto tempo a coberta. E dentro como em toda a casa, a estrutura é exposta, com exceção da parede que liga os dois cômodos, que é revestida em cimento.

Figura 105 - A vista do quarto de Diane.

Fonte: elaborada pelo autor, 2019.

Figura 106 - Vista dois do quarto de Diane.

Fonte: elaborada pelo autor, 2019.

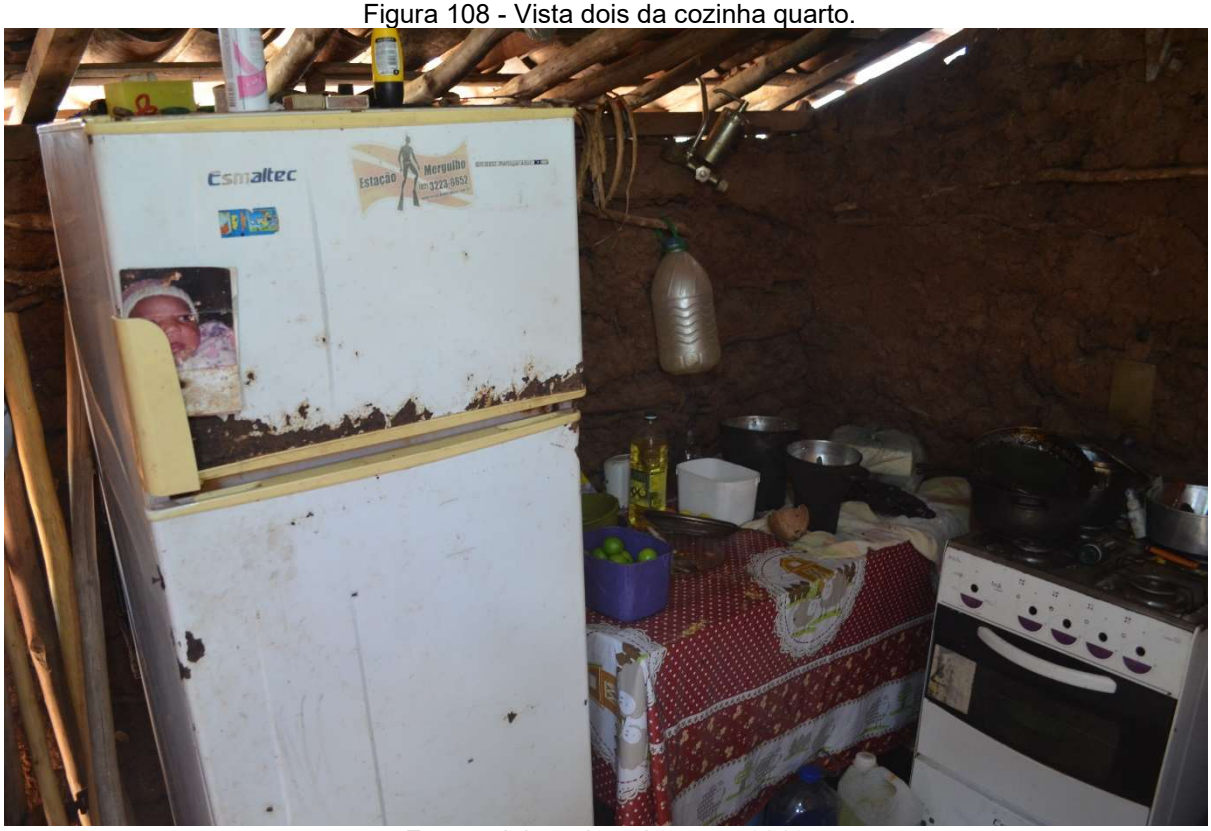
## A cozinha quarto

Na casa só tem dois cômodos, algo que se pode deduzir inclusive pela disposição externa da residência. Como Diane ocupa o lado mais inseguro, seus filhos dormem sobre um colchão coberto por uma manta ao lado do fogão, onde preparam os alimentos. Que apesar de não ideal é a única maneira da mãe poder dormir mais tranquila, sabendo que pelo menos a coberta ainda não cairá sobre os filhos, apesar de poder cair sobre ela. Esse na cor branca, assim como a geladeira que se encontra no mesmo recinto, só que mais um pouco desgastada. Os dois eletrodomésticos são divididos por uma mesa coberta por uma toalha estampada que mantém por cima panelas e itens de cozinha, assim como alguns alimentos. Nas paredes também se encontram algumas panelas penduradas.

Figura 107 - Vista um da cozinha quarto.

Fonte: elaborada pelo autor, 2019.

Figura 108 - Vista dois da cozinha quarto.




Fonte: elaborada pelo autor, 2019.

**O quintal**

O quintal é limitado por um cercado com pedaços de madeira e arame. O acesso a casa é por uma porta de madeira que funciona como aquelas pedras nas cavernas, você a desloca e tampa o vazio. Fora uma estrutura com pedaços de pau, forma quase um caramanchão coberto por palhas. Ali a família passa um bom tempo sentando junto a uma estrutura que funciona como uma mesa para trabalhos domésticos. E no espaço pode se ver muitos baldes e uma mangueira, provavelmente utilizados para higiene e lavagem de roupas. Que são estendidas por fios de linhas que passam pelo caramanchão até chegar à casa.

Figura 109 - Vista do quintal.

Fonte: elaborada pelo autor, 2019.

## 3.9. Casa da Carla

**Carla Taíse**

Carla Taíse Nascimento Santos, mãe de dois filhos, casada, atualmente desempregada, tanto ela como o seu marido, algo recorrente na região. A família sobrevive graças ao auxílio do governo, o muito comentado, Bolsa família. Taise muito simpática, passa o dia em casa, cuidando das tarefas domésticas e dos filhos, seu

marido também, a não ser que encontre uma atividade remunerada extra, o que acontece raramente. A sogra sempre está presente, apesar de não viver junto na casa, mas sempre aparece para uma visita e foi uma das grandes ajudas que o casal teve para construção de seu maior bem físico, sua residência. Antes o marido de Carla era pescador e por trabalhar muito, vivia doente, para a mulher, ter a casa própria e poder se ver livre do aluguel foi a saída para que o mesmo deixasse a atividade desgastante.

Figura 110 - Carla e família.

Fonte: elaborada pelo autor, 2019.

**A casa**

A casa começou a ser construída há uns 3 a 4 anos, logo pós a compra do terreno. Como algumas das casas na ‘rua’, foi sendo feita bem aos poucos. Com 9 cômodos, é uma benção para a família, ter a casa própria e se ver livre do aluguel. Eles pretendem ajeitar o reboco, terminar o banheiro e colocar cerâmica na casa, mas como de praxe, vão fazer aos poucos.

**A estrutura**

A casa foi alicerçada em pedras e depois levantada com paredes em tijolos vermelhos cerâmicos de oito furos. Seu telhado foi estruturado com vigas em madeiras

que ligam as extremidades da casa e dão suporte aos caibros e ripas que sustentam as telhas cerâmicas vermelhas. Interessante que essa é uma das casas que parte dos cômodos possuem forro, escondendo a estrutura da coberta, algo incomum para a 'rua'.

**A fachada frontal**

A estrutura da casa foi escondida pelo reboco e cal aderidos a parede da fachada. Combinando com as telhas que foram vedadas nas extremidades com gesso. Seguindo a tipologia comum na região, de janela e porta, mas saindo do padrão ao se apresentarem em alumínio, na verdade um portão, que tem duas aberturas, uma larga que serviria para carros e motos e uma estreita, para apenas passagem de pessoas. O portão, também tem abertura sobre sua composição, já a janela é gradeada em alumínio protegendo o vidro. A calçada foi revestida em cimento e tem uma rampa que dá acesso ao portão de entrada da casa.

Figura 111 - Vista da fachada frontal.

Fonte: elaborada pelo autor, 2019.

## A sala/garagem

O espaço que primeiro foi pensado para ser uma garagem, por mais que ainda possa cumprir essa função no futuro, pela falta de um carro, tendo espaço livre funciona como uma antessala. Com cadeiras, cumpre função de área, uma extensão da calçada, Carla se senta mais a sogra no local e vê a vida passar pela rua. As paredes são pintadas de cal, nelas suportes para redes e fios presos ao telhado que servem como varais. No espaço também se encontrava uma bacia com roupas, que ainda seriam colocados no varal e a bicicleta das crianças.

Figura 112 - Vista da sala/garagem.

Fonte: elaborada pelo autor, 2019.

## A sala

Continua com as paredes pintadas com cal, no espaço um sofá revestido em tecido laranja chama atenção pela cor forte. Ainda há uma cadeira de balanço em tiras e uma cadeira que sustenta um ventilador que assim como a TV se encontra no ambiente. O aparelho televisor está em um móvel encostado em umas das paredes que cheio de prateleiras guarda vários objetos, porta-retratos, caixas, copos, entre outros. Para completar e abençoar a casa, um crucifixo com a figura de Jesus crucificado está sobre a passagem de acesso entre sala e cozinha.

Figura 113 - Vista da sala.

Fonte: elaborada pelo autor, 2019.

**O quarto de visitas**

Um dos três quartos da casa funciona como um quarto de visitas, a sogra de Carla quem o ocupa quando deseja e é convidada a passar a noite na casa. O quarto tem uma cômoda com três gavetas, parte em branco, parte em azul pastel que mescla com a estampa florida rosa da coberta da cama, que é o mesmo tom, porém pastel do mosquiteiro que cai sobre ela. A cama em si é de madeira, solteiro, simples. Ainda possui um armário alto de madeira e tem uma abertura em uma das paredes, uma janela grande de alumínio em formato quadriculado e vidro que fornece vista para o quintal e luz para dentro do quarto. A entrada do recinto é por uma porta de madeira simples.

Figura 114 - O quarto de visitas.

Fonte: elaborada pelo autor, 2019.

**O quarto de Carla**

Por um dos filhos ainda ser bem pequeno, ele divide cama com o irmão mais velho. Cama essa, coberta por um mosquiteiro em azul bebe e enfeites de coração. Ao lado da cama, um ventilador que alivia o calor do casal. No espaço ainda há um armário alto e um som antigo que serve como móvel sendo base para produtos de higiene e outros objetos.

Figura 115 - Vista do quarto das crianças.

Fonte: elaborada pelo autor, 2019.

**Banheiro social**

Diferente de qualquer outro da ‘rua’, esse banheiro tem toda uma característica de senso comum de um banheiro considerado contemporâneo. E pode se até dizer que é completo, quanto a suprir as necessidades do que um banheiro deveria ter, as paredes são todas revestidas com cerâmicas que lembram a pedras, incluindo o piso com uma cerâmica lisa branca, um box separa a área de banho do resto do banheiro. Ainda há o vaso e pia em um tom nude, fora os detalhes como os prendedores de toalhas entre outras coisas. E a família tem o luxo de ter uma porta de madeira para vedar e fornecer privacidade na área.

Figura 116 - Sala de estar/cozinha

Fonte: elaborada pelo autor, 2019.

Assim chamada porque apesar de ter um grande armário, o que se chama de jogo de cozinha, em cor branca e verde maça, além do forno micro-ondas que está no espaço, não há nenhum outro utensilio de preparo, apenas objetos para utilizar no manuseio das refeições. Ou seja, o espaço funciona bem mais como apoio e local de se alimentar, graças a mesa de madeira forrada com plástico prata e cinco cadeiras também em madeira. Há também uma estante para alimentos, como frutas e no topo, também alicerça panelas. Uma gaiola de passarinho paira sobre o alto do ambiente.

Figura 117 - Vista da sala de estar/cozinha.

Fonte: elaborada pelo autor, 2019.

**O quarto de Carla**

O quarto tem uma cama para dois, afinal Carla divide a cama com o marido, coberta, desforrada, por um dos dois terem levantando recentemente, completando um mosquiteiro por cima azul bebê enfeitado com arco-íris. No lugar, há dois armários um em madeira e outro branco estreito alto, ainda há um banco baixo de madeira sobre o chão que carrega um montante de roupa, assim como o topo em um dos armários. A entrada é através de uma porta de madeira e existe outra passagem no local, mesmo que sem porta, para um futuro banheiro, que apesar de não ter data de ser reformado, planeja-se que aconteça.

Figura 118 - Vista do quarto de Carla.

Fonte: elaborada pelo autor, 2019.

**O banheiro/deposito**

Como acontece muito nesses tipos de construções, apesar de ter intenções, espaços que ganham outras funções até concretizarem o fim o que foram idealizados, por uma questão de falta de recursos. Isso acontece com o banheiro que formaria uma suíte no quarto do casal, por ainda não ter dinheiro para isso revestir e estruturar a área molhada, aderiram novo uso ao espaço ocioso, o de deposito. Com uma janela alta típica de banheiro, o lugar é um dos poucos que não tem as paredes pintadas, são todas em cimento e guarda caixas com mantimentos, restos de madeiras, baldes, vassouras entre outros elementos.

Figura 119 - Área de serviço/cozinha.

Fonte: elaborada pelo autor, 2019.

Aqui se complementa a cozinha, no espaço se encontra a geladeira e fogão para preparos, além da pia de alumino encostada em uma das paredes para a louça, sobre ela mais um armário branco. O espaço divide área com uma máquina de lavar, por isso também cumpre outra função. Na janela grande de alumínio e vidro, percorre um fio de varal que deixa as roupas diretamente em contato com o sol que entra pela abertura. Ainda há outra gaiola de passarinho acrescida de vários utensílios que dão suporte as atividades desempenhadas pelo ambiente, como panelas, panos, escorredor, entre outros. Uma porta no canto direito dá acesso ao quintal.

Figura 120 - Vista um da área de serviço/cozinha.

Fonte: elaborada pelo autor, 2019.

Figura 121 - Vista dois da área de serviço/cozinha.

Fonte: elaborada pelo autor, 2019.

**O quintal**

Um espaço imenso e que opera como um lugar à parte, um novo mundo se abre com muito vegetação, pés de coqueiro, mamão, entre outras diversas, assim como a criação de animais. A família realmente se dedica ao cultivo e ali se tem um galinheiro, vedada por tela de arame na estrutura de madeira coberta por telha de fibrocimento. Os porcos, são divididos em uma estrutura de tijolos coberta por madeiras. O próprio cachorro vira-lata de estimação que infelizmente algumas vezes se encontra preso, tem sua própria moradia feita em tijolos e coberta por telha de fibrocimento. Além dessas criações, ainda possuem ilegalmente um criadouro de pássaros silvestres, importante frisar que todos os outros passarinhos em gaiolas, configuram ato ilegal, mas cultural da região. Fora as roupas estendidas, os restos de tijolos de construção e a liberdade que os filhos encontram em brincar ao ar livre.

Figura 122 - Vista do quintal.

Fonte: elaborada pelo autor, 2019.

Figura 123 - Patos criados pela família.

Fonte: elaborada pelo autor, 2019.

Figura 124 - Cachorro de estimação.

Fonte: elaborada pelo autor, 2019.

Figura 125 - Vista do galinheiro.

Fonte: elaborada pelo autor, 2019.

Figura 126 - Vista do espaço de porcos um.

Fonte: elaborada pelo autor, 2019.

Figura 127 - Vista do espaço de porcos dois.

Fonte: elaborada pelo autor, 2019.

Figura 128 - Criadouro de pássaros.

Fonte: elaborada pelo autor, 2019.

## 3.10. Casa do Eronildes

**Eronildes**

Com 44 anos, Eronildes Menezes do Santos, mora na ‘rua’ desde 2014, uma das primeiras casas geradas e geograficamente falando também, em questão de acesso. Natural de Palmeira dos Índios, seguiu seu irmão que há uns 20 anos atrás resolveu se mudar para Belo Monte. Morando sozinho, Eronildes sobrevive da aposentadoria por invalidez, devido a sua deficiência física, o homem não tem uma das pernas. Aparentemente, é o namorado de Dona Bel, uma outra moradora da rua. E é um dos poucos entrevistados que disse ter vontade de se mudar da casa, ele demonstrou um interesse em morar em algum lugar mais calma, sem muito ruído e que possa criar animais, como uma fazenda e revela ser um plano para um futuro mais distante.

Figura 129 - Eronildes.

Fonte: elaborada pelo autor, 2019.

## A casa

Com poucos cômodos, uma casa pequena mais suficiente para apenas um morador. Segundo Eronildes, depois que saiu da casa do irmão, com o dinheiro da aposentadoria, ele comprou um quarto que já existia, apenas um cômodo no local, depois completou a casa. Pagou um pedreiro, quem ergueu a casa para abriga-lo, o material foi presente de um vereador, comum na cidade, a cultura dos agrados políticos.

## A estrutura

Toda feita em tijolos unidos com cimento, a casa tem fundação em pedras e as paredes tem função estrutural. O telhado é estruturado sobre as paredes com semi-tesouras simples, que dão suporte a caibros e ripas, para surgir as telhas cerâmicas vermelhas que protegem a casa de intempéries em duas águas.

Figura 130 - Vista da estrutura do telhado.

Fonte: elaborada pelo autor, 2019.

## Fachada frontal

Revestida com cal e possui uma base que nivela a casa em cimento. Na parede a marca de infiltração sobe entre o cal. Em laranja, uma oferta de ‘Vende-se’ com um número de contato, já meio apagado, demonstra já houve a intenção da venda do imóvel em alguma época. A frente em porta e janela, como geralmente é, são esquadrias em alumínio com detalhamento em malha e vidro. O telhado que cai em uma das águas para a entrada, une o tom terroso do solo ao da casa.

Figura 131 - Vista da fachada frontal.

Fonte: elaborada pelo autor, 2019.

## A sala

Logo na entrada, como é típico, a sala é o primeiro cômodo, de boas-vindas há dois sofás de dois lugares dispostos em L com estampa florida azul e rosa. Ali também de cara, a motocicleta de Eronildes. Decorada com um quadro religioso com figuras católicas, pregada em uma viga de tijolos. A mais de decoração, três gaiolas de passarinhos caem sob a coberta. A sala divide paisagem com a cozinha apenas por uma meia parede bem ao centro do espaço.

Figura 132 - Vista da sala.

Fonte: elaborada pelo autor, 2019.

**A cozinha**

Como o resto da casa, as paredes em cal e o piso em cimento liso. Na cozinha se encontra a geladeira e um fogão em branco brilhoso. Assim como uma mesa de base em granito e pernas em alumínio em cor branca, as cadeiras seguem a mesma linguagem, em contagem, dando espaço a 3 lugares. E no ambiente, ainda há um armário pequeno, repleto de utensílios de cozinha e outra gaiola de passarinho desce do telhado. Dela se tem acesso o quintal, por uma porta-janela em madeira e a um ambiente que tinha como objetivo cumprir função de banheiro, mas é um depósito, por uma porta simples também em madeira.

Figura 133 - Vista da cozinha.

Fonte: elaborada pelo autor, 2019.

**O quarto vazio**

Vazio, porque apesar da mobília, não há quem o ocupe. Com uma cama de solteiro em madeira clara, possui apenas um colchão sem forro. E completando o ambiente, mais gaiolas de passarinhos, mas dessa vez ao chão, dispostas em fileiras e vazias, junto com uma cadeira de plástico verde e uma máquina de costura antiga. A entrada de luz é por conta de uma janela dividida em 4 faces, por gradil em alumínio e vedada em vidro.

Figura 134 - Vista do quarto vazio.

Fonte: elaborada pelo autor, 2019.

**O quarto de Eronildes**

Em seu quarto, a cama é de casal e forrada, uma cadeira fica a postos ao lado dela, do mesmo modelo das que tem na cozinha. A frente, um móvel moderno, aparentemente novo, em cinza e preto, dá suporte a uma televisão LCD também como aspecto de nova. O fio que fornece energia para o eletrodoméstico, cai de um buraco no topo da parede. Assim como cai o mosquiteiro em tom nude do teto a cama. Na janela, protegendo do sol forte das manhãs, uma cortina feita do mesmo tecido que as mantas dos sofás, descrevem um aspecto comum dessa população, reaproveitar e ter praticidade para resolver problemas como a forte luz no quarto. Ali, uma

passagem foi fechada com tijolos e revestida em cimento, dando pista de uma possível reforma recente.

Figura 135 - Vista do quarto de Eronildes.

Fonte: elaborada pelo autor, 2019.

**O depósito**

O que deveria ser um banheiro, ainda assim chamado pelo dono, cumpre o papel de depósito na casa, com um armário alto de madeira, encostado em uma das paredes, guarda muito objetos, principalmente ferramentas de marcenarias e mecânica. As paredes não revestidas deixam mais a mostra, detalhes, como o registro, a deixa de que de fato a intenção é que o espaço fosse ou que ainda será um banheiro. Para terminar a paisagem, a luz forte entra por uma janela alta.

Figura 136 - O depósito.

Fonte: elaborada pelo autor, 2019.

**Área de serviço/quintal**

Vamos falar da área de serviço e do quintal como uma coisa só. Afinal, o quintal não possui delimitação e nem nada especifico, é reflexo da vegetal natural e espontânea que surgiu e da paisagem verde que compõe a casa. A área de serviço tem acesso direto por esse quintal e se integra muito mais a partir de um grande vazio na parede que com a abertura do que seria uma porta, formando um grande ‘L’ na alvenaria.

Figura 137 - Vista do quintal.

Fonte: elaborada pelo autor, 2019.

Essa parte ainda em tijolos, com partes em cimento, tem a cadeira de madeira, onde Eronildes passa bastante tempo, recebendo o vento que surge do horizonte e assistindo o tempo passar. Além da pia de duas cubas, que se dividem em lavar a louça da cozinha e as roupas do morador, estruturada por duas pequenas paredes em tijolos. No espaço, ainda há uma cadeira de plástico para as visitas, uma churrasqueira pequena enferrujada, mais uma gaiola de passarinho no alto da vista, totalizando a quinta encontrada na casa. Ainda no local, um cesto cheio de garrafas PET, além do varal feito de uma corda presa entre o telhado que estende as roupas e lençóis lavados de Eronildes.

Figura 138 - Vista da área de serviço.

Fonte: elaborada pelo autor, 2019.

## 3.11. Casa da Princesa

**A Princesa**

Erilaine Silva Soares, mais conhecida como Princesa, tem 24 anos e morou a vida toda em Belo Monte, foi ali que construiu laços e tem seu apoio com a família. Recém-casada, foi a partir desse romance, que ela resolveu sair dos braços dos pais e construir a casa própria afim de poder seguir a vida ao lado de seu marido e constituir família. Princesa atualmente trabalha como secretaria paroquial e seu marido trabalha junto com o pai na mercenária da família, inclusive como padeira. Uma realidade um pouco diferente da maioria dos residentes da ‘rua’ que em geral não tem renda fixa e dependem de iniciativa do governo para se sustentarem. Princesa muito simpática e conhecedora da população pode informar detalhes de como a ‘rua’ se originou e explicar como sua casa foi erguida, principalmente com empenho de toda a família.

Figura 139 - A princesa.

Fonte: elaborada pelo autor, 2019.

**A casa**

Da data da entrevista, princesa completava 1 mês e alguns dias que foi morar na ‘rua’, desde seu casamento. A saga para construir a casa própria vem desde de 2017, o terreno foi doado a moça pela sua irmã, junto com o irmão teve a ideia de construir uma casa, quando ainda nem pensava no casamento. O primeiro passo foi fazer a fundação da casa, com pedras, areias e cimento, os materiais eram comprados por mês à medida que Princesa recebia seu salário. Sendo assim ela pagou dois pedreiros para construírem sua morada, e seus irmãos, seu pai e o namorado na época, atual marido foram os serventes. O resto continuou aos poucos, a fundação não foi a mesma em toda a casa, tiveram que modificar o método de construção, por conta da inclinação do terreno. Segundo a mesma, seria muito material para uma fundação apenas de pedra, assim, inseriram colunas e os materiais mudaram para lajotas, ferros, até construir a laje de sustentação da casa. Para reforçar a base da casa, conseguiram doação da fábrica da MIBASA e preencheram a estrutura com caçambas de pó. Tudo isso próximo ao final do ano de 2017, com a chegada do fim do ano deram uma pausa, para aliviar os bolsos e continuaram a obra pós carnaval.

Montaram o caixão de paredes, como é conhecido, a forma das paredes externas, feitas em tijolos cerâmicos. Com a ajuda do pai, Princesa pode comprar os matérias do telhado, e assim proteger a estrutura já construída. Coberta montada em mutirão pela própria família da moradora, na ocasião, sua mãe preparou um almoço e todos os parentes que se sentiram convidados, foram ajudar na construção do sonho da jovem. Já em janeiro desse ano, eles pintaram todas as paredes em cal. E Princesa ainda cita dizendo que basicamente todo o processo de construção da casa, foi em dias de chuva, o que parece engraçado para uma casa feita no sertão. Sonho realizado, Princesa está disfrutando da nova vida e já planeja algumas reformas na casa, como uma escada para poder ter um quintal, já que o declive é imenso.

**A estrutura**

A fundação da casa foi parte feita em pedras, como de costume na região e parte em colunas e vigas, montando uma laje estrutural por conta do declive do terreno. As paredes feitas em tijolos cerâmicos vermelhos, delas saem estruturas de madeira que funcionam como vigas e dão suporte ao telhado de duas águas em telhas cerâmicas vermelhas, entrelaçadas por ripas e caibros.

Figura 140 - Vista do telhado da casa.

Fonte: elaborada pelo autor, 2019.

## A fachada frontal

A única casa da rua com revestimento cerâmico, a casa de Princesa possui aparência mais similar com o que vê nas cidades grandes, mas ainda segue padrões conhecidos do interior, como face em porta e janela e a falta de muros. Uma rampa do acesso ao portão que tem duas aberturas, uma menor apenas para pedestres e a abertura de todo o vão para veículos, ele em alumínio branco, mesma linguagem da janela ao lado, com detalhes de faixas verticais em vidro nas extremidades. Tanto a calçada quanto a rampa são revestidas com o mesmo material cerâmico que a parede, em um tom terroso, bem mimético ao do chão de barro. A fachada indica o número da casa, 21 e a antena parabólica sobre o telhado de telhas vermelhas, assim como a lâmpada na entrada e a caixa registradora de energia.

Figura 141 - Vista da fachada frontal.

Fonte: elaborada pelo autor, 2019.

## A garagem

Cumprindo a função básica, é um vão que guarda a moto de Princesa. Mas o espaço indica algumas especificidades da casa, como o chão em cerâmica em tom marrom escuro, feito inclusive o rodapé, raro de se encontrar na ‘rua’, a não ser como desejo. Ali também há uma escada de madeira encostada na parede, que dá acesso

a uma caixa d’água no alto da parede, interna a casa. Essa guarda a água que nem todo dia tem no local, para banhos e outras atividades. Por trás da escada, uma pequena abertura alta, com esquadria de alumínio e vidro, cria conexão com o banheiro.

Figura 142 - Vista da garagem.

Fonte: elaborada pelo autor, 2019.

## A varanda

Ao lado, antes de adentrar a intimidade da casa, uma varanda, separada por uma parede com uma abertura. Esse espaço que ainda sem nada, é ocioso, não muito funcional dentro da dinâmica de vida dos moradores.

Figura 143 - Vista da varanda.

Fonte: elaborada pelo autor, 2019.

**A sala**

A sala se separa da cozinha, por um banheiro entre os ambientes e uma passagem sem vedação, facilitando a conexão dos espaços. Nela um sofá tom ocre, é coberto por uma manta em renda de croché colorido, bem recorrente no estado de Alagoas. O piso segue o mesmo da garagem, assim como as paredes pintadas pelo casal, com apenas uma mão de cal. No espaço, uma TV é apoiada por uma prateleira embutida na parede em madeira que possui também alguns itens de decoração. A baixo dela, uma caixa de som que apoia o receptor da televisão, tudo é unido pela fiação que passa por todos os eletrodomésticos.

Além disso, possui uma cadeira florida, revestida em plástico, provavelmente comprada recentemente e tratada com bastante zelo. Ao lado uma mesa alta com pés de alumínio e base em vidro, que carrega, uma luminária, em formato de R, de Robinho, pode-se deduzir, nome do esposo de Princesa, assim como alguns livros, outros itens de decoração e o spray contra mosquitos. Compondo a paisagem, a mochila da escola do sobrinho de Princesa, que é quase um filho para a dona da casa, o qual ela praticamente todos os dias tem a incumbência de preparar para ir as aulas.

Figura 144 - Vista um da sala.

Fonte: elaborada pelo autor, 2019.

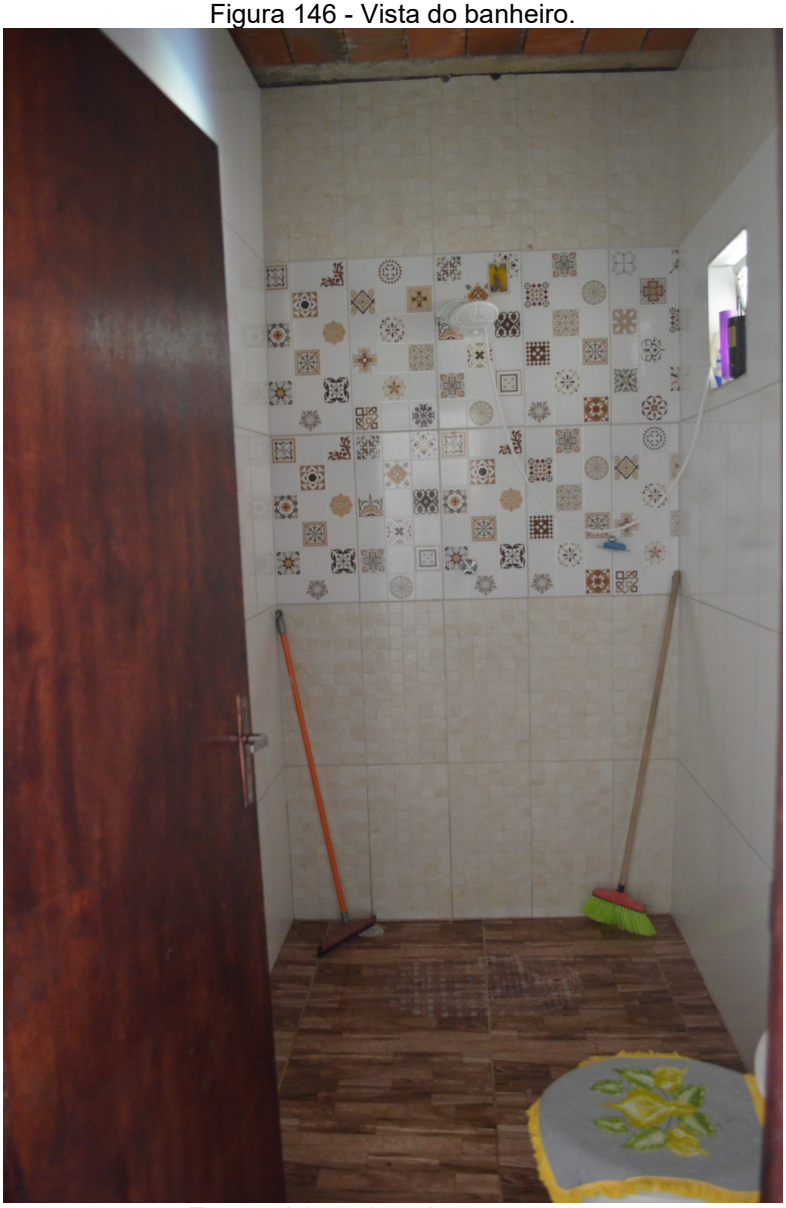
Figura 145 - Vista dois da sala.

Fonte: elaborada pelo autor, 2019.

**O banheiro**

Segue com o mesmo piso do restante da casa e é completamente revestido com cerâmicas, as das paredes são da mesma tipologia da fachada da residência, com exceção de um detalhe na parede dos fundos ao apresentar um revestimento com desenhos de azulejos portugueses, onde está o chuveiro. Sem prateleiras, o peitoril da janela toma cargo de ser suporte dos produtos de higienes pessoais, como shampoos e sabonetes. No local, uma vassoura e um rodo, ajuda no escoamento e limpeza do banheiro ainda sem box e sem diferença de piso. O sanitário branco, com descarga acoplada, compõe o espaço com uma capa de tampa em toalha florida cinza e amarela.

Figura 146 - Vista do banheiro.



Fonte: elaborada pelo autor, 2019.

## A cozinha

Formada por uma mesa com quatro cadeiras, encostada em uma das paredes, coberta por um plástico, o ambiente ainda traz a geladeira e o fogão em branco brilhante. E um grande armário que se une a geladeira, no mesmo tom de madeira de outros móveis, como a prateleira da sala. Esse com gavetas, prateleiras e com diversos objetos, como garrafa de café, copos e outros itens. Em outra parede, um móvel sustenta o micro-ondas, um item incomum nas cozinhas da rua e outros utensílios. No espaço, também há a pia para a louça, estruturada por pequenas paredes, com o vazio coberto por um pano, que serve para guardar equipamentos de cozinha, e tem como rodamão uma grande parcela da parede em cerâmica, a mesma do banheiro e da fachada, para proteger a área molhada. A cozinha é passagem para três espaços, o quintal, que ainda não existe e os dois quartos, que meio que dividem os móveis do ambiente.

Figura 147 - Vista um da cozinha.

Fonte: elaborada pelo autor, 2019.

Figura 148 - Vista dois da cozinha.

Fonte: elaborada pelo autor, 2019.

Figura 149 - Vista três da cozinha.

Fonte: elaborada pelo autor, 2019.

## O quarto do casal

O primeiro dos quartos, possui um grande armário em dois tons de madeira, aparentemente novo, como a maioria dos móveis da residência, também nova. A cama simples, dá lugar apenas a um colchão de lençol simples quadriculado e por cima travesseiro e mantas para a dormida do casal. A frente um móvel sustenta outra TV, agora no cômodo privado, para entreter os jovens na hora do descanso.

Figura 150 - Vista um do quarto do casal.

Fonte: elaborada pelo autor, 2019.

Figura 151 - Vista dois do quarto do casal.

Fonte: elaborada pelo autor, 2019.

**Banheiro do quarto do casal**

O local anterior tem configuração de suíte, possuindo assim um espaço destinado para servir como banheiro privado aos jovens, mas esse ainda não está pronto, o que faz com que eles ainda utilizem o banheiro social. Nele há apenas o revestimento do piso, as paredes ainda estão em cimento com o registro do chuveiro, uma janela que permite a iluminação e ventilação do lugar, e uma caixa esquecida de um ventilador recém comprado.

Figura 152 - Banheiro do quarto.

Fonte: elaborada pelo autor, 2019.

**O outro quarto**

Sem ter morador para ocupar o espaço, e diante da ocupação recente do imóvel, ou seja, os moradores ainda estão criando uma dinâmica de vivência e interação com os espaços. O quarto sem ser do casal, possui uma configuração semelhante, apesar de sem função, uma cama, mas dessa vez de solteiro, sem forro de cama e apenas servindo como apoio para roupas. E ali, como quase um closet, vários sapatos espalhados pelo chão, criando a função temporária de apoio ao espaço privado do casal. O lugar possui também uma janela que é em vidro e esquadria de alumínio que tem vista para os fundos.

Figura 153 - Vista do outro quarto.

Fonte: elaborada pelo autor, 2019.

**O futuro quintal**

Na verdade, não existe ainda um quintal, mas sim o desejo em possui-lo. A casa que ocupa praticamente toda a extensão do terreno, possuindo como limite o campo de futebol subtilizado, possui um espaço ideal para vivenciar um quintalão fundo, porém sendo de difícil acesso. Por possuir uma grande diferença de nível de onde a casa foi construída e o campo, é praticamente impossível descer sem uma estrutura adequada. É por isso que princesa planeja construir uma escada no local e dar função a porta que dá acesso à área, que até então só dá passagem para uma queda não muito convidativa. A porta de alumínio, é coberta pelo time de coração de

Robinho e traz uma paisagem poética para dentro da residência, uma porta quase ao céu e barro ao fundo.

Figura 154 - Vista da porta ao futuro quintal.

Fonte: elaborada pelo autor, 2019.

Figura 155 - Vista da diferença de nível entre a casa e o futuro quintal.

Fonte: elaborada pelo autor, 2019.

## 3. CONSTRUINDO A BASE (CARACTERÍSTICAS DAS CASAS AUTOCONSTRUÍDAS)

Diante da imersão nessa paisagem da 'rua', conhecendo um pouco dos moradores, seus hábitos, suas rotinas e principalmente, analisando o seu espaço de abrigo, pode-se extrair características que se compartilham entre as casas.

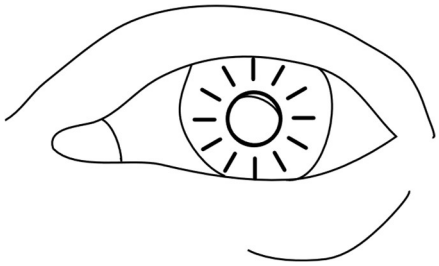
A ideia dessa etapa é desenvolver tais aspectos comuns a partir do processo descritivo e narrativo dos moradores de Belo Monte. Aprofundando-se sobre a relação morador-moradia de uma forma mais analítica e direta, serão explanadas cada uma dessas características elencadas, justificando suas presenças e o valor que elas agregam a cada ambiente.

Esses últimos foram divididos em dois aspectos: **os visíveis**, as características palpáveis e que são comuns a todas as casas, como objetos e ambientes; e **os assimilados**, extraídos da relação e dinâmica criada nas casas, desde sua concepção ao ato de morar e suas peculiaridades.

**Visíveis:**

Essas foram aquelas características que puderam ser notadas apenas pela observação visual, durante as visitas das casas. Aparecendo na maioria das configurações das moradias, sendo um padrão tipológico nas residências da região. Mas mais do que isso, objetos, espaços, que fugiam do senso comum arquitetônico que somos orientados a responder ao longo do processo formativo e que terminamos enquanto arquitetos a reproduzir. Essas outras lógicas carregam signos indicam traços regionais, sociais e culturais, muitas vezes ignorados pelos arquitetos.

Figura 156 – Visão.



Fonte: elaborada pelo autor, 2020.

Os Quintais

Esse espaço sempre está presente nas configurações das residências encontradas na 'rua', assim como em muitas outras casas belo montenses. E o que exatamente seria o quintal? Para Fraxe (2006, p. 249), que busca transcender valores técnicos e funcionalistas, a partir um enfoque socioespacial da retomada de contato com a natureza com uma pesquisa a respeito dos caboclos-ribeirinhos da várzea amazônica, o quintal seria:

> [...] separação entre os lugares de residência e a área de produção em função, principalmente, da presença de elementos representativos do mundo rural no urbano. O quintal é denominado pela população local como área próxima às residências onde está presente uma diversidade de plantas – fruteiras, hortaliças, plantas medicinais e ornamentais. (FRAXE, 2006).

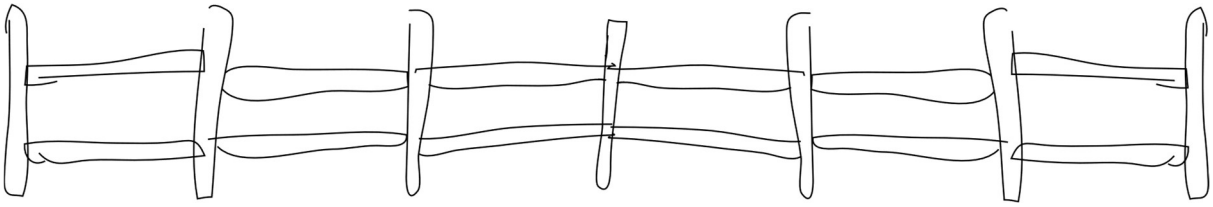
E sim, o quintal seria, de fato, esse local agregado a construção em si, arquitetônica, que em geral é limitado por uma cerca ou muros, dentro do contexto apresentando, a figura da cerca é mais verossímil. O mesmo cumpre algumas funções como espaço, de ser um ambiente de atividades, geralmente correlacionadas a essa habitação mais rural e de subsistência. Ou seja, plantação de hortaliças e fruteiras,

para gerar alimento, como também a criação de animais, atividades essas que em muitos casos sustentam as famílias. A casa da Carla é exemplo do quintal e suas criações, que cumpre a função de nutrir a família, com os moradores desempregados, parte da alimentação é composta pelo que cultivam.

Além dessas atividades, os quintais representam um espaço para seus moradores de maior contato com a natureza. Em geral, é considerado por muitos, o título - dividido com as varandas - de local mais fresco da casa, tornando-o um espaço de permanência. Foi no quintal, que muitos foram encontrados durante as entrevistas, como o caso da Diane, dona Bel, sua mãe e o marido de Carla.

O recinto também permite a execução de outros ofícios como a marcenaria, conserto de objetos. Também é onde em geral, encontra-se o tanque de lavar roupa, ocupado pela figura feminina, matriarcal.

Figura 157 – Quintal.



Fonte: elaborada pelo autor, 2020.

A televisão

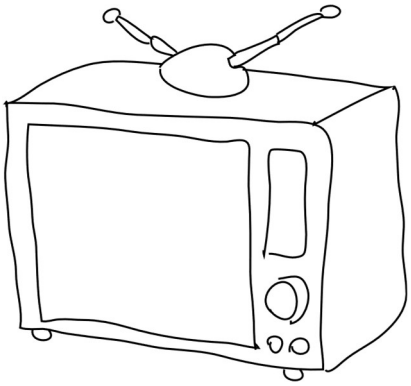
As famílias do sertão são comumente relacionadas à figura do rádio como principal meio comunicador, mas isso vem sofrendo um '*upgrade*' a alguns anos. Agora as casas deixaram apenas de ouvir, para assistir. A televisão se tornou objeto praticamente essencial na configuração das residências encontradas - unida da antena parabólica, é por aquela caixa com tela iluminada que a população de Belo Monte, tão distante de tudo, se faz conectada ao mundo.

> A televisão é objeto doméstico, como já era o rádio: basta ser ligada para trazer o mundo para dentro do nosso habitat, evitando a estranheza de algo que vem de fora (como o jornal), com peso simbólico diferente. Mistura-se à nossa vida cotidiana de diversas maneiras: dado que as atrações televisivas obedecem a uma programação (atração/tempo) ela tende a estender para a vida pessoal e familiar seus regimes próprios de tempo. (INTERCOM, 2002).

Sem exceção a televisão se faz parte da vida dessas famílias, ela supre a necessidade daqueles que a internet ainda não alcançou e de onde celulares móveis ainda não são peça fundamental e acessível a todos. É de onde as crianças tiram entretenimento e os adultos desafogam da realidade difícil da vida no sertão.

A antena parabólica compõe a paisagem das fachadas e sejam elas antigas ou LCD's de última geração, fazem-se presentes ao adentrar os recintos, seja no quarto ou nas salas, sempre tem um residente atento ao que ela tem a oferecer. A televisão, junto com a tela da rua dividem espaço, seja pela porta ou janela da sala, que quase sempre é o primeiro cômodo junto às garagens. Os telespectadores dividem os olhos, entre o mundo trazido pela tecnologia e o mundo que se passa, ali, entre o movimento na 'rua'.

Figura 158 – Televisão.



Fonte: elaborada pelo autor, 2020.

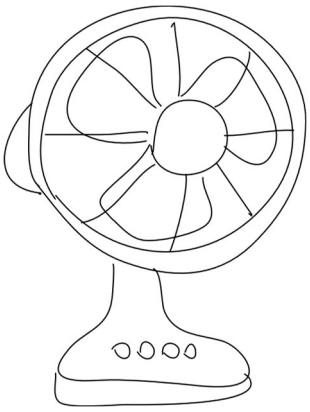
O ventilador

Presente em muitas das residências, o ventilador que é um eletrodoméstico que tem como objetivo, assim como o nome já autoexplica, ventilar. A função vem da intenção de aliviar o intenso calor das regiões mais áridas e quentes, caso da região em estudo.

Belo Monte alcança normalmente temperaturas de aproximadamente 38ºC em um clima semiárido que se acentuam com a falta de planejamento em relação ao conforto ambiental. O que acarreta em uma sensação térmica dentro dos ambientes mais acentuada. Foi possível notar a pouca quantidade de aberturas que servem para ventilação das casas, fora a falta de adequação quanto ao posicionamento do sol para a construção das mesmas. Isso tudo prejudica a ventilação das residências e aumenta

a necessidade de atitudes que amenizem a sensação de calor. Pela falta de condições para utilizar de recursos mais modernos como um condicionador de ar, além da dificuldade de acesso à luz elétrica, o ventilador se tornou um bom amigo para os habitantes locais. Os poucos exemplares seguem os moradores para onde vão e onde tomadas mal planejadas permitem o alcance da eletricidade.

Figura 159 – Ventilador.



Fonte: elaborada pelo autor, 2020.

<u>As portas de tecido</u>

A ligação dos cômodos que comumente encontramos como sendo realizada por portas, ganha outros aspectos nas casas estudadas. São poucas as que tem portas como separação e barreira de privacidade para os moradores. Principalmente pela falta de recursos, as famílias consideram não essencial o uso dessas esquadrias, afinal uma solução mais simples e barata consegue substituí-las. Essa é a utilização de tecidos, os quais são pendurados sobre as aberturas que algum dia, podem vir a serem substituídos por portas convencionais.

Os tecidos são pendurados nos vãos em tamanhos comuns de porta. Eles geralmente ou estão soltos, vedando a passagem por completo, ou amarrados, permitindo a circulação, entrada de ventilação e iluminação de forma mais eficiente. São como as cortinas para as janelas, porém aplicadas em vãos de outra função. Se comparados aos outros tipos de materiais, fica claro que os tecidos não são tão efetivos em tal função, afinal, a luz ainda se permite entrar - o que pode ser bastante incômodo durante o dia; qualquer braço humano consegue ultrapassar, impedindo uma privacidade total e segura; e não possui nenhuma propriedade de isolamento acústico. Ou seja, é uma solução paliativa, reflexo da realidade da população que vive

com o essencial e convive com as limitações e a falta de alto rendimento do que possuem.

Os mosquiteiros

Outro item que se faz muito recorrente nas casas de Belo Monte é o mosquiteiro, ele que tem como função proteger os moradores do ataque de mosquitos, principalmente das 'muriçocas', nome dado aos pernilongos no nordeste brasileiro. Inseto frequentemente visto nas regiões ribeirinhas e que se alimenta de sangue, é uma praga no sertão que assola os moradores.

> O mosquiteiro é o cortinado de filó, tule, qualquer fazenda transparente, envolvendo a cama ou a rêde-de-dormir (hamaca) para proteger contra os mosquitos. (CASCUDO, 1957)

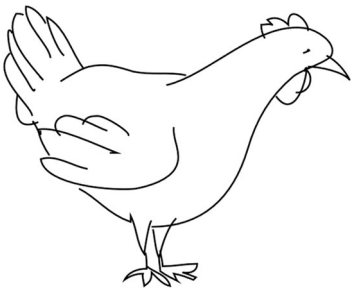
Por ser uma região ribeirinha e muito quente, os moradores mantêm janelas e portas abertas para melhorar a ventilação de suas casas, junto com a má vedação que existe nas esquadrias, facilita a entrada de mosquitos dentro da casa. A única saída protetiva que os habitantes possuem é a utilização dos mosquiteiros, que antes dos anos 1914, era um artigo de luxo, difícil até de se encontrar nas casas mais abastadas, segundo Luís da Câmara Cascudo. Após décadas, o objeto continua em uso, mas agora popularizado e para aqueles que não tem recursos e nem oportunidades de acessar a soluções mais efetivas e tecnológicas.

Criação de animais

Outra característica recorrente entre as casas da 'rua' é o fato de seus habitantes criarem animais. Os domésticos, como os cachorros e gatos, que vivem diferente dos do meio urbano, mais livres, sem as simbólicas coleiras. Mas mais recorrente que esses são os pássaros presos em gaiolas, que entram dentro de um contexto ilegal, assim como a construção de suas casas, mas também afetuoso, cultural. Segundo a Lei 9.605 da Constituição brasileira, pássaros silvestres não podem ser mantidos em cativeiro, sob nenhuma circunstância, mesmo com o apelo afetivo. O comércio também é ilegal, mas é uma prática comum, principalmente no sertão nordestino, espelho de quem já vive ilegal e desconhece a legislação.

Além dessas criações, existem ainda os viveiros para subsistência da família, onde são recorrentes as galinhas e os porcos, que são ali mantidos em seus quintais, próximos às famílias, para garantir um jantar ou almoço futuro. Essa relação com a pecuária e a agricultura reforça a configuração rural que as famílias vivem e a necessidade de espaços que possibilitem essas práticas. Retomando os quintais, que proporcionam a criação de plantas e animais, é um espaço de desejo e que os moradores fazem questão que suas casas possuam. No caso da Princesa, uma das poucas casas ainda sem quintal, a moradora sonha em possuir o ambiente, planejando como viabilizá-lo no fundo de sua casa.

Figura 160 – Galinha.



Fonte: elaborada pelo autor, 2020.

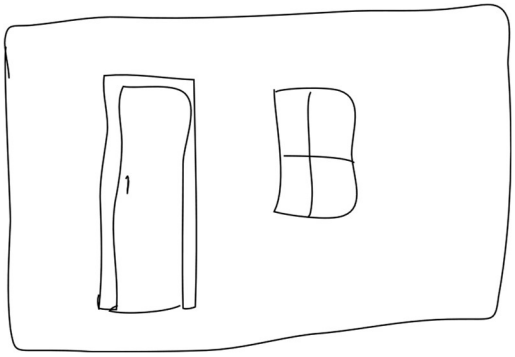
Fachada de porta e janela

Todas as casas sem exceção, apresentam a estética em suas fachadas de porta e janela, uma configuração simples, resquício da arquitetura de moradia urbana da época colonial brasileira.

As portas em geral de giro, em madeira, muitas vezes na cor crua, de aspecto simples. Algumas são porta-janelas, seccionadas, cumprindo ambas as funções. Ao lado delas também sempre há uma janela, completando a composição das fachadas, seguindo a mesma linguagem das portas. As casas apesar de construídas sem estudo técnico, são regadas pelo senso comum e principalmente o aspecto de necessidade. Toda casa precisa de uma entrada (a porta) e a janela permite o mínimo de iluminação, e dentro do contexto sertanejo de altas temperaturas, ventilação para residência. Essa estética também é reflexo da produção local, o que é feito por muitas vezes, se torna referência e é replicado.

Na casa de Dona Bel, as esquadrias vieram todas de doações ou foram encontradas no lixo. Assim aconteceu em outras casas, com reaproveitamento de materiais para suprir demandas da moradia. Essa tipologia também assemelha as casas, ao definir um padrão na ‘rua’ e reflete o pensamento dos habitantes do que uma casa tem que ter, porta e janela. Segundo Fuão (2010) “não existe casa ou interioridade sem porta”, exemplificando a relação simbólica dessa estética.

Figura 161 – Fachada de porta e janela.



Fonte: elaborada pelo autor, 2020.

Ausência de muros

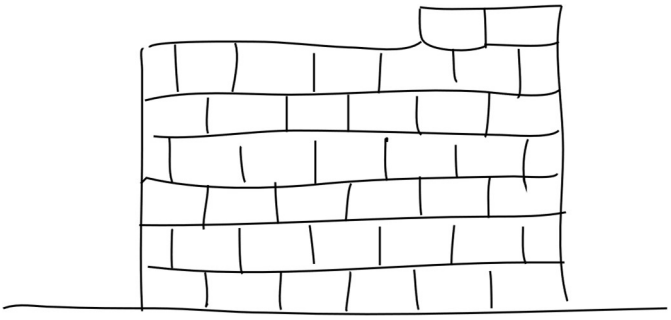
Os muros são elementos da vida urbana que já sofreram várias ressignificações históricas. Por muito tempo aqui no Brasil, os muros serviram como ferramenta principalmente para a demarcação territorial, permitir a clareza de divisão de lote e melhorar o funcionamento e a vida nas cidades, Tiago Mendes Figueiras, traz muitas nuances a respeito do assunto em sua dissertação “Sentidos do muro: barreira, lugar e objeto estético” (2016). O mesmo afirma que, a partir do século XX, o muro ganha novamente a conotação de sua criação dos tempos medievais, proteção, porém agora em escala menor, nas moradias. Aumentou-se o nível de criminalidade e também a desigualdade no país, e os muros surgiram como uma aparente solução para a insegurança. E assim segue sendo, sejam eles altos, baixos, agregados a cacos de vidro ao topo, cercas-elétricas ou a câmeras de segurança. “Quando se considera que o ambiente ficou muito perigoso, a melhor resposta é construir barreiras por toda parte e intensificar todos os tipos de controle privado” (CALDEIRA, 2000, p. 91).

Atualmente a existência de muros é cada vez mais frequente nas construções realizadas principalmente em núcleos urbanos. O que Belo Monte ainda não se

tornou, com sua característica quase rural e de isolamento, muitos aspectos urbanos positivos não alcançaram a cidade, em contrapartida, muitos dos negativos também. Um deles é a sensação de insegurança, por isso ainda não faz muito sentido para a população prever a existência de muros para suas residências. Muito menos na ‘rua’, onde existe uma relação colaborativa de vizinhança. Sendo assim a ausência de muro se justifica e se naturaliza. Mas por quanto tempo?

A falta das barreiras físicas também acrescenta as residências outro aspecto que é a extensão da casa à rua. Os locais os quais os moradores mais repousam são a sala e a garagem, são eles também os mais próximos da rua. Desses ambientes os olhos estão sempre dispostos sobre o que acontece ao mundo lá fora, ou quase dentro e fazendo esse limite bastante tênue.

Figura 162 – Muro.



Fonte: elaborada pelo autor, 2020.

<u>Ausência de revestimento cerâmico</u>

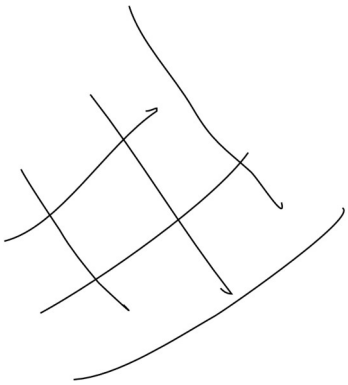
Tal ausência acontece dentro da realidade na qual os próprios moradores preveem um dia conseguir revestir sua casa. Etapa comum principalmente em áreas molhadas, como banheiros e cozinhas, o revestimento cerâmico ainda é raro até nessas locações dos moradores da ‘rua’. Tratando de outros ambientes, são ainda mais difíceis de encontrar exemplares de casa que possuem revestimento no piso, rodapé, e em outros locais, comuns na arquitetura produzida por arquitetos disseminada no país.

O principal motivo dessa falta é, basicamente, o mesmo de muitas outras: a pouca condição financeira dos habitantes. A etapa de revestimento de uma construção, em geral, é a última fase. E nesses casos, onde famílias lutam para ter um teto para se abrigar, a etapa de revestimento é praticamente um luxo, uma não

essencialidade. Apesar de no caso de áreas molhadas, a vedação das áreas serem importantes para conservação da própria estrutura.

É visual e social, o possuir ou não declara ou pelo menos sugere a condição financeira de seus moradores, na época colonial essa relação é ditada pela famosa eira ou beira. A composição definia quem tinha mais dinheiro pelo número de linhas de telhas sobre as casas. Na ‘rua’ essa associação pode ser definida pela pintura ou pela existência ou não de revestimento cerâmico nas fachadas.

Figura 163 – Revestimento cerâmico.



Fonte: elaborada pelo autor, 2020.

**Assimilados:**

Diferente dos visíveis, esses são os aspectos que vão além dos olhos, na verdade, eles precisam de mais de um sentido para serem identificados, mais profundos, subjetivos. É por isso que são apenas identificados a partir do relato dos moradores, a união entre o que eles têm a falar sobre o que expressam em concreto, suas casas. São os significados por trás do palpável, as justificativas, a metodologia, o pensamento que existem entre o autor e a obra, construtor e construção.

<u>Expectativa x Realidade dos cômodos</u>

É fácil para os moradores contarem e descreverem quantos cômodos existem em suas casas, mas também é bastante fácil assimilar que alguns destes cômodos por mais que recebam o nome, não cumprem exatamente a função especifica correlacionada à nomenclatura dada. São espaços que, a princípio foram projetados para executar as funções genéricas (cozinha para cozinhar, quarto para dormir, entre

outros) e de senso comum que conhecemos, mas que dentro da dinâmica de vida dos moradores acabaram sendo ocupados de outras maneiras.

As casas, mesmo sem projeto definido, são construídas a partir de um planejamento básico. Todas foram pensadas para designar em suas plantas baixas, espaços que correspondem às necessidades dos moradores, que dentro do contexto deles, é aquilo que eles deveriam ter e ainda não possuem. Prova disso são alguns quartos vagos, encontrados nas casas, que ganham a tarefa de quarto de visitas ou simplesmente se transformam em local de apoio para os habitantes, como no caso da Princesa que guarda roupas e sapatos em seu quarto vazio. Ou seja, esse fato reitera duas características dessas construções, que apesar de precárias e autoconstruídas, existe um tipo de planejamento. Afinal, são quartos pensados em funções futuras, na possibilidade de ser habitado. O outro fato é o de que existe um processo de reprodução, o quarto de visitas é uma característica comum nas casas de classe média, sua extinção nestas é recente diante de uma conduta contemporânea de vida, que tende a reduzir as metragens e tornar os usos dos espaços múltiplos. Nas casas estudadas, a presença de um “quarto de visitas” parece um desejo de aproximar a casa de um padrão desejado, sendo que na vivência cotidiana os mesmos são utilizados para diversas outras funções.

É nesse ponto que a arquitetura produzida na ‘rua’ contradiz a necessidade, já que os desejos e a vaidade do querer adentram essas produções. Ao mesmo tempo, é onde a necessidade se mostra mais uma vez ponto determinante, retomando o exemplo do quarto vazio, apesar de ele ser projetado através do sentimento de ter, ele cumpre a função do que é necessário. É o que acontece com a Princesa, a função dele é determinada pelo presente, esquecendo seu valor futuro.

O mesmo acontece com as garagens, que aparecem em muitos exemplares expostos nesse trabalho, a maioria dos moradores não possui carros, no máximo motos, que não chegam a ocupar toda a dimensão do espaço planejado para ser uma garagem. Exprime a vontade de possuir um veículo e ocupar o espaço, mas ao mesmo tempo cede às necessidades momentâneas, é o caso da casa da Carla, do Jamil, que tem suas garagens como espaço de varanda. Jamil e sua família aproveitam as tardes no que eles chamam de garagem, deitados sobre um colchão, colhendo o vento que surge.  Assim também ocorre com a cozinha não cozinha de Dona Bel, que possui um

local designado para a cozinha, mas que não cumpre a função, afinal a mesma utiliza e usufrui da cozinha da mãe, na casa vizinha, extensão da sua.

Essa questão demonstra que os espaços por mais que sejam planejados para cumprir funções específicas, só ganham de fato significado quando são ocupados. É a partir da dinâmica do morador com o ambiente que surge a funcionalidade e independente do nome usado, é a interação entre habitante e habitar que no final importa.

Construção através de mutirão

Ermínia Maricato, em seu livro 'A produção capitalista da casa e da cidade no Brasil industrial' de 1982, contextualiza a autoconstrução como realizada a partir da organização chamada mutirão, cooperativa, entre moradores da mesma região. Trecho a seguir defende a ideia.

> "A autoconstrução, o mutirão, a auto-ajuda, a ajuda mútua são termos usados para designar um processo de trabalho calcado na cooperação entre as pessoas, na troca de favores, nos compromissos familiares, diferenciando-se, portanto, das relações capitalistas de compra e venda da força de trabalho. " (MARICATO, 1982, p.71)

Apesar do cenário que a autora retrata ser uma realidade diferente da que o país se encontra atualmente, muito se mantém o mesmo, inclusive a forma com que as pessoas se relacionam em estado de necessidade, ao se ajudar mutuamente em coletivo. Isso ainda acontece, e Belo Monte é exemplo disso, é a partir da colaboração de muitas mãos que algumas das casas foram levantadas. Em geral, os mutirões para as construções acontecem principalmente entre familiares, irmãos, pais, primos, se unem com o objetivo de fornecer casa para alguém ou alguns de seu parentesco. É claro que a principal motivação para esse tipo de organização surge devido à falta de recursos econômicos suficientes para a contratação de um pedreiro, como é o caso de algumas outras residências da cidade.

Uma organização que permite que casas sejam erguidas em questão de dias. A casa do Josivan e da Cristina foi erguida em semanas, a necessidade de sair da casa precária ainda em taipa para uma que proporcionasse maior conforto e segurança motivou toda a família. Foi assim que Josivan se entregou ao serviço integralmente e filhos e esposa ganharam um novo ofício de serventes de pedreiro.

Esses mutirões nem sempre acontecem de maneira tão intensa de forma a encurtar a obra, como no caso da Princesa, através de um almoço feito pela mãe e familiares que ajudaram a finalizar a etapa de cobertura da moradia. Os mutirões ocorrem em diferentes dinâmicas, mas sempre com caráter de cooperação e empatia entre os moradores que entendem a realidade do outro. As únicas exceções são as casas realizadas exclusivamente pela contratação de pedreiros, que é o caso da casa do Jamil por exemplo, que trabalha em outro estado para arcar com as despesas da construção.

Reformas

Devido à falta de dinheiro das famílias, a construção da casa geralmente é feita aos poucos, ou mesmo quando rápida, acaba sendo incompleta. Além de revestimento, entre outros detalhes, como a própria pintura, partes estruturais e de composição arquitetônica são limitadas pelo poder aquisitivo do morador. Dessa maneira encontramos alguns exemplos dos famosos 'puxadinhos', adicionais construtivos que surgem com o tempo e que não estavam dentro da primeira configuração de moradia existente, a qual tinha o objetivo único de muitas vezes só abrigar e livrar o morador do aluguel.

Paola Berenstein Jacques trata em seu livro "A estética da Ginga" (2003) dessa relação de incompletude das obras autoconstruídas na perspectiva das favelas dos grandes centros urbanos. Apesar de ser uma realidade bem distante geograficamente, se assemelha muito ao que se é realizado no interior do sertão, onde as condições se assemelham pela precariedade. A mesma cita que a construção é cotidiana, nunca tem término, diante das melhorias que podem ocorrer sobre ela. Assim, pela a forma da casa não ser de fato preestabelecida, sem a referência de um produto final, produz-se a sensação de um nunca término. (JACQUES, 2001)

As casas apresentadas no presente trabalho são assim, incompletas, todas as declarações dos moradores traziam essa ideia à tona, do faltar. Independentemente do que eles ainda sonham para sua moradia, hoje, muitas cumprem seu papel de abrigar, o suficiente para quem sonhava em possuir a casa própria. O que levanta mais duas características das famílias: o sonho em obter melhorias e a gratidão pelo pouco que possuem.

Materiais construtivos

Os materiais construtivos apesar de serem aspectos bem físicos, são camuflados por várias camadas, por vezes enganando o olho nu. É por isso que ele entra dentro da categoria de assimilados, só a partir de relatos que a verdadeira forma de construir foi catalogada, além de que os processos são tão relevantes quando apenas o material usado.

Dentro da construção realizada pelos moradores da 'rua', os materiais construtivos utilizados se repetem. O modo de construir na cidade é repassada de um para o outro, pelo famoso 'boca a boca', mas também através do processo de mutirão. Um dos poucos exemplares da rua, ainda em estrutura de taipa tem como principais elementos, o barro e as madeiras que unem a forma das paredes. Mas esses materiais deram lugar a outros mais contemporâneos, fáceis de encontrar em qualquer cidade que possui uma venda de materiais de construção, além de serem considerados mais rápidos e resistentes que a técnica vernacular.

São os tijolos de alvenaria, os principais responsáveis pelo desaparecimento da arquitetura vernácula de barro da cidade. Tijolos feitos de cerâmica vermelha, em geral de oito furos são disponibilizados facilmente à população, e a um preço bem acessível em comparativo com outros métodos construtivos contemporâneos. Apesar do barro ser recolhido ali mesmo aos pés dos moradores, sem custo, os tijolos cerâmicos ocupam o patamar de sinônimo de construção civil e se tornaram a preferência na hora de produzir a própria casa, não só na região, como no Brasil inteiro. São eles os principais elementos encontrados nas alvenarias das casas da 'rua'.

Além desses, o outro material encontrado cumprindo o papel de vedação (paredes), foram os blocos de cimento, que são produzidos pelos próprios moradores. Esses apareceram como alternativa para aqueles que não tiveram condições financeiras para investir em tijolos cerâmicos e fugiam das produções frágeis com taipa.

As fundações, com poucas exceções, foram produzidas se utilizando de pedras encontradas na própria região. Pedras argamassadas empilhadas umas nas outras formando uma estrutura de base.

Os telhados seguem a configuração encontrada na maioria das produções brasileiras, o tão famoso telhado de madeira, por vezes ripado, por vezes ripado e caibrado sustentando as telhas cerâmicas vermelhas, com duas águas. Que assim como os tijolos é o método mais comum encontrado dentro das produções brasileiras e de fácil acesso aos materiais produzidos em série pelas as indústrias de construção civil.

Riscos

As autoconstruções, apesar de ser o único meio viável para as famílias diante de tanta precariedade, podem apresentar soluções e estruturas bem elaboradas, gerando até a possibilidade de engenheiros e arquitetos sozinhos não conseguirem reproduzi-las. Mesmo assim, não se pode nem se deve romantizá-las.

Seus riscos se acentuam nas grandes metrópoles, as construções que em geral são realizadas em terrenos irregulares, estão em áreas de risco, encostas, zonas de preservação, lixões. Nada benéfico para o meio urbano nem para o próprio morador. No sertão, os impactos são menores, mas os alertas estão ali.

Diane é um exemplo, a moradora vive com medo pois a possibilidade de desabamento de sua casa de taipa é real e próxima. As rachaduras e a precariedade da estrutura das paredes são visíveis. Ela teme as noites de chuva pela segurança dos filhos. O mesmo acontecia com Josivan e Cristina, por isso precisaram construir uma casa nova. Mas as casas com estruturas básicas e arranjadas, tem tempo de vida curta, em comparativo com estruturas mais elaboradas e é por isso que as reformas também aparecem nesse ponto. Os telhados estruturados pelas próprias paredes são frágeis e assim como permitem a entrada de água nas casas, podem não aguentar tantos invernos.

Outros problemas são recorrentes como instalações de energia duvidosas, expostas. A própria vulnerabilidade a pragas e doenças, pelos restos de materiais de construção espalhados pelos quintais e rua, assim como a exposição a mosquitos. A falta de conforto ambiental adequado, que é um adicional contra a saúde pública.

São os diversos riscos que essas famílias estão expostas, para não sofrerem com mais riscos. Porque de fato, se não fossem esses, seriam maiores e/ou piores. É

uma realidade difícil e dolorosa, são pessoas que precisam fazer suas escolhas na busca de amenizar os problemas, a partir de sua luta diária.

Dependência financeira de programas governamentais de assistência

A grande maioria das famílias da 'rua' vivem na linha da pobreza, junto com aproximadamente 50 milhões de brasileiros, 25,4% da população, segundo dados de 2017 divulgados pelo IBGE. Essa população tem renda familiar próxima a R$ 387,07 por mês (Agência Brasil, 2017). Realidade que assola grande parcela dos moradores da cidade de Belo Monte. São pessoas pobres que sofrem com a falta de oportunidades de emprego e que dependem de políticas assistencialistas, como é o caso do programa do governo, o Bolsa Família adotado desde 2003 pelo país.

Atualmente o programa alcança cerca de 13,5 milhões de famílias (Agência Brasil, 2019) e no caso estudado é a única renda fixa que alcança os moradores, sendo para alguns a única renda de fato. O projeto tem como finalidade: "[...] minorar de imediato a pobreza por meio da transferência condicional de renda para um grupo de famílias elegíveis" (CAVALCANTI e col, 2016).

É essa realidade econômica dessa população que justifica os 'crimes' cometidos para sobrevivência, como o caso da própria construção da moradia. É essa mesma realidade que explica as características apresentadas anteriormente, os materiais construtivos, as metodologias de construção, os objetos, as características, entre outras coisas.

Em pesquisa, de 2015, o CAU afirma que a contratação de profissionais da área de construção civil – arquitetos e engenheiros – está ligada à renda e a escolaridade. Segundo a mesma pesquisa, 26,2% da população que construiu ou reformou com ajuda especializada era economicamente ativa e possuía nível superior, essa taxa cai para 9,5% quando se fala da população que apenas alcançou o ensino fundamental (CAU/BR, 2015). Ou seja, as casas autoconstruídas são um fenômeno que surge diretamente ligado à questão social. A contratação de mão de obra especializada para acompanhamento das obras não é uma questão de escolha, mas sim de acessibilidade.

Uma cidade de configuração totalmente rural como Belo Monte, depende financeiramente de uma vida de subsistência para os que não estão próximos ao núcleo urbano e vivem da pecuária e agricultura. Atividades essas que são prejudicadas com as dificuldades do solo de caatinga e a falta de água da região. A outra parcela mais urbana, depende majoritariamente de cargos no setor público para sobrevivência, com um comércio muito embrionário, falta oportunidades de emprego e recursos para a população. Jamil é o exemplo que para construir sua casa, sem ajuda de familiares e outros, migra sazonalmente para o Mato Grosso em busca de oportunidades, o mesmo acontece com muitos outros moradores da região. Para aqueles que se aventuram em viver na cidade dentro das condições que ela oferece, viver a mercê dependente do Bolsa Família parece ser a única possibilidade.

A necessidade

Todas as casas estudadas, sem exceção, foram casas construídas sem nenhum tipo de contato com profissional especializado da área de construção civil, sejam eles, engenheiros ou arquitetos. Nelas foram apenas depositados conhecimentos adquiridos pela prática da construção, sem nenhum embasamento teórico. Práticas vindas através dos pedreiros ou serventes que já executam as obras no local e suprem a carência de profissionais da área, ou através do conhecimento desses passados a terceiros. Como no caso das casas erguidas pelos próprios moradores sem exercício relacionado à construção civil.

O fenômeno das autoconstruções ocorre pela necessidade, advinda tanto pela falta de acesso a profissionais qualificados, quanto pela falta de acesso à moradia. A soma do déficit habitacional com o alto custo de contratação de profissionais da área é igual a autoconstrução. Casas condenadas pelo CAU (Conselho de Arquitetura e Urbanismo) e pela própria constituição federal que declara como crime a prática. Mas são esses criminosos que lutam diariamente pelo direito de morar.

Dona Bel aprendeu a fazer tijolos de cimento, e foi com esse ensinamento que ela ergueu a casa da mãe e depois a sua, dando teto a mais de 7 pessoas. Josenias foi trabalhar fora e passa meses longe de casa, para pagar um pedreiro para erguer a casa que ele mal pode aproveitar, porque o custo de viver é alto. Josivan e Cristina

viviam em condições precárias em uma casa de taipa e para garantir a segurança dos três filhos e deles próprios levantaram, com suas forças, a sua nova casa em alvenaria. Zé Nildo aprendeu a ser pedreiro, observando, sendo servente, ganhou um ofício e a oportunidade de sair do aluguel, com o que aprendeu fez um abrigo para ele e os filhos. Diane vive em condições precárias correndo risco de vida com os filhos na casa de taipa que está caindo. Se ela não construir uma nova casa, nenhum graduado fará por ela. Carla depende da casa para sobreviver. Eronildes transformou um quarto em uma casa, contratando um pedreiro. Princesa casou, mas só se sentiu independente quando pôde sair da casa dos pais, demorou, mas com a ajuda dos familiares hoje ela pode construir sua própria família embaixo das telhas que eles mesmo colocaram.

Não há como ignorar histórias como essas, mas pior que isso é condenar a prática de libertação dessas famílias. Autoconstruir não foi uma escolha para eles, foi sua salvação, o único meio de se sentirem humanos, abrigados, protegidos e para isso eles não poderiam esperar. Era mais do que ter que pagar aluguel, é necessidade.

## 4. MOLDAR A FORMA DO BARRO (REFLEXÃO SOBRE A RELAÇÃO DA AUTOCONSTRUÇÃO COM A SOCIEDADE)

A partir da análise dessas casas e a relação que existe entre morador e moradia, fez-se necessário contextualizar o que essas produções representam. O contexto social em que se encontram e o que refletem como símbolos sociais. Muito já foi explicado a respeito da motivação pessoal dos moradores e até aspectos econômicos, mas agora é necessária uma discussão em escala macro sobre o que está por trás disso: a responsabilidade que instituições como o governo e a universidade possuem e como se inserem nessa realidade.

**Reflexão 1, a realidade social dessas construções.**

A autoconstrução é um fato em nosso país, apesar de ser uma ação que vai contra a lei 12378/2018 que regulamenta as atividades que são exclusivas do profissional de arquitetura. O mesmo se dá quanto à lei 5194/1966, referente às atribuições dos engenheiros civis, ambas exigem o acompanhamento de um profissional na área das ações referentes à construção civil.

A prática é motivada por muitos aspectos, sendo os principais em torno da falta de acessibilidade à moradia, o alto custo na contratação de profissionais especializados na área e a burocracia em volta da aprovação dos projetos perante os órgãos responsáveis. É uma manifestação que, sem dúvidas, ocorre através da população de baixa renda.

Segundo pesquisa realizada pelo Conselho de Arquitetura e Urbanismo do Brasil (CAU/BR) em 2015, mais de 50% dos entrevistados reformaram ou construíram casas ou comércios, enquanto que apenas 15% desse número utilizou os serviços de um arquiteto ou engenheiro para a obra. A pesquisa também afirma que o principal motivo pela preferência da população por autoconstruções é a questão econômica e que os centrais problemas enfrentados nesse tipo de obra estão correlacionados em três eixos: planejamento, mão de obra e material. Os dados também indicam que a região Sul do país é a que mais consome o serviço de construção especializado. O que permite fazer um link direto com outros indicadores sociais da região, como melhor qualidade de vida comparado ao restante do país e IDH (Índice de Desenvolvimento Humano) elevado. O mesmo acontece com o Nordeste, porém no sentido oposto, ainda segundo a pesquisa do CAU/BR, foi a localidade que apresentou a menor adesão aos serviços de profissionais adequados, no caso, arquitetos e engenheiros. O que permite, também, o comparativo com outros indicativos da região por possuir os piores números quanto à qualidade de vida do Brasil.

A pesquisa realizada pelo Conselho de Arquitetura e Urbanismo brasileiro reitera a justificativa para as casas serem autoconstruídas por motivos financeiros. Inclusive, um dado importante sobre a metodologia da pesquisa é que a mesma possuiu como base 2419 pessoas em todo o país, concentradas em 177 dos 5570 municípios que o Brasil possui, de acordo com o último quantitativo divulgado pelo IBGE. Ou seja, não alcançando a grande produção de autoconstruções que são realizadas em centros não urbanizados, como é o caso da cidade em estudo no presente trabalho. Demonstrando, assim, a invisibilidade que essas expressões construtivas em meio rural sofrem.

O desejo das pessoas em possuir a casa própria é um outro fato que explica e legitima a autoconstrução no país. Desejo esse que exprime um pensamento

capitalista atual “[...] mais do que uma necessidade básica, conforme foi mencionado, a habitação é uma mercadoria inserida na lógica capitalista de produção.” (BONATES, 2009, p.28). As famílias buscam sair dos aluguéis e o valor de capital da casa insere-se ao permitir uma segurança financeira ao morador. Lúcio Kowarick reflete em texto o que seria a visão do autoconstrutor quando a acolhe como alternativa.

> A grande vantagem [da autoconstrução] reside em escapar do aluguel, gasto inútil. Sair dele é um alívio. É também ter mais segurança, pois ‘hoje se está empregado e o amanhã é incerto’. Permite fazer a casa aos poucos, paga tudo si mesmo. O que sustenta o sacrifício de construí-la e morar longe de tudo é produzir um bem que é um abrigo contra as intempéries da vida e uma garantia para os dias de velhice. É tudo isto e também o empenho de ser dono de seu espaço, de morar naquela que é sua e deixá-la para os filhos. Significa, enfim, ‘construir um futuro’, confeccionado com o esforço conjunto da família, que despende suas energias para atingir uma meta de grande valor material e simbólico (KOWARICK, 2009, p.220).

Entretanto, no caso das casas autoconstruídas, a questão de posse de residência vai além de uma conjuntura mercadófila, “todas as formas de autoconstrução de moradia, que têm como traço comum o fato de não ser a acumulação de capital o que orienta a produção, mas a produção de valores de uso” (RIBEIRO, 1997, p.123). Sendo assim, dentro do contexto brasileiro a realidade é de que a casa própria, em muitos dos casos, apresenta-se mais como um direito vigente a ter onde morar do que posse do que vender. Direito esse garantido pelo artigo 6º da Constituição Federal do Brasil e o artigo 17 da Declaração Universal dos Direitos Humanos de 1948, nos quais declaram que "todo homem tem direito à propriedade".

O baixo custo de produção justifica a atividade construtiva considerada ilegal, a autoconstrução surgiu como solução para a classe menos abastada de garantir o direito que o Estado atualmente não assegura. E na tentativa de fornecer esse direito o governo ao longo dos anos surgiu com diversas políticas públicas para tentar erradicar ou pelo menos amenizar o problema do déficit habitacional no Brasil. Em 2009, surgiram pela Constituição Federal duas ferramentas governamentais que vêm sendo discutidas até hoje quanto a questão de aplicabilidade e seus pontos positivos e negativos que estão totalmente interligadas ao tema da autoconstrução, são elas:

- Programa habitacional de interesse social (Minha Casa Minha Vida)

A batalha pelo fim do déficit habitacional no Brasil já vem sendo travada a muito anos. Surgiram as primeiras ações brasileiras com políticas urbanas efetivas durante o período ditatorial. São criados o SFH (Sistema Financeiro de Habitação e o BNH (Banco Nacional de Habitação) que tinham como objetivo financiar as obras, enquanto que as ações executivas eram realizadas pelas COHABs (Companhias Habitacionais Estaduais e Municipais, COOPHABs (Cooperativas Habitacionais) e as Caixas de Pensão.

> Já na década de 1950, mas com reforço profundo após o Golpe de 1964, o Estado nacional central e autoritário cria vários organismos com o objetivo de planejar a ação governamental e induzir o desenvolvimento nacional. Neste momento é lançada a primeira política habitacional nacional efetiva. (BALBIM; KRAUSE, 2014, p.191)

Foi assim que teve início o processo de combate à falta de moradia da população, ou tentativa, processo que se estende até hoje. Chegando ao governo Lula, a política de reforma urbana sofre uma revolução ao ser implantado o FNHIS (Fundo Nacional de Habitação de Interesse Social) em 2005, junto com o Crédito Solidário em 2004, o PAC Urbanização de Favelas em 2007 e o Minha Casa Minha Vida (PMCMV), Lei nº 11.977/2009, que é provavelmente o programa habitacional mais conhecido da atualidade. São todos programas que visam e incentivam a criação de HIS (Habitações de Interesse Social), que são as moradias vinculadas à população de baixa renda que não detém capital financeiro suficiente para arcar sozinha com o sonho da casa própria.

O PMCMV é um programa de financiamento de HIS em conjunto com a Caixa Econômica Federal que hoje trabalha com um sistema de seleção de famílias através da renda, dividido por dois grupos: habitações urbanas, grupo dividido em quatro faixas de renda, em um valor mensal que varia de menos que R$1.800 a última faixa de até R$7.000 reais; e habitações rurais, que varia em três faixas que priorizam famílias com renda anual de valor menor que R$17.000 a última faixa de até R$ 78.000. Com diferentes vantagens e taxas de acordo com a faixa em que o indivíduo se enquadra.

Com um número que alcançou, em 10 anos de implementação (2009-2019), 5,7 milhões de contratos realizados pelo programa, entregou 4,3 milhões de moradias e possui cerca de 222 mil unidades em construção, segundo Leda Antunes (2019)

para uma pesquisa especial de uma década do Minha Casa Minha Vida. Entretanto, ele não foi eficaz em diminuir a falta de habitação, afinal as famílias em pior situação são as que possuem renda de apenas um salário até três salários mínimos, que representam 91,7% do déficit habitacional, segundo a mesma pesquisa. Público o qual não foi alcançado pelo projeto do governo. Tendo como base os moradores de Belo Monte citados, com boa parte da população com renda de apenas um Bolsa Família, um financiamento não seria uma alternativa. Cristiano Muller (2014), reitera que o programa não se efetivou para a faixa de 0 a 3 salários mínimos, tendo ficado restrito a solução destinada para o pessoal de renda de 3 a 5 salários mínimos, com obras gigantescas nas cidades.

O Minha Casa Minha Vida também enfrenta outros problemas quanto à sua execução, como é o caso da periferização dos beneficiários, afinal os terrenos mais baratos para construção de grandes condomínios com produção de habitação em série é refém da especulação imobiliária, como foi o caso da implementação do programa para a classe baixa renda. O mesmo também sofre com a venda ou aluguel dos imóveis subsidiados, problemas com a estrutura e precariedade dos materiais utilizados, atraso nas entregas, entre outros.

Mas o principal questionamento que esse trabalho visa reforçar relacionado com o que foi apreendido em pesquisa, é o fato da produção genérica das moradias em série. A construção de diversas casas igualmente compactas e divididas para atender um público padronizado segundo um pensamento modernista funcional de morar, esse posicionamento vai contra todas as especificidades e particularidades que a classe mais precária vive. Segundo os relatos e análises das casas belo monteses, cada morador vive uma dinâmica diferente com a moradia que possui, as casas são reflexo de seus moradores. Retirá-los dessas produções para inseri-los em caixas com modo de vida padrão é negar uma expressão de vida social.

O fato é que por trás da política habitacional existe um mercado capitalista do ramo da engenharia civil que domina o setor e implanta medidas que fogem do objetivo principal do programa, que é fornecer um sonho. Renato Balbim e Cleando (2014) citam que criar uma lógica de interesse empresarial na implantação de uma política habitacional reflete na construção do espaço urbano, um desses reflexos é a escolha por espaços mais distantes para implantação dos projetos. E o mesmo se dá

quando se nega a dinâmica de vida e as regionalidades das populações mais carentes, as quais dentro desse contexto não possuem direito de escolha.

- Assessoria Técnica

Este trabalho terá como prioridade utilizar o termo assessoria ou invés de assistência técnica, diante de uma linha de pensamento que questiona o segundo termo, apesar de ser o mais usual. A partir da premissa que “A terminologia deixa entrever o caráter assistencialista e missionário que a perpassa e que aqui queremos contrapor” (BALTAZAR e KAPP, 2016, p.4).

Ainda no objetivo de sanar as dificuldades da falta de moradia no Brasil, o governo sancionou a lei nº 11.888 em 2008, a lei de assistência técnica que visa fornecer às famílias de baixa renda acompanhamento técnico por profissionais da área nas suas autoconstruções. No artigo 2 da lei, ela decreta: “As famílias com renda mensal de até 3 (três) salários mínimos, residentes em áreas urbanas ou rurais, têm o direito à assistência técnica pública e gratuita para o projeto e a construção de habitação de interesse social para sua própria moradia.”. A mesma assegura todo o processo considerado ideal para a construção civil, projeto, acompanhamento e execução da obra encarregados por profissionais das áreas de arquitetura, urbanismo e engenharia inseridos em um contexto que visa uma edificação, reforma, ampliação ou a regularização fundiária da habitação.

Esses recursos que eram disponibilizados pelo Ministério das Cidades proporcionavam a essa população uma obra de melhor qualidade, com um melhor custo-benefício e uma edificação regulamentada, um processo denominado de provisão pública. Diferente da provisão informal: quando a construção não segue a legislação em relação a questões como planejamento, coordenação, financiamento, regulamentação, etc. Ou seja, surgiu no Brasil uma estratégia de solucionar a questão da ilegalidade das autoconstruções formulando a Lei da Assistência Técnica que prevê o fornecimento de auxílio especializado acessível para essas produções. Mas a aplicação da mesma ficou aparentemente apenas no papel, devido à realidade brasileira na qual a assessoria técnica é praticamente um mito dentro das cidades interioranas.

A ferramenta foi formulada, mas a aplicação da lei não foi efetiva, faltaram os dispositivos, principalmente relacionados ao financeiro e também ao despreparo de engenheiros e arquitetos que pecam na qualidade e na estética das habitações. Mas o maior problema que a lei enfrenta é a falta de disseminação da mesma, a informação da sua existência ainda é escassa no país e pouco se é falado a respeito. É alarmante o fato de que o Ministério das Cidades, principal responsável por disseminar a lei, foi extinto na atual gestão presidencial no ano de 2019.

De todo modo o sancionamento da Lei de Assistência Técnica no país foi um grande avanço tanto no âmbito da arquitetura como em um processo de melhorias sociais. Ela tem o propósito de corrigir um dos erros graves que ocorre no campo arquitetônico atual: a já citada produção em série de habitações sociais. Essas vão contra a ideia de que a casa é a extensão do seu morador ou até mesmo a de que não respeita as diferentes maneiras de interação com os espaços.

> É justamente através de um trabalho individual e personalizado que a lei da assistência técnica surge como um importante passo para a democratização da condição habitacional no país. Essa característica afasta o projeto dos empreendimentos massificados e reproduzíveis, como o Minha Casa Minha Vida, já que mantem as famílias nos lugares onde vivem, usufruindo da infraestrutura – em alguns casos – já existente. (GHISLENI, 2017)

A precariedade de muitas das construções civis surge a partir dessa falta de acompanhamento especializado por profissionais da área. O distanciamento entre profissionais da arquitetura e a classe mais carente, vem de um processo de elitização do campo, onde os escritórios trabalham sobre uma perspectiva de arquitetura autoral em busca de sucesso, o que apenas afasta da função social do arquiteto. A arquitetura ao longo dos anos veio submetendo-se aos desejos de uma classe mais favorecida, quase a tornando supérflua dentro de um contexto social tão grave como no caso do Brasil (GHISLENI, 2017).

O cenário vem mudando, as pessoas estão cada vez mais conscientes do seu papel social perante uma sociedade que clama por ajuda. O mercado também está em mudança, a cada dia mais faculdades de arquitetura surgem, são novos arquitetos no mercado, menos empregos para esses profissionais e assim assoma a necessidade de explorar outros campos, outros mercados. Entretanto ainda existem barreiras a serem vencidas como Raquel Rolnik prega a seguir:

> Por outro lado, os governos têm renunciado a sua função de planejar e projetar as cidades. Sob a marca do “enxugamento da máquina”, no setor público, o que vemos hoje, cada vez mais, é o sucateamento dos órgãos e empresas responsáveis pela elaboração e execução de planos e projetos e sua completa incapacidade de atuação frente aos imensos desafios demandados por nossas cidades. (ROLNIK, 2015)

Hoje, se ouve falar da ATHIS, sigla empregada para Assistência Técnica em Habitação de Interesse Social, movimento que surgiu como resultado da promulgação da lei de assistência técnica. Englobando todos os serviços técnicos de arquitetura e urbanismo, engenharia, direito, serviço social, geografia, geologia, biologia e outros campos com o objetivo de garantir o direito à moradia. Em 2016, o próprio CAU/BR destinou 2% do orçamento anual para a divulgação da ATHIS, o que parece pouco, mas já é um avanço no passo de gerar visibilidade para uma questão ainda às sombras. O quadro parece está mudando e a esperança é que com a chegada da nova década a responsabilidade social faça parte do panorama da arquitetura e urbanismo no país.

**Reflexão 2, a importância do reconhecimento dessa arquitetura como objeto de estudo.**

Apesar de ser atualmente a maior expressão de arquitetura existente no país, essa arquitetura popular tem sido pouco contemplada quanto a estudos no campo da teoria e da história. Por ser considerada ‘popular’ e uma manifestação atual, os estudos em prol de entender esses exemplares têm pouco incentivo e são pouco valorizados.

> Não menos fundamental é o estudo das formas e dos espaços produzidos por segmentos sociais menos favorecidos, em seu enfrentamento e adaptação às situações mais diversas e adversas. Num país que em a maior parte da arquitetura das grandes e médias cidades é resultado de autoconstrução, ignorar esse universo é, no mínimo, um sinal de alienação (SANT’ANNA, 2013, p.41).

Marcia Sant’anna (2013) também evidencia a importância da produção acadêmica sobre esses exemplares de arquitetura pouca valorizada, como o caso das residências autoconstruídas, “estudos acadêmicos têm o papel fundamental de produzir conhecimento sobre essa arquitetura e sobre os saberes que a constituem, bem como o desenvolvimento conceitual em torno do tema”.

Estudar esse tipo de arquitetura vai muito além de identificar aspectos morfológicos, expressões estéticas e métodos construtivos. A arquitetura tem o privilégio de ser reflexo do modo como as pessoas se comportam, convivem e se expressam. “A arquitetura popular revela muito mais que formas e cores, estando profundamente ligada ao cotidiano e ao modo de viver dos indivíduos, porque morar numa casa significa habitar ao mesmo tempo um espaço físico e um espaço simbólico-afetivo” (NASCIMENTO, 2015, p.16).

É importante ressaltar que a ausência de estudo sobre a área da autoconstrução se acentua bastante quando se fala de produções de aspecto rural, como é o caso dos exemplares desse trabalho. O que se é produzido é voltado para as expressões que ocorrem dentro de centros urbanos. Onde se autoconstruir é um problema intensificado pela aglomeração e alta especulação imobiliária, fazendo com que famílias se alojem em áreas periféricas e de risco. Cidades essas as quais o problema é eminente e a situação precisa ser tratada com urgência. O posicionamento do presente trabalho não retira a importância em estudar e solucionar esses casos, mas indica a necessidade de também se estudar a respeito do meio ruralizado. Afinal, quando se fala em planejamento urbano, se fala em planos futuros, e essas cidades rurais podem ser as futuras cidades urbanas que vão sofrer com os mesmos problemas que as atuais já encaram.

Olhar sobre essas cidades, não só é necessário para se planejar urbanamente o futuro do país, mas também levar conhecimento a comunidades que praticamente não tem contato com o que seria Arquitetura e Urbanismo ou áreas correlacionadas. Ponto esse o qual nem as faculdades e nem os profissionais alcançam.

Outro papel importante dentro do contexto de estudo é a preparação adequada dos profissionais da área para lidar com as especificidades dessas construções. O erro já apontado das produções de habitações sociais no país é recorrente. Ignorar o que já é produzido é um erro, ao longo do tempo, essas famílias aprenderam muitos conhecimentos, incluindo o de como melhor construir e a respeito de infraestrutura e outros serviços urbanos.

> Não há de ser a imposição do “saber científico” dos campos da arquitetura e engenharia frente às condições de provisão e aos processos produtivos dos autoconstrutores, garantia para a moradia autoconstruída eficaz. Entendemos que o alcance da Lei de Assistência Técnica somente poderá

> ser positivo se, e somente se, os processos produtivos da moradia forem compartilhados. (NASCIMENTO, 2011, p.6)

Essa capacitação e atuação devem ser embasadas pelo princípio de fazer e apreender com as experiências individuais, repassadas de maneira formal e informal. Escutar o que os futuros moradores têm a oferecer como mecanismo de projetar. É por isso que se torna importante a inserção desse tipo de conteúdo no âmbito acadêmico.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O sertão alagoano tem muito o que oferecer como objeto de estudo referente ao âmbito da autoconstrução. As dificuldades ambientais e o alto índice de pobreza evidenciam a resiliência que um povo possui, o poder de sobreviver e se adaptar em uma terra castigada. É o espaço exemplo onde o conhecimento teórico acadêmico não alcançou e a prática do fazer para viver é intrínseca.

Há muito o que aprender com essa população, principalmente os profissionais arquitetos e urbanistas. Criar uma casa do zero, enfrentado todas as dificuldades sociais que os mesmos enfrentam é a clara evidência de que se há muito o que absorver. É certo que a base teórica que é trazida pela universidade é muito válida, mas é a partir do uso com sabedoria desta em conjunto com o que a população menos abastada tem a dizer, que se pode alcançar um modelo de arquitetura mais real e adequada para as famílias que necessitam. Este trabalho tem como objetivo dar espaço para essa arquitetura produzida sem especialistas para ser janela da reflexão a respeito de como o profissional de arquitetura pode adentrar esse campo, o que o mesmo tem a contribuir.

A luta pela execução da Lei de Assistência Técnica tem que ser de responsabilidade dos arquitetos e urbanistas, faz parte da contribuição social da profissão imergir e contribuir com essa realidade menos privilegiada. Fazer útil a ferramenta já criada, reivindicando cargos frente aos municípios e tornando a questão da habitação tão importante quanto a saúde e o direito são para o país. Afinal, habitação também é saúde pública.

Necessidade vai continuar sendo o ponto de força desse povo, é a sua força, sua criatividade, com isso eles seguem se autoexpressando. A partir do que

conquistam, mesmo que pouco para alguns, criam orgulho e disso esbanjam sorrisos. É por Dona Bel, Dona Geralda, Josivan, Cristina, Jatobá, Zé Nildo, Jamil, Josenias, Diane, Carla, Eronildes, Princesa que o arquiteto e urbanista deve se fazer adentrar nas rachaduras do sertão na tentativa de melhorar a vida dessas pessoas. Auxiliar em suas realizações de sonhos, garantir sua segurança e aprender com eles, como que João de Barro voa.

## REFERÊNCIAS


ANTUNES, L. Minha Casa perto do fim? Programa habitacional popular faz 10 anos com menos dinheiro e sob pressão para mudar nome e regras**. UOL Economia**, Rio de Janeiro, 24 nov. 2019. Disponível em: <https://economia.uol.com.br/reportagens-especiais/minha-casa-minha-vida-dez-anos>. Acesso em: 28 jan. 2020.

AULETE DIGITAL. Autoconstrução. **AULETE DIGITAL**, [s.l.], [s.d]. Disponível em: <http://www.aulete.com.br/autoconstru%C3%A7%C3%A3o>. Acesso: 28 de setembro de 2018.

BALBIM, R.; KRAUSE, C. Produção social da moradia: um olhar sobre o planejamento da Habitação de Interesse Social no Brasil. **REVISTA BRASILEIRA DE ESTUDOS URBANOS E REGIONAIS**. v.16, n.1, p.189-20, 2014.

BRANDÃO, L. de L. **A casa subjetiva: matérias, afectos e espaços domésticos**. São Paulo: Perspectiva, 2002.

CAIXA. Minha casa minha vida. **CAIXA**, [s.l.], [s.d]. Disponível em: <http://www.caixa.gov.br/voce/habitacao/minha-casa-minha-vida/Paginas/default.aspx>. Acesso em: 04 dez. 2019.

CALDEIRA, T. P. D. R. **Cidade de muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo**. Tradução de Frank de Oliveira e Henrique Monteiro. São Paulo: EDUSP, 2000

CASCUDO, L. da C. O mosquiteiro é ameríndio. **Revista de Dialectología y Tradiciones Populares**, Madrid, v. 13, ed. 4, p.451, 1957.

CAU/BR. **Pesquisa inédita: Percepções da sociedade sobre Arquitetura e Urbanismo**. CAU/BR, [s.l.], 2015. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/panorama>. Acesso em: 04 fev. 2020.

CAU/BR. **ATHIS (Assistência técnica em habitação de interesse social): um direito e muitas possibilidades**. CAU/BR, [s.l.], 2018. Disponível em: <https://www.caubr.gov.br/wp-content/uploads/2018/12/nova-cartilha.pdf>. Acesso em: 03 fev. 2020.

CAVALCANTI, D. M.; COSTA, E. M.; SILVA, J. L. M. da; SAMPAIO, R. M. B. Impactos do programa bolsa família na renda e na oferta de trabalho das famílias pobres: uma abordagem usando o efeito quantílico de tratamento. **Revista Economia Aplicada**, Ribeirão Preto, v. 20, n.2, p. 173-201, 2016.

DICIO - Dicionário Online de Português. **DICIO**, [s.l.], [s.d]. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/> Acesso em: 28 set. 2018.

FILGUEIRAS, Tiago Mendes. **Sentidos do muro: barreira, lugar e objeto estético**. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de Brasília, Brasília, 2016.123 f.

FRAXE, T. de J. P. Natureza e mundo vivido: o espaço e lugar na percepção da família cabocla/ribeirinha. In: SCHERER, E.; OLIVEIRA, J. A. de (Org.). **Amazônia: Políticas Públicas e Diversidade Cultural**. Rio de Janeiro: Garamond, 2006. p. 233-258.

FUÃO, F. D. de F. A interioridade da arquitetura. **Cadernos PROARQ**. Rio de Janeiro. n.14, p. 99-107, 2010.

GHISLENI, Camilla. A lei da assistência técnica e a importância social da arquitetura. **ArchDaily**, [S.l.], 2017. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/802978/a-lei-da-assistencia-tecnica-e-a-importancia-social-da-arquitetura-camilla-ghisleni>. Acesso em: 28 set. 2018.

IBGE. **Brasil/Alagoas/Belo Monte**. IBGE, [s.l.], [s.d]. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/al/belo-monte/panorama>. Acesso em: 18 abr. 2018.

IBGE. **Panorama Brasil**. v4.3.43. IBGE, [s.l.], [s.d]. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/panorama>. Acesso em: 04 fev. 2020.

Informações do Brasil. **SERVIÇOS DE SAÚDE 2005 DE BELO MONTE (AL)**. INFORMAÇÕES DO BRASIL [s.l.], [s.d]. Disponível em: <https://informacoesdobrasil.com.br/dados/alagoas/belo-monte/>. Acesso em: 20 abr. 2018.

JACQUES, Paula. **Estética da Ginga: A Arquitetura das favelas através da obra de Hélio Oiticica**. Rio de Janeiro, CASA DA PALAVRA, 2001.

KOWARICK, L. **Viver em risco**. São Paulo: Editora 34, 2009.

MARICATO, E. **A produção capitalista da casa (e da cidade) no Brasil industrial**. São Paulo, EDITORA ALFA-OMEGA, 1982.

MELO, R. S. de. **Belo Monte (Subsídios para a sua história)**. Recife: Ed. Do autor, 2ª edição, 2009.

MORADO NASCIMENTO, D. A autoconstrução na produção do espaço urbano. In: MENDONÇA Jupira Gomes de; COSTA, Heloísa Soares de Moura (org.) **Estado e capital imobiliário: convergências atuais na produção do espaço urbano brasileiro**. Belo Horizonte: Ed. C/Arte, 2011. p.217-230.

MULLER, C. **Os conflitos fundiários urbanos no Brasil desde uma perspectiva crítica dos direitos humanos**. In: FERNANDES, E.; ALFONSIN, B. (coords.). Direito à moradia adequada: o que é, para quem serve, como defender e efetivar. Belo Horizonte: Fórum, 2014, p.161-182.

OLIVEIRA, L. **AUTOCONSTRUÇÃO COMO TÁTICA HABITACIONAL NA CIDADE CONTEMPORÂNEA**. Brasília, UniCEUB, 2017.

OLIVEIRA, N. IBGE: 50 milhões de brasileiros vivem na linha da pobreza. **Agência Brasil**, Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2017-12/ibge-brasil-tem-14-de-sua-populacao-vivendo-na-linha-de-pobreza>. Acesso em: 05 fev. 2020.

ROLNIK, R. Arquitetura: direito de todos. **Blog da Raquel Rolnik**, São Paulo, 2015. Disponível em: <https://raquelrolnik.wordpress.com/tag/assessoria-tecnica/> Acesso: 26 set. 2018.

SOUZA, M. J. N. de. Televisão e computador: repensando a sociabilidade mediada da contemporaneidade. *In*: XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2002, Salvador, BA. **Anais [...]** Salvador, BA: XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação: NP 8 de Tecnologias da Informação e da Comunicação, 2002.

## ANEXO

- Revestindo o interior com palha (adendo sobre a cidade de Belo Monte)

### História

O que de fato aconteceu para o surgimento da cidade de Belo Monte é baseada muito em histórias contadas por antigos moradores e registros dos missionários da época da exploração portuguesa na região. Infelizmente não se tem muitas informações a respeito e é uma lástima existir tantas lacunas a respeito do passado de uma região.

> [...] quanta página brilhante não se perdeu, na espessura dos sertões do norte, durante essa pujante expansão da pátria, - por não haverem os

> historiadores de antanho ligado importância de maior aos audazes vaqueiros, cujo imerecido anonimato provém de não terem sido contribuintes de peso erário de Portugal. (MELO, 2009)

Os primeiros habitantes da região que hoje é chamada de Belo Monte, supõe-se ser como em boa parte das terras brasileiras de origem indígena. Especificamente, os Cariris, que junto com os Caetés eram quem ocupavam Alagoas, antes da invasão portuguesa. Estes se situavam principalmente nas terras do interior do estado, na área de caatinga e sempre junto ao rio São Francisco, ou de outros recursos hídricos como o rio Ipanema. Em seu livro Belo Monte (subsídios para a história), Pe. Reginaldo de Melo declara que há indícios e provas patentes da existência desses indígenas na região, ele cita o caso dos primitivos aldeamentos da Ilha de São Pedro, que está a 12 ou 15 quilômetros de distância da cidade em questão. Além dessa evidência, o mesmo também apresenta o rumor de 1939, ocorrido na Fazenda Olho d'Água, localizada no município, o de terem sido encontrados artefatos indígenas como: cachimbos, machados de pedra e pedra de uso religioso, segundo relato de descendentes indígenas. O padre também menciona em seu texto, várias citações de Pedro Calmon, Estevão Pinto, entre outros, sobre uma aldeia conhecida como Rodelas, de ramificação Cariri, que teria existido no baixo do São Francisco próximo ao rio Ipanema, sugerindo dessa forma, que fossem esses habitantes Rodelas, os primeiros da região de Belo Monte.

A história mais divulgada e confirmada é que na época da exploração do Brasil, por volta de 1560, foram feitas novas descobertas na subida do rio São Francisco. Até atingirem o rio Ipanema, ali, encontraram uma estrada que permitia penetrar o interior da caatinga e chegar até a cidade de Pesqueira, já no estado de Pernambuco. Foi no ponto exato do encontro entre os dois rios, Ipanema e Velho Chico, assim conhecido o Rio São Francisco pelos habitantes da região, que missionários, colonizadores e comerciantes estabeleceram um núcleo populacional. Esse lugar chamou-se Barra do Ipanema. Que até hoje existe e é um grande ponto atrativo na região do sertão, principalmente para banhistas.

Foi a partir da Barra do Ipanema, que um cidadão, chamado Antônio Soares de Mello, fundou uma fazenda próxima. Essa foi construída em um planalto, junto à margem do rio São Francisco, onde hoje é conhecida como a área urbanizada do município de Belo Monte. O curral da fazenda, atualmente se situa a Praça

Epaminondas Machado; ao lado dela, a Casa da Fazenda ainda se mantém conservada e em algumas rochas ainda se veem escavados, os buracos da Casa Grande. O primeiro nome que recebeu foi Lagoa Funda, por estar próximo a uma lagoa. Segundo relatos, o surgimento dos primeiros sinais de urbanização foi por volta de 1822, sendo elevada a condição de vila em 1866.

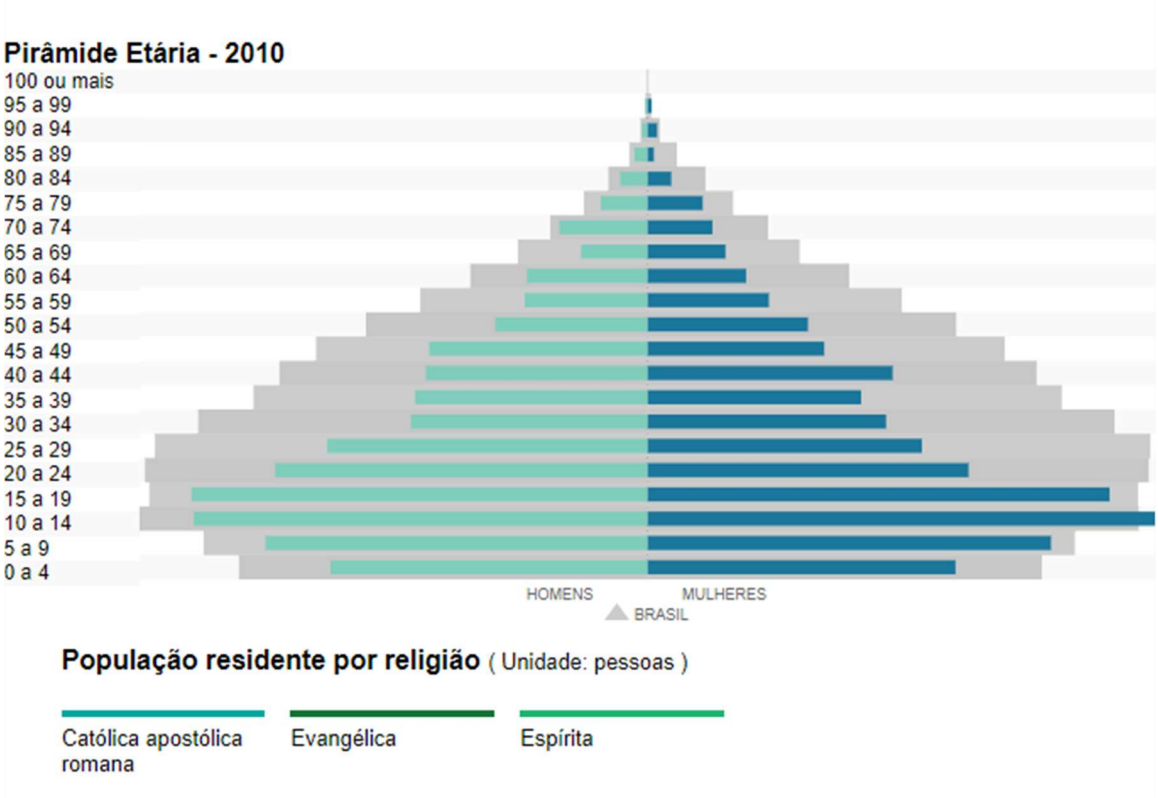
A situação política da cidade é dividida em três fases distintas da história da política brasileira. A primeira diz respeito a época imperial, quando a ainda conhecida Lagoa Funda se torna vila, com o nome de Belo Monte, por decreto do Imperador D. Pedro II. A segunda, já na época da República, é marcada pela perda do direito de cidade, passando a pertencer sucessivamente a Traipu, Pão de Açúcar, voltando a Traipu e por fim ao município de Batalha. Já a terceira fase é marcada por caracterizar a sua emancipação política e dá início a uma nova conjuntura a cidade.

A segunda representa uma etapa da construção da cidade muito marcante, as idas e vindas de emancipação e subordinação política a outras cidades que só foi de fato superado no dia 24º de abril de 1958, aprovada pela Lei Nº 1959, graças aos esforços de vários moradores e apoio do prefeito de Batalha. No dia 1º de fevereiro de 1959, assume o primeiro prefeito nomeado da cidade, Aprígio Machado Feitosa, dando início a era de autonomia de Belo Monte. Na época lhe restou compondo o território, os povoados de Restinga, Olho D'água Novo e Barra do Ipanema.

**A população**

Segundo estudos do censo do IBGE de 2010 (o último realizado), que entre a faixa de 0 à 4 anos, há maior incidência de indivíduos do sexo masculino, enquanto que entre as idades de 5 à 19 anos, essa incidência é maior referente ao sexo oposto. Em contraponto a etapa da infância e adolescência, o começo da adultez na cidade tem majoritariamente maior quantidade de homens, entre 20 à 29 anos. Esse quadro se altera novamente e segue em equilíbrio de alternância até a população idosa. Importante salientar que apesar de existir a predominância de sexo em algumas idades, essa diferença não chega a ultrapassar o número de 50 indivíduos.

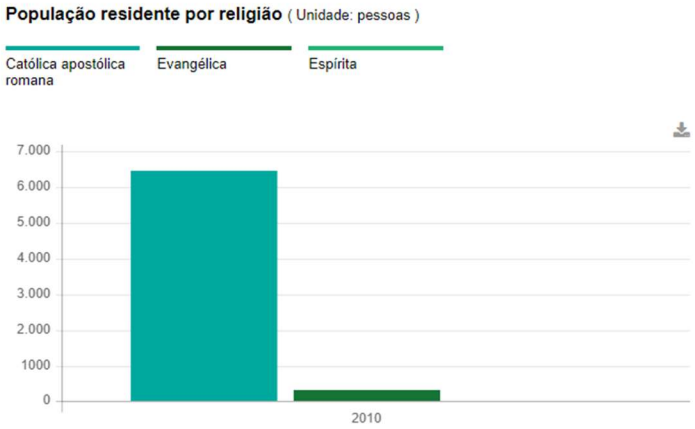
Figura 164 - Pirâmide Etária da cidade de Belo Monte segundo o senso de 2010.




Fonte: IBGE/2010.

Quanto a população residente por religião, o IBGE de 2010 apresenta em números, 6.456 habitantes declarados católicos apostólicos romanos, alcançando quase a marca de 92% do total da população. Já o número de evangélicos marca a porcentagem restante de 8%, com o número de 325. Afinal, foi exibido em estudo há não presença de espíritas e a falta de reconhecimento referente às religiões de matrizes africana, por exemplo, entre outras.

Figura 165 - Gráfico de população residente por religião segundo senso de 2010.




Fonte: IBGE/2010.

**Economia**

Muito da economia da cidade está baseada na subsistência da pecuária e agricultura. É possível identificar na região a prática de aquicultura, principalmente de Tambaqui, além dos caprinos, equinos, galináceos, suínos e bovinos. Sendo esse último disparado como base da pecuária da cidade, o que torna a região conhecida pela produção de leite e derivados (queijo, manteiga, entre outros). No tempo chuvoso a produção de leite na região atinge 30 mil litros diários e ainda na época da seca atinge um número impressionante de 25 mil litros.

Já na agricultura, percebe-se o cultivo pouco expressivo de cana-de-açúcar, fumo, feijão e tomate, enquanto que a sua maior concentração de plantações está destinada para o cultivo de palma forrageira, mandioca e milho. As terras são bem aproveitadas, porém com pouca utilização de maquinário e muita mão de obra, além da falta de racionamento de culturas.

Pode-se apresentar ainda, segundo pesquisa realizada pelo IBGE de censo agropecuária, que a utilização das terras é dividida de um total de 10.345,052 hectares em: 1.449,926 lavouras temporárias, 8.345,915 pastagens naturais, 23.597 hectares de pastagens plantadas em boas condições e 470,999 hectares destinados a matas e florestas. E que o setor é dominado completamente pelo sexo masculino, quantificando em 425 para 73 estabelecimentos com domínio feminino.

No setor terciário, a cidade apenas apresenta uma grande fábrica de extração de minério, a MIBASA (Mineração Barreto S.A.), instalada na região desde o ano de 1981. Produz MB - 4(adubo natural para corretivo dos solos ácidos), o calcáreo dolomítico e a brita, que chega a ser produzida em uma escala que alcança 10 mil toneladas mensais. A empresa chega a fornecer empregos a mais de 50 funcionários, fora os servidores técnicos.

Boa parte da renda dos habitantes da região é originária de cargos públicos municipais, que é a forma alternativa de sobrevivência além da agropecuária. Isso acarreta em um período eleitoral fervoroso, já que o gestor tem o poder de definir quem seriam seus contratados e ocasionalmente quem teria uma renda fixa por tempo determinado. Há também um comércio tímido na área, uma farmácia, uma academia, pequenas vendas de alimentos, uma loja de roupa, uma loja de móveis e assim por

diante, dependendo principalmente de uma variedade comercial da cidade vizinha, Batalha. Assim como pequenas exportações de produtos leiteiros, agrícolas e pescados a nível estadual.

No ano de 2016, o IBGE levantou que o salário médio mensal da população está na casa de 1.8 salários mínimos, sendo esse valor em vigência no ano em questão de R$ 880,00 reais, assim o valor em média seria de R$ 1.584,00 reais. Ainda nesse estudo identificou-se uma proporção de pessoas ocupadas em torno de 5.5% em relação à população total, com um número de 371 habitantes considerados ocupados, estando na 96º posição de 102 municípios alagoanos.

O PIB (Produto Interno Bruto), que representa os bens e serviços finais produzidos por cidade, em 2008 o de Belo Monte alcançava o valor de R$ 3.389,17 reais, em 2016, seu PIB per capita possuía o valor de R$ 9688,61 reais. Estando na 45º posição dos 102 municípios do estado. Apesar desse último dado ser otimista, tem-se que levar em consideração a falta de oportunidades econômicas e o grande nível de desempregados na cidade, em estado de miserabilidade.

**Educação**

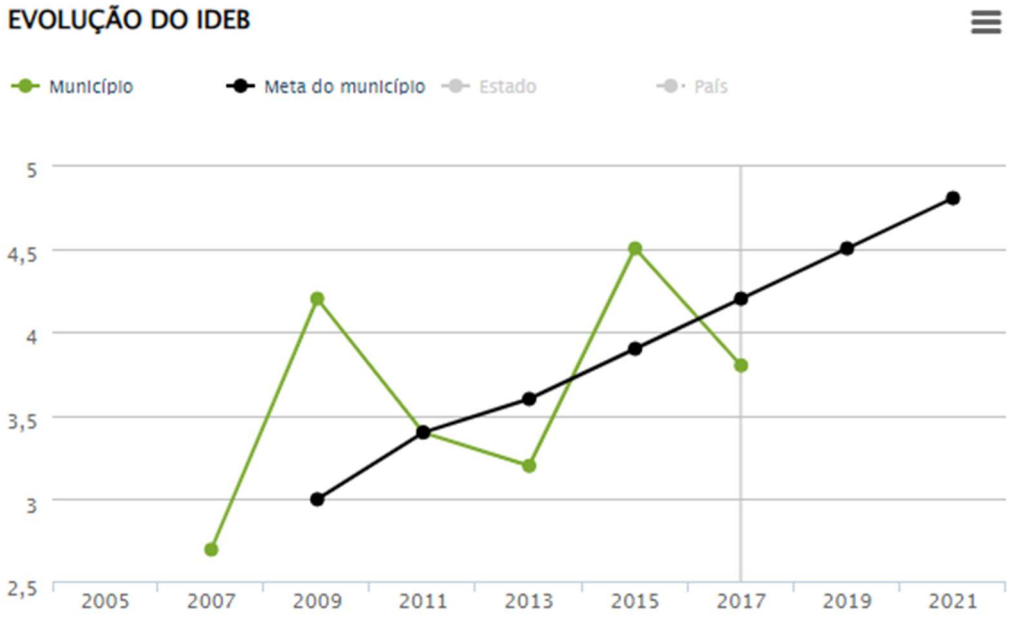
A educação vem melhorando com o tempo na cidade, em 1920, a cidade só possuía duas escolas públicas de nível primário mantidas pelo estado, além de uma na Restinga. Na época e por muito tempo, Belo Monte esteve na dependência de cidades vizinhas, mas principalmente da cidade de Batalha para levar educação a população.

Em 2009, a cidade já contava com um grupo escolar municipal e outro em Olho d'água Novo, escolas rurais que já abrangiam povoados como Restinga e Barra do Ipanema. Atualmente a cidade é equipada com 7 escolas municipais atuantes de ensino fundamental, são elas: Escola Coronel Joaquim Freitas Melro, Escola Irmã Verônica, Escola João José de Melo, Escola Raimunda Souto Feitosa, Escola Santo Antônio, Escola São José. E uma estadual que abrange o ensino médio, a Escola Sampaio Dória. De ensino primário, existem 6 creches, a Creche de Olho D'água Novo, a Creche de Piranhas, Creche Dona Betinha, Creche Recanto da Paz, Creche Santo Antônio e Creche São José. Em duas delas possui o ensino especial do EJA,

educação para jovens e adultos, para aqueles que não tiveram oportunidade de ensino fundamental e médio na idade recomendada.

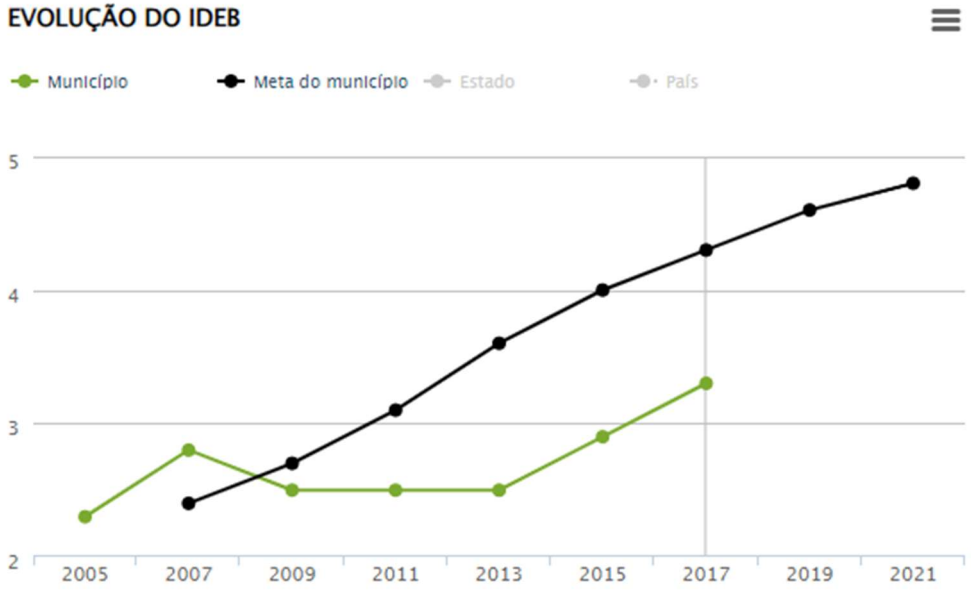
Analisando o IDEB (Índice de Desenvolvimento de Educação Básica) que foi criado em 2017, com o objetivo de quantificar o aprendizado nacional e funcionar como qualificador da educação do Brasil. Pode-se perceber como se encontra a educação em nível municipal assim como verificar se as metas estão sendo ou não alcançadas segundo o índice. A nota média foi de 3.8 no IDEB, para os alunos dos anos iniciais (1º ao 5º ano fundamental) da rede pública. Para os dos anos finais (6º ao 9º ano fundamental), a nota foi de 3.3. Nem um dos dois números alcançou a média esperada para o ano que seria de 4.2 e está bem longe de alcançar a nota ideal de 6.0.

Figura 166 - Evolução do IDEB em Belo Monte para os anos inicias do ensino fundamental.




Fonte: QEdu.org.br. Dados do Ideb/Inep (2017).

Figura 167 - Evolução do IDEB em Belo Monte para os anos finais do ensino fundamental.




Fonte: QEdu.org.br. Dados do Ideb/Inep (2017).

Segundo estudos do QEdu de 2017, em comparação a nível estadual e federal, a cidade possui 31% de taxa de aprendizado para os anos iniciais do ensino fundamental, representando 44 alunos de 143, contra 39% de Alagoas e 56% do Brasil. Enquanto que para os anos finais do ensino fundamental, a mesma possui 21%, 17 alunos com aprendizado adequado de 75 alunos, contra 24% do estado e 34% do país. Colocando a cidade em uma posição bem crítica quanto a eficiência da educação no município, entretanto apresentando uma melhora ao longo dos anos, se em 2013 a cidade apresentava 8% de taxa de aprendizado, em 2015, passou a 15%, alcançando 23% em 2017.

É evidente que a cidade tem muito o que evoluir ainda no quesito educação, como os dados apresentando acima reiteram, mas também é preciso reconhecer o crescimento que o âmbito vem tendo aos longos dos anos. Ainda há muito o que ser feito e a educação pública ainda não consegue garantir uma boa qualidade de ensino, apesar de agora conseguir suprir com o mínimo que é disponibilizar algum tipo de educação. Ainda não se oferece muitas vagas referentes ao ensino médio, o que caracteriza um grande número de evasão das escolas nessa etapa e a falta de acessibilidade de educação superior dificulta o crescimento escolar da população, que só possui acesso a esse tipo de ensino, a distância e de financiamento particular na cidade vizinha de Batalha ou se deslocando a cidades maiores como Delmiro Gouveia ou Arapiraca.

**Saúde**

Há pouca informação divulgada e disponível a respeito do setor da saúde pública em Belo Monte, pouco se têm levantado no órgão responsável por gerir essas informações e o que se tem é a nível básico como Censo e informações gerais recolhidos por órgão mais abrangentes.

A cidade é munida atualmente segundo a secretaria de Saúde municipal de 3 Estratégias Saúde de Família que configuram os postos convencionais de atendimento à saúde, 3 médicos do programa 'Mais Médicos', além de 2 médicos efetivos. Dados do Portal de informações do Brasil divulgam que haviam 7 estabelecimentos disponíveis para atender a saúde pública dos belmontenses em 2005. Nenhum que oferecesse internação do paciente e apenas um com um serviço especializado não discriminado.

Ainda utilizando informações recolhidas pela secretaria responsável local, são atendidas cerca de 1000 pessoas mensalmente nos 3 ESF (Estratégia de Saúde da Família) disponíveis na localidade.

Dados do último censo de 2010 revelam que a taxa de mortalidade infantil média da cidade é de 52.08 para 1000 nascidos. Ocupando a 2º colocação de município com maior taxa do estado de Alagoas. Além da escassez em funcionários especializados, como médicos e outros profissionais da área da saúde.

Como pode se notar a partir das informações levantadas a saúde da cidade ainda é muito limitada ao atendimento de saúde básico e geral. Em casos mais graves ou que exijam um nível de especialidade mais alto, os cidadãos novamente voltam a depender de redes públicas de saúde em cidades vizinhas, como Batalha.

**Social**

O índice de Gini de Belo Monte é de 0,36, é ele que determina uma estimativa de desigualdade social de um determinado local, a partir de um comparativo entre 20% da população mais rica com os 20% da população que está no outro extremo da pirâmide, informando que o valor 0, significa a igualdade.

## A paisagem

A região é castigada pelo clima semiárido quente e seco, por estar situada na Zona Rural Fisiológica do Sertão do baixo do São Francisco. Sua temperatura varia entre 38º, a mais alta à mais baixa de 22º. Suas estações são limitadas em apenas duas bem definidas, inverno com chuvas fracas e verão com fortes chuvas.

*Figura 168 - Paisagem se seca da região de Belo Monte.*

Fonte: elaborada pelo autor, 2019.

Figura 169 - Animal morto pela seca do sertão.

Fonte: elaborada pelo autor, 2019.

Possui a sorte de ter em seu território muitos recursos hídricos, o principal deles é o Rio São Francisco, que margeia 36 quilômetros da cidade de Belo Monte, e é um dos seus principais geradores econômicos, funciona como amenizador climático e adere a cidade uma paisagem admirável de cidade ribeirinha. Além desse grande rio, ainda existem o Rio Ipanema que ocupa uma extensão de 12 quilômetros do município, apesar de diferente do Velho Chico, não ser navegável. Em limite com o município de Pão de Açúcar, há o rio Jacaré, além deste possui os riachos do Papagaio, Loango, Algodão, Pilões, Boqueirão, Canudos, Pé-Leve e Volta Grande; as lagoas: Funda, Salgado ou da Passagem, Prazeres, Jacobina, Várzea das Queimadas e Restinga.

Figura 170 - Margens do São Francisco na cidade de Belo Monte.

Fonte: elaborada pelo autor, 2019.

Figura 171 - Praia do povoado de Barra do Ipanema.

Fonte: elaborada pelo autor, 2019.

A paisagem também é composta por serras, sendo a mais importante delas a das Porteiras, com 494 metros de altura. Além desta, existe a Serra do Salgado, morada da sede da CASAL (Companhia de Saneamento de Alagoas), a da Várzea das Queimadas, que se prolonga com o nome de serra do Cal, até alcançar a serra do Meio, marcada pelas pedreiras, calcárias e marmóreas. Onde situa-se a Indústria da MIBASA.

Figura 172 - Serras a beira do Rio Ipanema em Belo Monte.

Fonte: elaborada pelo autor, 2019.

O ambiente é composto pela vegetação do tipo da Caatinga, com árvores de médio porte de copa rala e de caules tortuosos, pelas cactáceas (mandacarus, xique-xiques, facheiros, entre outros), de macambiras e gravatás. Essa vegetação se altera em pequenos pontos, como os altos das serras, mas com pouca imponência dentro do mar de caatinga que compõe o cenário do sertão. Infelizmente boa parte dos exemplares de mata catingueira foi/está sendo desmatada para dar lugar a pastos e agricultura.

Figura 173 - Exemplo de vegetação local, cactáceas.

Fonte: elaborada pelo autor, 2019.

Para completar, a fauna dá um toque a mais a região com poucas espécies existentes, já que a região da caatinga não favorece a vida dos animais. Muitos destes sofrem com a caça ilegal, o que torna as espécies residentes da região quase extintas, como o caso dos veados, tatus, teiús, entre outros. Ainda há uma grande gama de pássaros e peixes nativos.

Na cidade, a paisagem é composta por casas autoconstruídas, sem muros e de tipologia de fachada com característica em porta e janela. Algumas apresentam revestimento cerâmico, mas a maioria continua sendo pintada em cores vivas e alegres. Há poucas, mas existem tipologias que arquétipos de moradias que fogem a esse padrão como é o caso de algumas residências com dois pavimentos e algumas com caráter mais modernista, sendo reflexo de mudanças e reformar recentes. Belo Monte ainda apresenta alguns edifícios de valor patrimonial histórico, como a próprio edifício ocupado pela prefeitura atualmente, entre outros casarões de relevância simbólica e arquitetônica.

Figura 174 - Tipologias de casas na cidade com fachada em porta e janela.

Fonte: elaborada pelo autor, 2019.

Figura 175 - Exemplar de edifício histórico, antigo prédio ocupado pela secretaria de Educação.

Fonte: elaborada pelo autor, 2019.

Figura 176 - Exemplar de casa em dois pavimentos na cidade.

Fonte: elaborada pelo autor, 2019.

Espaços verdes e de interação também existem na cidade, como é o caso da Praça da Entrada do município, a Praça do Amor, a Praça do Urubu e a Praça da Igreja Nossa Senhora do Bom Conselho, que também possui um edifício de valor histórico e sentimento a igreja de mesmo nome.

Figura 177 - Praça Nossa Senhora do Bom Conselho.

Fonte: elaborada pelo autor, 2019.

Figura 178 - Praça do Amor.

Fonte: elaborada pelo autor, 2019.